

@Verdade

RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

Tiragem Certificada pela **KPMG**

twitter.com/verdademz

www.verdade.co.mz

Jornal Gratuito

Sexta-Feira 16 de Agosto de 2013 • Venda Proibida • Edição Nº 249 • Ano 5 • Fundador: Erik Charas



Procura-se



Cidadão desalojado e enganado

Sociedade PÁGINA 06



Os melhores do Atletismo nacional

Desporto PÁGINA 22

Yannick e Cidália continuam desaparecidos

Yanick Macedo, de um ano e nove meses de vida, e Cidália Adelino, de dois anos de idade, desaparecidos da casa dos pais, há um mês, nos bairros de Muahivire-Expansão e Naticiri, na cidade Nampula, continuam em parte incerta. Contudo, a Polícia, segundo o porta-voz Miguel Bartolomeu, está no encalço de um cidadão estrangeiro indiciado de ser o raptor de Yanick.

Informações sobre Yanick contacte 84 38 90 831

Informações sobre Cidália contacte 84 60 14 654



www.verdade.co.mz

MURAL DO POVO

"NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROÍBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS" - CARLOS CARDOSO

Ausência da Polícia

Ladrões roubam, violam e enganam inocentes. O Governo numa boa. Onde estão os blindados e os jactos de água para lutarmos contra este mal? Só quando é greve dos antigos combatentes a F.I.R. está lá! E hoje???

Polícia

Por onde anda a Polícia? Nos tempos de greve de chapas estavam cheios nas estradas lançando gases. E

agora que a população precisa deles ficam no quartel a jogar damas. Afinal quem zela por nós? Deixam a patrulha para a população Quem recebe no final do mês é a população?

Insegurança

Sou XXX de 19 anos, estamos a pedir ajuda na Matola Gare. Toda a população dorme fora, diz-se que é para andarmos atrás dos engomadores e violadores. Onde

é que deixo a minha mulher se eu sair? Porque é que o Governo não manda um grupo de polícias para os bairros?

G20

Socorro! Socorro! A população está a acabar. Agora que há estragos do grupo G20 não precisam dela, mas na hora de votar vão precisar. Apelamos a quem de direito que tome medidas.

MURO DA VERDADE - Av. Mártires da Machava, 905



Sérgio Fernando @
FernandoSrgio #Nampula, 39
professores com mais de 10 anos
de exercício em Erati-Namapa
nao recebem salario desde o mes de Janeiro
deste ano @verdademz



Edson Langane @justEdson "@
verdademz: Presidente
#Guebuza afirma que há
criminalidade mas não da
dimensão da onda de agitação existente em
#Maputo #Matola. Lamentavel



Alfredo Manjate @AlMero05
Para a delegação da Renamo o
impasse continua e só é possível
ultrapassa-lá com intervenção do
Chefe do Estado. @DemocraciaMZ



Nelson Carvalho @
NelsonCarvalho @verdademz
#Nampula alunos da Escola
Secundária de Napipine
atrasados São cobrados 5mts para entrar.
twitpic.com/d82gyt



Bacdafucup @TheGoonSensei @
verdademz Estudo diz que
Guebuza é o homem mais rico do
país - mais rico que Barack
Obama. comunidademocambicana.blogspot.
com/2013/08/mocamb...



Carlito @bobbykamazu @
verdademz falasse de chuvas de
estrelas cadentes pelo midias
internacionais vcs tem algumas
info se ira passar pelos céus de Moçambique ?



Dércio Ernesto @ByDercioLoL @
verdademz 00h17 Eu aqui (em
casa) e já oiço lá fora os apitos...
facto, já iniciou a patrulha no
meu bairro (Laulane). Deveras preocupante



Vilankulo FC @VilankuloFC Neste
momento encontramos-nos no
aeroporto de Maputo a
embarcar para Nampula @



DesportoMZ pic.twitter.com/KcIntg4wqy



Zafenate Paneia @_Jerry_
jeremias "@verdademz: Ministro
do Interior nega a existência de
"engomadores" e "violadores"
na #Matola verdade.co.mz/nacional/39051"
F*** DESSE



Sonia FN Muchate @FNSonia @
DemocraciaMZ Atitude da PRM
perante o sofrimento das
populacoes vitimas da
inseguranca.Xiconhoca: Ministro do Interior
Alberto Mondlane



Gyl Correia @gyl_correia @
DemocraciaMZ #Governo
#Renamo #Maputo #diálogo
#Moçambique. Eu atw ja sei o
resultado desta negociacao: SEM CONSENSO!



Leonel Mendes @Leonel_
Mendes #QUELLESURPRISE @
DemocraciaMZ: terminou a 15a
ronda #Diálogo entre o #Governo
e a #Renamo mais uma vez sem consenso pic.
twitter.com/SJLAVHUA9"



El Majugar @Adao_Massaramo
@DemocraciaMZ Qual e o papel
daqueles que este povo elegeu e
que prometeu seguranca?

Seja o primeiro a saber.
Receba as notícias
d'@VERDADE no seu
telemóvel.

Envie uma SMS para o nº 8440404

com o texto: **Siga verdademz**



Editorial

averdademz@gmail.com

Incapacidade

O clima do medo já está mais do que instalado. E enquanto a retórica oficial prega a oração segundo a qual tudo não passa de boatos, os residentes dos bairros não dormem para não acordarem sobresaltados durante a vigília. Estamos, enquanto país, naquele ponto da casa sem comida. Ou seja, todos ralham e ninguém tem razão.

Populistas que somos, evocamos a capacidade da Polícia da República (PRM) de Moçambique quando se trata de uma manifestação desencadeada pelos enteados da pátria. Esquecemos, no meio da euforia, que os enteados da pátria não se escondem e circulam na via pública onde a possibilidade de repressão é extremamente fácil. Trata-se, portanto, de duas situações diferentes e que exigem, por isso, respostas igualmente diferentes. Reprimir indivíduos que queiram expressar a sua cidadania e gozar do seu direito de discordar dos métodos do Governo não é o mesmo que lutar contra o rosto invisível do crime.

Aliás, o contexto do surgimento da nossa periferia é, em si, um campo fértil para a expansão do crime. Se acrescentarmos aos problemas estruturais dos nossos bairros a tão certa possibilidade de a PRM não ter, de forma alguma, vocação para combater qualquer espécie de crime não é preciso muito para colocar uma província à beira de um ataque de nervos. A fotografia de um artigo que retrata um caso de violência doméstica, que teve lugar no Brasil, reflecte a expressão máxima do clima do medo que vivemos. A dita imagem circulou pelas redes sociais como a prova da malvadez do propalado grupo “G20”.

Com excepção de um indivíduo que se aproximou do @Verdade para partilhar os castigos que sofreu nas mãos de 11 malfeitores há muitos poucos casos dados como certos. A PRM confirma que 15 elementos assaltaram, violaram e “engomaram” uma das suas vítimas em São Dâmaso. Em T3 foram reportados dois casos de assalto e posterior violação. Não se trata, diga-se, de um número de ocorrências para colocar cidadãos sem dormir. Contudo, é mais do que suficiente para a PRM mostrar que é capaz de garantir a segurança dos cidadãos deste país que trabalham de sol a sol e pagam religiosamente os seus impostos.

Sem vítimas reais não é, para qualquer pessoa sensata, possível acreditar no “G20”. Mesmo por uma questão de lógica. E mesmo pela lógica continua impossível crer na capacidade da PRM para combater o crime. Aliás, as justificações segundo as quais os populares não colaboram resultam de uma manifestação de incapacidade gritante de a PRM cumprir o papel de garante da tranquilidade pública. Portanto, o que ficou demonstrado de forma categórica é que somos um país sem segurança. E isso acontece depois de sairmos do perímetro do cimento. Isso para os pobres. Porque os ricos são raptados em qualquer ponto deste país inseguro...



Boqueirão da Verdade

“O Estado não está a conseguir cumprir com a sua principal missão: A segurança! Perante este facto há que convocar o GOVERNO a DEMITIR-SE imediatamente. O Governo que permite a instalação do medo e do caos na capital do país não deve ser tolerado... O povo precisa de acordar do sono profundo e responsabilizar aqueles que de forma irresponsável supostamente nos dirigem!”, **José Belmiro**

“...A existência de um grupo composto por 20 homens, baptizado por “G20”, é um boato propalado com o intuito de aterrorizar os moradores, implantar insegurança e medo nos bairros, bem como desacreditar o trabalho da Polícia”, Alberto Mondlane, ministro do Interior

“A Polícia diz que não tem meios para combater a criminalidade nos bairros periféricos de Maputo e Matola... Entretanto, se os residentes desses bairros decidirem marchar até os edifícios das “Autoridades” no centro da cidade, em protesto pelo facto de não dormirem à noite porque estão em grupos de vigilância a protegerem as suas casas e famílias, a cidade vai ficar decorada com um efectivo tão grande ou maior do que aquele que anda lá para as bandas de Gorongosa “a assistir Dhlakama”... A nossa Polícia não tem carro, energia e “chambocos” na esquadra para proteger a população nos bairros... mas tem carros blindados, canhões de água e gás lacrimogénico, e até cães bem gordinhos, para reprimir os descontentes e proteger as autoridades...”, **Zenaida Machado**

“Pergunta: Alguém se lembra de um caso – em qualquer parte do mundo – de um Presidente da República que tenha ido visitar uma localidade, e a população local não o tivesse recebido ou escutado os seus discursos? Um caso que seja...”, **Idem**

“Irmãos da imprensa alternativa do país, se vacilarmos vamos ser julgados pela história. Vejam o que se está a passar na TVM. O assunto é muito mais sério do que se imagina. Não podemos hipotecar o futuro deste nosso país a estes gajos que usam estes lacaios que perfilam na TVM a maldizer o nosso trabalho! Isto é uma guerra e vencerá o bom senso e a honestidade. A liberdade foi conquistada com muita dor e sangue! Não deixemos que estes loucos nos roubem a liberdade! Viva a liberdade!”, **Matias de Jesus Júnior**

“Eu sinto-me envergonhado por ser governado por este bando de incompetentes! Como é que se explica o acantonamento de um Super Polícia como António Frangoulis num Estado dominado por pessoas sem ciência? Até quando vamos continuar às mãos destes incompetentes? Chega a irritar, pah!”, **Idem**

“O Estado está de férias e a Polícia demissionária. Os modelos de acção e reacção da nossa Polícia estão esvaçados, ultrapassados. Os sistemas Judicial e Judiciário estão em crise, estag-

nados no tempo e, a cada dia que passa, perdem o crédito das pessoas. (...) e nós, que há já muito tempo vimos dizendo isso, somos chamados criticistas”, António Frangoulis

“A população não pode, de maneira alguma, substituir o Estado na provisão da sua própria segurança e tranquilidade públicas. Exigimos mais do que até agora tem sido feito. Não somos cidadãos de segunda, de terceira ou de última categoria. Queremos viver as nossas vidas em paz, com a mesma sensação de segurança que vocês, nossos governantes, têm experimentado todos os dias. Os mesmos polícias que protegem as vossas mansões, condomínios e derivados têm também que nos proteger, de igual modo!”, **Edgar Barroso**

“Onde estão os polícias que de seis em seis meses são treinados em Matalane? Para não perguntar onde está a Força de Intervenção Rápida (FIR) que maltrata os que constitucionalmente manifestam e reivindicam os seus direitos? Não seria esta a oportunidade para a FIR mostrar a sua musculatura combatendo e maltratando os criminosos?”, **Bancada do MDM**

“Dada a incapacidade demonstrada pela Polícia moçambicana de combater o crime, o Governo deve alocar uma verba para as populações do bairro de Fomento, Khongolote, Tsalala, Nkombe e tantos outros das cidades da Matola e Maputo para que estes possam comprar catanas, machados, enxadas e ainda dar salários para os escalonados nas rondas nocturnas”, Bancada da Renamo

“As evidências de todo o mundo indicam que a transformação de um movimento de libertação para um partido político que tem a capacidade de assumir a inteira responsabilidade pela questão de um país é um processo doloroso, difícil e longo. Doloroso e difícil como governar um Estado que requer outras habilidades, outra abordagem e por isso talvez outras personalidades e outros líderes sem ser os que lideraram a luta de libertação”, Roeland Van de Geer

“Quando políticos e governantes próximos, íntimos, coniventes, cúmplices carimbam pleitos eleitorais de livres, justos e transparentes com evidências suficientes de manipulação de listas de eleitores, diminuição do número de mesas no maior círculo eleitoral, nomes de pessoas mortas constantes de cadernos eleitorais, impedimento efectivo de voto através da transferência geográfica de nomes até distâncias de 200 quilómetros, a pretensão não terá sido decerto para ver os cidadãos votando em liberdade”, Noé Nhantumbo

“O poder transformou-se numa “mercadoria” que se deve manter a todo o custo e para isso os governantes de alguns dos nossos países preferem hipotecar recursos nacionais valiosos a quem lhes ofereça armas e dinheiro do que submeter-se ao veredicto popular...”, **Idem**

OBITUÁRIO:

Alexe Simões Ferreira
1978 – 2013
35 anos

Os restos mortais do escultor Alexe Simões Ferreira, ou simplesmente Alexandria, vão a enterrar hoje, sexta-feira, às 10 horas, no Cemitério de Lhanguene, em Maputo. Mas antes, entre as 8 e as 9 horas, será realizado um velório na Associação Núcleo de Arte.

Alexe foi assassinado na noite de sábado, 10 de Agosto, na zona do Quilómetro-16, no Posto Administrativo da Matola-Rio, em Boane, confundido com os malfeitores que instalaram um clima de pânico nas cidades de Maputo e Matola.

A relação artística de Alexe, que segue as pegadas do pai, o conceituado escultor Simões Ferreira, inicia em 1990. Nessa altura, Alexandria mostrou habilidades peculiares na moldura e aplicação de madeiras, pedra, sabão, incluindo outros materiais metálicos gerando objectos artísticos. As suas primeiras obras foram exibidas na Feira de Artesanato de Maputo até que, mais tarde, passou a realizar exposições colectivas e individuais em ‘workshops’ de especialidade, incluindo outros eventos culturais em Moçambique e no estrangeiro.

Um detalhe de uma das suas esculturas, “Jingga, a última viagem para o céu” (objecto de discordância entre a Plural Editores Moçambique e o artista, devido às questões ligadas ao Direito do Autor) pode ser apreciado na capa do livro da disciplina de Educação Visual da 9ª Classe do Ensino Secundário Geral.

Alexandria também foi membro da Lattice, uma organização dos Estados Unidos da América, que congrega professores de várias áreas de ensino. Em Moçambique, as suas obras estão representadas em diversas instituições privadas e públicas. Com a sua eterna partida instala-se um grande vazio na escultura moçambicana.

Espancado até encontrar a morte, o escultor foi vítima da fúria popular. Quando disseminada, a informação sobre a sua morte –, definitivamente, inoportuna – chocou os seus familiares, amigos e admiradores da sua arte, em Moçambique e fora do país.

Por exemplo, a opinião de um dos seus amigos, cujo nome não revelaremos, expresso no facebook, não só resume o sentimento de muitos dos seus próximos, como também revela a revolta que essa perda gerou. “A cultura é o sol que nunca desce e os artistas são as antenas da sociedade, verdadeiros obreiros da revolução de um futuro melhor para o povo. O artista não é inimigo do povo, aliás ele já é o povo na sua intrínseca representatividade. O artista não é nenhum criminoso, ladrão, assassino muito menos um agente do mal. Por isso, ele nunca deve ser ‘confundido’ com bandidos armados e ‘Xiconhocas’ que estão ao serviço do crime”.

“Infelizmente foi isso o que aconteceu com a vida do jovem artista escultor, poeta, pensador, dramaturgo, activista social, pai, filho, amigo, primo, sobrinho, neto, e colega Alexandria Ferreira”.

“Ele foi vítima da ignorância e injustiça popular que resulta da ineficácia governativa de um Governo de camaradas corruptos, assassinos, ladrões e vilões apelidados de líderes. Maldita seja essa raça de abutres, carniceiros, sanguessugas e vampiros que calaram a voz do nosso irmão, sentenciando-o, injustamente, à morte. Neste momento, o ministro do Interior devia renunciar às suas funções em reconhecimento dos inúmeros fracassos registados na má actuação da sua Polícia. Mataram o nosso irmão, mas o seu legado artístico permanecerá, eternamente, vivo e ativo no museu cultural da humanidade”.

Alexe Simões Ferreira nasceu em Dezembro de 1978, em Maputo. Deixa viúva e dois filhos menores. Paz à sua alma!

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana.
@Verdade traça em breves linhas as motivações.

Alberto Mondlane

“Que Mondlane venha viver no meu bairro. Ele só diz que se trata de boato porque a família dele nunca foi vítima de ladrões”, disse um leitor. Outro sentenciou: “queria ver se ele fosse violado como o meu vizinho para ver se diria que se trata de boato”. Os leitores escolheram, com razão, Alberto Mondlane como Xiconhoca da semana. Reduzir o problema de insegurança nos bairros ao mero boato é brincar com coisas sérias. É que estamos a falar de bairros sem esquadra e sem efectivo policial. Ficaria bem ao bom do Mondlane vir anunciar publicamente que o seu ministério vai investir na colocação de esquadras e postos policiais em todos os bairros. Com o que disse, a capa de Xiconhoca, como afirmam os nossos leitores, fica-lhe muito bem..

“Patrulhadores” oportunistas

Uma pessoa desonesta pode manchar as mais nobres intenções de um grupo. É como aquela história do peixe podre. As pessoas não podem andar de noite por causa destes indivíduos que aproveitam a camisola da patrulha comunitária para saquear e molestar cidadãos honestas. Quebram vidros dos carros, revistam pessoas e ficam com os seus bens. Alexandria, um artista de mão cheia e com muito por viver, foi linchado por este grupo de “patrulhadores”. Alguns, diga-se, são responsáveis por mais desordem do qualquer grupo de malfeitores. É que estes oportunistas contam com uma vantagem: estão licenciados para molestar e roubar. Xiconhocas da pior estirpe.

José Aniceto

Nos últimos dias, os vendedores do Mercado Municipal de Gurúê, na província da Zambézia, têm vindo a mostrar-se agastados com a gestão de José Aniceto. Motivo é o que não falta: o Conselho Municipal daquela urbe não observa as normas básicas de higiene. O principal local de comércio daquela autarquia debate-se com problemas relacionados com a falta de remoção de lixo, de casas de banho, e da situação de infiltração de água em tempos chuvosos, dentre outras situações que constituem um atentado à saúde pública. Mas a verdade seja dita: não se podia esperar outra coisa de um Xiconhoca.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2A8BBEFA) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.



Xiconhoquices

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Confrontos armados

Já perderam graça. Se é que alguma vez tiveram graça os confrontos armados entre as forças governamentais e os guerrilheiros da Renamo. Não faz sentido que inocentes continuem a morrer sem saber porquê, sobretudo porque os sinais dos tempos mostram que a intenção de toda aquela encenação mascarada de diálogo, no Centro de Conferências Joaquim Chissano, é continuar a ceifar vidas de cidadãos inocentes em nome de uma pátria que não quer saber deles e de uma oposição que, quando apetece, ataca civis indefesos.

É muito sangue derramado no altar da arrogância. Trinta e seis cidadãos perderam a vida deste que a carnificina começou. Curiosamente, o Presidente da República advoga a paz, mas surpreendentemente deixa que enviem cidadãos mal treinados para a boca do canhão. O discurso não pode, de forma alguma, ser contrário aos actos que se praticam. Este nível de Xiconhoquice vai dando, sem nos apercebermos, cabo de cidadãos inocentes que não podem ser responsabilizados pelos problemas mal parados que deixam desavindos os donos do país. O silêncio das autoridades é deveras preocupante. As notícias dão conta da transferência de feridos de uma província para outra somente para desviar os órgãos de informação. Isso é vergonhoso.

Orçamente Rectificativo

A proposta do Orçamento Rectificativo (OR), aprovado na semana finda pelo Governo, é uma Xiconhoquice capaz de colocar os cabelos em pé de qualquer cidadão que tenha firmado, ainda que frágil, um acordo com o bom senso. É que não se pode falar de cheias quando a ideia central de tal OR é dotar a Presidência da República, as FADM, o Ministério da Defesa e do Interior de mais dinheiro. Para que fins? Ninguém diz. Trata-se, como é normal no país do deixa-andar, de um esquema congeminado no esgoto da mais fétida sacanice. O pior mesmo é que o OR não altera nenhuma rubrica do Plano Económico e Social e ainda assim aumenta a despesa pública de forma tão artilosa. Se todas as acções previstas no PES/2013 estão orçamentadas, como é que se pede mais dinheiro sem acrescentar ao documento em questão novas actividades? Só pode ser Xiconhoquice.

Em ano de eleições tudo é possível e não nos espantáramos se boa parte desse dinheiro fosse desaguar numa conta para financiar campanhas eleitorais de um partido que pode tudo. Até porque ninguém sabe em que lugares e de que forma esse dinheiro será usado em prol das vítimas das mais recentes calamidades naturais.

Saúde

Moçambique é, definitivamente, um país de vinganças. Um país onde é impossível protestar sem ser rotulado, de imediato, como inimigo do desenvolvimento ou agente da oposição. Não há, neste rochedo à beira-mar, meio-termo. Os médicos que o digam. É que depois da greve muitos estão a ser alvos de processos disciplinares e reformas compulsivas. Tudo isso para satisfazer os espíritos medíocres das lideranças deste país. Como quem diz: “não se brinca com os donos do país. A culpa é tua por ousares trilhar, neste contexto, o caminho da cidadania e da militância dos direitos. Aqui quem manda somos nós. Tudo o que fizeres em prol da tua classe será usado contra ti”.

As estatísticas são claras e mostram da forma mais eloquente possível que ainda não somos um país para dispensar os bons préstimos do pessoal médico. Quanto mais para arrancar com uma série de vinganczinhas que só servem para insuflar o ego de quem pensa que manda nas pessoas e no país. Nenhum dirigente sério pode colocar o seu povo no mais profundo sofrimento porque não gosta dos olhos de um médico. Há coisas com as quais não se deve brincar. Grande Xiconhoquice...

A Polícia pode estar certa ao negar a existência da gangue de “engomadores”

A existência de um grupo de assaltantes de residências composto por 20 elementos, por isso, conhecido pelo cognome “G20”, tornou-se uma conversa vulgar. No bazar, “chapa 100”, dentre outros lugares, tornou-se corriqueira a menção a essa suposta quadrilha que, para além de assaltar domicílios, agride fisicamente, viola sexualmente e passa a ferro o corpo das suas vítimas como forma de coagi-las a revelar os locais onde guardam dinheiro e outros bens valiosos.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze

Dos vários casos que registámos a partir de denúncias de cidadãos, de contactos com a Polícia e com as unidades hospitalares de Maputo e Matola, verificámos a ocorrência de vários crimes relacionados com assaltos, agressões físicas e violações sexuais de cidadãos de ambos os sexos.

Entretanto, não foi possível identificar, até ao fecho da presente edição, a existência de alguma vítima que tenha sido torturada com um ferro de engomar pelo “G20”, excepto um cidadão cujo caso é confirmado pela Polícia, e que teve lugar em Julho passado, no bairro de São Dâmaso, no município da Matola. Não tivemos evidências ainda de avisos que alegadamente têm sido afixados em algumas casas a anunciar que os proprietários das mesmas serão as próximas vítimas dos meliantes.

Aliás, semanas dias depois dos patrulhamentos feitos por populares como forma de estancar a criminalidade nas suas comunidades, começou-se a ouvir várias correntes de repúdio, uma vez que havia desmandos e aproveitamentos no meio desse trabalho. O que no princípio era uma tarefa comunitária aparentemente organizada, transformou-se numa bandalheira que culminou com algumas mortes de pessoas inocentes, das quais o escritor Alex Ferreiras (de nome artístico Alexandria), por ter sido confundido com um integrante do bando em apreço.

Desde que se começou a falar do assunto que actualmente agita, pavorosamente, os moradores dos municípios de Maputo e da Matola, para além de informações que têm sido propaladas por diversos órgãos de comunicação social, sobretudo pelas redes sociais, o @Verdade recebeu várias denúncias de cidadãos que supostamente teriam sido torturados com o ferro de engomar pelo “G20”. Contactámos uma parte significativa desses compatriotas, porém, o que constatámos é que ninguém se identifica como vítima “engomada”, mas sim, assaltada, agredida fisicamente ou violada sexualmente.

Os roubos nas residências e as agressões físicas na via pública já se transformaram em assuntos corriqueiros em diversos pontos do país, principalmente nas cidades de Maputo e Matola. Disso a população queixou-se várias vezes e passou a não fazer caso a partir da altura em que a Polícia se revelou incapaz de estancar tais actos. Mas a ira da população exacerbou-se quando uma notícia dando conta da existência de um grupo assaltantes, “engomadores” e “violadores sexuais” correu mundo em princípios de Julho passado.

O patrulhamento colectivo, diga-se, até certo ponto desorientado, foi a primeira reacção popular. Todavia, a corporação foi sempre firme num aspecto: o da ausência de “engomadores”. “Pelos dados que a Polícia tem em seu poder, este estado de medo não encontra justificação nos factos que ocorrem. A sua justificação deriva de uma situação de boatos que são desenvolvidos por pessoas



desonestas. Não é uma situação real... é boato. E, por causa disso, a nossa população está a sofrer”, disse o ministro do Interior, Alberto Mondlane.

Se na altura em que tais afirmações foram televisionadas, radiodifundidas e postas a circular, também, pela imprensa escrita, soavam como uma desculpa perante a recorrente inoperância da Polícia, hoje, com certeza, se pode dizer o contrário: a corporação tinha razão. Não existem “engomadores” até que algum cidadão prove o contrário.

Para reforçar essa tese, a nossa Reportagem visitou as duas maiores unidades sanitárias da capital moçambicana (hospitais Geral José Macamo e Central de Maputo) para apurar se alguma vítima “engomada” pelos malfeitores teria sido assistida numa delas. Para nossa surpresa, nenhum livro de registo dá conta disso. Contudo, foi-nos confirmada a existência de pessoas que beneficiaram de observação médica por terem sido agredidas fisicamente e violadas sexualmente pelo referido “G20”.

Com a falta de evidências de indivíduos que tenham sido castigados com o ferro de engomar e de registo de entrada dessas vítimas em diferentes unidades sanitárias, há que dizer que, em parte, a Polícia está certa quando afirma que não existe nenhum “engomador”. Isso não passa de um boato propalado com o intuito de aterrorizar os moradores e criar insegurança e medo nos bairros.

Dez minutos de pânico

Por volta da 01h:25 da madrugada de domingo, 11 de Agosto corrente, Fernando, residente no bairro da Polana Caniço “A”, na cidade de Maputo, viveu momentos de terror, durante 10 minutos, concretamente na Rua da Soveste.

Naquele dia, o nosso interlocutor, a esposa e os amigos – que se faziam transportar numa viatura particular, idos de uma festa algures no bairro das Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM) – foram interpelados por perto de uma centena de indivíduos compostos por adultos, alguns bêbados, jovens e crianças, e munidos de instrumentos contundentes, dos quais catanas, ferros e facas de cozinhas. O grosso dessas pessoas era do sexo feminino. “Elas são dos bairros de Maxaquene e da Polana Caniço. Mandaram parar a viatura na qual viajámos e disseram que estavam a “caçar” os malfeitores que tiram o sono à população”.

Na altura em que Fernando e os seus companheiros eram abordados pelos supostos vigilantes, a poucos metros do lugar onde se encontravam (na esquina de “Compone”) havia agentes da Lei e Ordem que não puderam fazer nada devido à superioridade numérica do grupo. “A Polícia foi obrigada a abandonar o local. Quando procurámos saber o que se passava, mandaram-nos abrir as por-

tas do carro, fomos revistados, arrancaram-nos os telemóveis, dinheiro e ameaçaram-nos de morte”.

De acordo com Fernando, alguns automobilistas que tentavam fugir quando recebessem ordens para imobilizar as suas viaturas eram perseguidos e os seus carros eram danificados de forma brutal e gratuita. “Acho o patrulhamento devia ser feito de uma outra maneira, bem estruturada e sem envolver as crianças porque podem crescer com essa mentalidade de vandalismo”, lamenta.

Que grupo é esse capaz de abranger Maputo e Matola?

Hermenegildo Tamele, residente no bairro de Magoanine “C”, é também um dos vários cidadãos que partilharam connosco as suas experiências amargas por causa do patrulhamento popular nocturno. Ao nosso Jornal, ele contou que na madrugada de segunda-feira, 12 de Agosto, foi interpelado por um grupo de pessoas igualmente munidas de instrumentos contundentes, numa altura em que regressava de um espectáculo. O entrevistado abandonou a festa porque não se sentia bem de saúde, porém, nas imediações de Magoanine, ele e o taxista foram intimados por supostos vigilantes.

“Um dos membros do grupo que nos interpelou ordenou para que eu me identificasse e perguntei quem era a pessoa que exigia os meus documentos. Procurei saber ainda se nos meus documentos estava escrito ladrão ou era possível reconhecer um malfeitor através do seu bilhete de identidade. Um dos integrantes do grupo que nos mandou parar estava muito agitado, proferiu ameaças e insultos”.

Entre os referidos vigilantes e Tamele houve uma discussão cuja consequência foi a destruição de um dos vidros laterais do táxi que o transportava para casa. “O motorista estava a tremer de medo, porém, passado algum tempo, as pessoas que

Há criminalidade mas não como se tem propalado

O Presidente da República, Armando Guebuza, disse que os episódios de delinquência que atormentam os moradores de Maputo e da Matola não devem ser vistos como um alastramento do crime para proporções descontroláveis, mas sim como uma vaga de agitação. Face à situação, o estadista moçambicano apelou para que as comunidades se mantenham mais serenas e vigilantes, e que continuem a colaborar com a Polícia da República de Moçambique (PRM), que está empenhada em clarificar e resolver esses problemas o mais depressa possível.

Guebuza reagiu a partir da vila de Luenha, sede distrital de Changara, a 90 quilómetros da cidade de Tete, última escala da Presidência Aberta e Inclusiva que efectuava àquela parcela do país.

Houve, de facto, segundo o Presidente, casos recentes de crimes violentos que foram aproveitados por alguns indivíduos para ampliarem e multiplicarem o seu efeito, até porque essa é a finalidade de um panfleto (supostamente afixado nas casas a anunciar assaltos), e, como resultado disso, as pessoas querem de volta a tranquilidade, desiderato que é justo e legítimo. “Mas não podemos concluir que é uma onda de criminalidade, mas sim, de agitação”.

Guebuza disse, também, não acreditar que a PRM não esteja a fazer nada, porque hoje, ontem e anteontem e antes disso estava envolvida em jornadas de patrulhamento com as populações e a pedir que elas aceitassem a sua direcção nessa acção a nível dos bairros. Muitos aceitam, mas ainda há alguns grupos que têm dificuldades em enquadrar-se nessa ordem. Todavia, o apelo é que as comunidades mantenham a serenidade, aumentem a vigilância e continuem a colaborar com a Polícia.

Sociedade

nos mantinham naquela situação começaram a abandonar o local onde nos encontrávamos e a proferir insultos à distância”.

Depois desse episódio, a primeira reacção do nosso interlocutor foi contactar o ocorrido à Polícia mas esta apresentou a falta de combustível como a dificuldade com que se debatia naquele momento com vista a ir atrás das pessoas que pretendiam agredir Tamele. Juntaram-se algumas moedas para abastecer o carro e foi-se à procura dos indivíduos que acabavam de perturbar a ordem pública. “Das 03h:00 de madrugada às 08h:00 estávamos a andar de um lado para o outro em Magoanine. Conseguimos identificar alguns indivíduos, que foram presos”.

Num outro desenvolvimento, Tamele disse que não está a favor das patrulhas que são feitas pelos moradores dos bairros de Maputo e Matola porque no meio disso há muito oportunismo, vandalismo e um barulho ensurdecedor durante as noites por causa de apitos e vuvuzelas (instrumento popular de sopros de plástico).

“Aham (os residentes) que o ladrão pode colar panfletos nos bairros a dizer que vem fazer um assalto. Que louco é esse? A criminalidade sempre existiu e não é um problema de hoje. E não acredito que seja o mesmo grupo de pessoas que tem estado a criar desmandos, medo e insegurança nos bairros. Será que esse grupo de malfeitores é tão grande que consegue abranger as cidades de Maputo e da Matola ao mesmo tempo?”, perguntou o cidadão.

Um sofrimento pela vida

A vigilância feita nos bairros de Maputo e Matola tem sido um autêntico sofrimento para as pessoas que integram as equipas de patrulha, sobretudo para aqueles que trabalham, estudam e cujo regresso a casa é feito poucas horas antes da concentração para as rondas. São noites consecutivas sem poderem dormir. Por isso, em alguns bairros, a vigilância cessou.

É difícil imaginar com tem sido a vida de uma pessoa que participa na patrulha por volta da meia-noite, regressa ao seu domicílio por voltas das 04h:00 da manhã e às 06h:00 já deve estar na estrada em direcção ao trabalho ou à escola. Por vezes, o percurso da paragem para a residência desse compatriota leva meia hora. Com os crónicos problemas de transporte, esse indivíduo viaja de pé, em situações desconfortáveis e sem condições para cochilar por alguns minutos.

A mesma pessoa, quando chega no seu posto de trabalho, dependendo das funções que exerce, não tem hora de descanso. No fim do dia, a distância a percorrer de regresso é a mesma. Para o caso das mulheres, algumas, em casa devem ocupar-se de determinadas tarefas domésticas antes de irem à patrulha. Que vigilância está a fazer esse indivíduo nas condições físicas e psicológicas em que se encontra? Eis a pergunta dos nossos interlocutores, que ao mesmo tempo defendem que enquanto os moradores “passearem” de um lado para o outro a tocar batusques, apitos e vuvuzelas nenhum malfeitor irão deter porque da forma como procedem despertam a sua atenção.

Para além desse sofrimento a que os habitantes se sujeitam para escaparem das incursões malévolas da gangue “G20”, há cada vez mais pessoas a defenderem a ideia de que as patrulhas populares devem cessar ou serem mais ordeiras, pois há gente inocente a morrer, a ser castigada e a contrair lesões graves em consequência de estar a ser confundida com os assaltantes.

 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

A existência de um grupo de assaltantes de residências composto por 20 elementos, vulgo “G20”, tornou-se numa conversa vulgar. No bazar, no “chapa 100”, no café, dentre outros lugares, já não se fala de outra coisa a não ser desses supostos criminosos que, para além de assaltar residências agride fisicamente, viola sexualmente e passam a ferro de “engomar” o corpo das suas vítimas como forma de revelarem os locais onde guardam dinheiro ou outros bens valiosos. Contudo, dos vários casos que registamos de cidadãos, dos contactos com a polícia e nas unidades hospitalares de Maputo e na Matola, os nossos repórteres verificaram a ocorrência de vários crimes de assaltos e violações sexuais das vítimas, de ambos os sexos, contudo não foi possível averiguar até ao momento a existência de alguma vítima que tenha sofrido queimaduras de ferro de “engomar”.



Carlos Francelino Siteo leonel dizes isso porque ainda nao aconteceu com tigo muito menos com a sua familia, se nao mim engano existe um ditado que diz: quem ri por ultimo e' quem ri melhor....voce pensa que nos que vivemos em khongolote tamus maluco quando fazemos a patrulha????????um dia enguliras as tuas palavras manu....obgado · há 17 horas



Cessonio Cesar Mendes Jerónimo pense bem. Em que sociedade estamos? Você acha que depois de uma familia ser assaltado, violada e “engomados” sei lá mais o que! Teram a coragem de vir a rua para revelarem a sua identidade? Claro que serão discriminados por isso não se revelam não porquê não existão. O Hospital usa números para fazer suas estatísticas. · há 17 horas



Sebastiao Zefanias Pouco acredito nessa palhassada até os malfeitores querem reputação.fazem “campanhas marginais” · há 17



Chris Muaque Sebastiao Muaque Épah é mto xocante pra o povo moçambicano.o nosso governo nao tem nada haver ta bem relaxado e o povo é k sofre k maldição · há 16 horas



Azizy Baptista pra evitar qe madurax a ferro, a EDM, EP#deve paxxar a paralizar corent dax 01hora pra 04horax, sobre tdo nox aredores da cidad da matola onde ocorrem onday d criminaldadGosto · há 17 horas



Antonio Alfandega Exa situ-axao merece uma atenxao por part das autoridadx cm-petentx · há 17 horas



Valett Jame's VJ pa dpj o ministro d interior nux dzer que estamux a delirar. Poxax pah. · há 18 horas



Leonel Angela Nhanombe Lan-gy Lembre-se nos anus passados ouvi um boato de um Nigerianu ki si modifikava fikava omem ora mulher i ki kuando si envolvia kom mulheres a mulher apodrecia o orgao genital. Parem i pensen nux G20 nao sera u mexmu caso???? · há 18 horas



Orlando Luis Nuvunga Os militares que estao no quartel a dormir podiam muito bem fazerem patrulha nos bairros · há 16 horas



Nelton Tole 3-100 acabou cm o terror dos G-20 espero que o proximo bate papo na boca d povo seja algo bom e de Louvar. · há 16 horas



Mikel Butas Eu acredito mais na versão do Sr. MONDLANE de que o G20 é só um boato..! Bandidos existem sim, mas, · há 17 horas



Carlos Francelino Siteo nu meu terreno tenho que fazer uma casa a canico,e dpois nao cimentar o chao,esses do team iron nao estam para brincar...boa sorte a todos. · há 18 horas



José Valdemir Manhique caso nigeriano foi tabooGos-to assim o @verdade qer xtar do lado d ministro mondlane? · há 18 horas



Leonel Angela Nhanombe Lan-gy Lembre-se nos anus passados ouvi um boato de um Nigerianu ki si modifikava fikava omem ora mulher i ki kuando si envolvia kom mulheres a mulher apodrecia o orgao genital. Parem i pensen nux G20 nao sera u mexmu caso???? · há 18 horas



Scout Edward Uache Isso é muito serio....provar Meu Deus ajude-nos se nao for voce quem mais será?? Claro governo é qui nao sera... · há 18 horas



Bernardino Dos Santos Mandlate quem se atrevera a dizer que foi engomado? · há 18 horas



Manuel Teixeira Realmente o Estado tem a sua culpa porque, se existe policia, então a população deve ser protegido por eles é a missão deles não podem e nem devem deixar os malfeitores impunes. · há 4 horas



Manuel Teixeira Na minha modesta opinião, quando algum deles for capturado, a punição deverá ser o mesmo que fazem às suas vítimas. · há 4 horas



Ismael Abdul Carimo Yeah ! MOZ, ta na tanga... esse governo ta nem ai para o povo ! por mim “no voto anymore”... ate ja perdi cartao d eleitor! · há 4 horas



Samora Zefanias Massingue mais o ministro de interior será ñ xta a ver tudo isso k a contece ? Moçambique ja xta sujo nos outro paiz por causa de isso..!!!! · há 7 horas



Horacio Cabissira Cabissira Eu vi na tv, stv, balanco geral e na net, entao voces da imprensa k nos mente. · há 7 horas



Frank Josué Cuco Alguns dizem que os G20 nao existem aqui entao porquê que ainda fazem patrulhas? · há 8 horas



Nando Conceicao Quem conta um conto... · há 8 horas



Nalia Carlos Alberto Arone Eu acrdit k exex psicopatas existm e kria m solidarizar c as vitimas dzer avante c a patrulha mil vezes tar cnsad c frio a n paxar p situacoes macabras e kuant ao mondlane,jornal verdd k pensei k foxe seria e outrx k n acreditam kd vai lhs acntecr...! · há 9 horas



Nalia Carlos Alberto Arone N m orgulho d ser mocambicana...! · há 10 horas



Renito Meeting Moçambique. País do Crime, ond tudo acntece sobre os olhos do governo. · há 11 horas



Dinario Siteo Ate que isso pode dar de falar sabe??e talvez os que agridem e violam pode ser nós mesmo, no lugar da patrulha, violentamos e nos aproveitamos de varias consequencias existentes. · há 15 horas



Duarte Ubisse Caro Cessonio... essa fotografia é duma brasileira, numa das favelas do Rio de Janeiro, engomada pelo ex marido. · há 16 horas



Carlitosvelosobalumecaveba Caveba Iso nao tem haver com 3-100 so,tmbm tem haver com 3-10 o boss nao se xk-sam.vejam o mas engrasado dizem k pegaram 3 mas ok me xpanta cotinua-sepre 20 pork?se eles aparecerm na minha casa eu eid dizer k kero entrar no vovo grupo eu kro ser um deles tmbm irei vos mostrar as casas ond a riqueza.iso tudo pra mi safar d ser engomado.noso bairro atacaram uma vez e eles diceram k iram voltar · há 16 horas



Santos DeeJay's Cansaram de mastturbar se na B.O e andam a lixar nos os Cus... Filhos da cela · há 16 horas



Nkuyengany Producoes O meu amigo Alexandria artista de mão cheia e activista, foi Barbarmente ASSASSINADO em nome do “G20”. PAZ A SUA ALMA · há 16 horas



Olivia Mondlane Com ou sem engomadores, queremos PAZ. · há 17 horas



Albert Traquinho os mo-xambicanos descobriram da pior forma que as unicas pe-xoas que tem direito a seguranxa e/ escolta sao os srs. Guebuza e Dlaka-ma. Ai fika a questao: quem ira proteger-nos? Sobre G20, so poxo lamentar os sucessivos acntecimentos e dzer ao senhor ministro da justixa parar d pactuar cm factos ediundos. · há 17 horas



Jeronimo Placido Cessonio essa pic meu irmao é duma vitima Moçambicana? Temos que ser abertos a verdade.. o jornal nao esta a dizer que nao existe criminalidade...apenas chama a atenção pra o facto de nao existirem tantas vitimas “engomadas”. Trata-se de um assunto serio e tem que haver serenidade na nossa abordagem sobre a questão, sob o risco de estarmos a ser manipulados.. forte abraço · há 17 horas



Angelo Dawer Hahahahahaha Azizy · há 17 horas



Herminio TeamFrech Hoje envadiram no distrito de Namacha a sul de Maputo mas ainda nao atacaram e o homens da lei e ordem estao espalhados em tdos o cantos para proteger a populacao · há 17 horas



Jani David Langa K mentira é essa agora,prk cada dia k passa ha novas noticias acercam desses malfeitores e agoram digam k ainda nao houve nenhuma noticia, na verdade é k no lugar ond entraram ainda nao regirtaram esses acontecimentos · há 17 horas

Topack deixa cidadão na miséria em Maputo

Dongo Muchanga, de 63 anos de idade, residente no bairro do Chamanculo “A”, é um cidadão miserável, desde o ano passado, em consequência de um processo litigioso mal resolvido, que se arrasta desde 2008, quando uma empresa chamada Topack, que funciona no bairro da Malanga, quis alargar as suas instalações. Para o efeito, era necessário ressarcir o cidadão a que nos referimos e alguns vizinhos, o que não aconteceu nos termos acordados entre as partes.

Texto: Coutinho Macanandze • Foto: Miguel Manguenze

Desde de 1982, Dongo Muchanga morava numa casa da Administração do Parque Imobiliário do Estado (APIE). Em 2008, a Topack decidiu ampliar as suas instalações, porém, essa acção abrangia terrenos alheios, dos quais o do nosso interlocutor, uma vez que a empresa se situa nas proximidades de residências de muitas famílias. Para levar avante o seu projecto de fabrico e venda de objectos plásticos, a sociedade devia indemnizar certos moradores do local.

Nesse contexto, a companhia comprometeu-se a adquirir terrenos, construir casas e disponibilizar valores monetários para que os reassentados pudessem recomeçar uma vida digna num outro lugar com algumas condições básicas criadas. As partes concordaram, tendo-se celebrado um compromisso de compra e venda com os donos das casas que seriam destruídas.

Segundo Muchanga, a empresa pretendia que todas as pessoas que se encontravam no raio por onde passariam as obras de construção abandonassem os seus domicílios, sendo que receberiam, posteriormente, outros talhões algures no distrito de Marracuene, em que, efectivamente, aos habitantes foram indicados os novos pedaços de terra. E ainda aconselhou-se-lhes que dissessem, por escrito, as modalidades de indemnizações que gostariam de receber.

No dia 29 de Setembro de 2009, o nosso entrevistado endereçou à Topack um documento através do qual detalhava as suas pretensões relativamente à mudança de bairro (de Chamanculo “A” para Marracuene). Ele pedia uma casa do tipo dois (à semelhança daquela que possuía) num quintal devidamente vedado, apetrechada com cozinha, casa de banho, água canalizada, uma motorizada triciclo e um valor de 100 mil meticais como compensação.

Mudança de planos

A seis de Dezembro do mesmo ano, um representante da firma a que nos referimos, identificado pelo nome de Chamusse, dirigiu-se à residência de Muchanga para informá-lo de que já não precisava de se mudar para o distrito de Marracuene, pois a empresa havia encontrado uma nova moradia no mesmo bairro em que residia o nosso interlocutor. Assim começou o desentendimento entre as partes.

Muchanga negou-se a ir viver no domicílio indicado pela Topack por aquela se encontrar numa zona que estava contemplada pelo projecto de construção da Rua Marcelino dos Santos. Refira-se que houve desentendimentos em torno dos reassentamentos naquela via.

Devido à relutância de Muchanga em abandonar o seu terreno para dar lugar às obras da sociedade, Chamusse entrou novamente em contacto com ele e mostrou-lhe uma outra casa que pertencia a um vizinho que estava deveras endividado com a APIE. O nosso entrevistado recusou a oferta alegadamente porque, por um lado, o domicílio não reunia as mínimas condições de habitabilidade. Por outro, era arriscado aceitar morar num domicílio de um cidadão endividado por falta de pagamento de renda havia muitos anos. Algumas pessoas do comité do partido Frelimo no bairro de Chamanculo “A” entrevistaram e a empresa liquidou as contas do inquilino endividado para que a casa fosse ocupada por Muchanga.



O novo locatário exigiu que a Topack demolisse o domicílio (degradado) que se encontrava no local com vista a erguer uma nova moradia nos termos acordados na carta de ressarcimento que estava em poder da firma. Esta negou alegando que a casa era da APIE, por isso não podia ser reconstruída. Muchanga resignou-se e não se instalou naquela residência, tendo preferido permanecer na sua antiga residência no Chamanculo.

A demolição da casa de Muchanga

Em todas as ocasiões em que Muchanga rejeitou as moradias indicadas pela Topack voltou para o seu domicílio no bairro de Chamanculo “A”, mas há quem via nisso alguma maldade. Volvidos alguns dias, o secretário daquele bairro decidiu que a habitação do nosso interlocutor devia ser destruída como forma de forçar a sua retirada do talhão com vista a dar lugar a obras da sociedade. Aliás, as chapas de zinco do domicílio arruinado deviam ser utilizadas para a reabilitação da nova morada de Muchanga, segundo aquele representante da zona.

Em Fevereiro de 2013, o nosso entrevistado foi obrigado a residir numa dependência de madeira e zinco em condições precárias, ao lado da sua antiga residência. Ele tem vivido nessas condições à espera de que a sua nova habitação seja reabilitada, porém, a empresa, que não se quis pronunciar sobre este caso ao @Verdade, já se desligou do processo.



A destruição da casa de Muchanga não agradou os moradores do bairro. Houve revolta perante tamanha humilhação de um cidadão que levou anos a construir um abrigo com tanto esforço. Quatro cidadãos dirigiram-se à administração do bairro para expor a injustiça a que o seu vizinho estava exposto. Albertina Manhica, chefe daquela repartição, recomendou que a Topack cumprisse o acordado feito com Muchanga, o que não aconteceu.


Hoje, o cidadão que perdeu a sua casa do tipo dois, vive quase ao relento e exposto a intempéries. Como forma de resolver o diferendo entre Muchanga e a empresa interessada pelo seu terreno, foram realizadas três reuniões mas sem nenhum sucesso.




O caso está no tribunal

Em 2010, Muchanga dirigiu-se à Liga dos Direitos Humanos (LDH), onde foi instaurado um processo contra a Topack, o qual ostenta o número 91-2010. Para além da casa, o cidadão exige 300 mil meticais referentes à perda de bens aquando da demolição da sua residência. O secretário do bairro ficou enfurecido supostamente porque a vítima não tem direito a esse valor nem devia ter feito com que o caso fosse dirimido pelo tribunal. Aliás, o representante da zona disse a Muchanga que ele é quem dita as regras de jogo no seu território, pois é um legítimo representante do Governo e dos interesses dos moradores.

O caso que opõe Muchanga à Topack foi submetido à quarta secção do Tribunal Judicial da Cidade de Maputo desde 2010. Em retaliação à decisão do nosso entrevistado, uma família identificada pelo apelido de Camal, suposta proprietária do terreno no qual Muchanga reside, submeteu, em meados do ano em curso, uma queixa na mesma estância jurídica a reclamar da ocupação ilegal do seu espaço por Muchanga.

Previsão do Tempo	
Sexta-feira 16 de Agosto	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Possibilidade ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais
Vento sueste rodando para leste fraco a moderado.	
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado localmente limpo. Neblinas matinais locais.
Vento de nordeste a leste fraco a modera-do.	
Zona NORTE	
	Céu predominantemente pouco nublado. Possibilidade de ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais.
Vento de nordeste a leste fraco a modera-do.	

Sábado 17 de Agosto	
Zona SUL	
	Céu pouco nublado, localmente muito nublado. Possibilidade ocorrência de neblinas ou nevoeiros matinais locais
Vento leste fraco a moderado.	
Zona CENTRO	
	Céu predominantemente pouco nublado. Neblinas matinais locais.
Vento de nordeste a leste fraco a moderado.	
Zona NORTE	
	Céu geralmente pouco nublado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais.
Vento de nordeste a leste fraco a moderado.	

Domingo 18 de Agosto	
Zona SUL	
	Céu geralmente pouco nublado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais.
Vento de leste a nordeste fraco a moderado.	
Zona CENTRO	
	Céu pouco nublado a limpo. Ocorrência de neblinas matinais locais.
Vento de nordeste a leste fraco a moderado.	
Zona NORTE	
	Céu pouco nublado localmente muito. Neblinas ou nevoeiros matinais locais.
Vento de nordeste a leste fraco a moderado.	
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia	



Professor viola sexualmente sua aluna na Zambézia

Um professor, identificado pelo nome de Frederico de Rosário, estuprou a sua aluna de 13 anos de idade, na Escola Primária Completa de Sururua, sita na localidade de Vaquiua, no distrito de Gurúê, na província da Zambézia.

Texto: Redacção

O violador sexual, de 45 anos de idade, é casado e cometeu o crime numas das casas de banho do estabelecimento de ensino onde trabalha, no dia 07 de Agosto em curso, numa altura em que os restantes alunos estavam a ter aulas.

O docente em alusão esteve cerca de 48 horas detido nas celas do Comando Distrital da Polícia da República de Moçambique (PRM) em Gurúê. Todavia, na sexta-feira passada, 09 de Agosto, o @Verdade apurou junto do chefe de operações da PRM naquele ponto do país que Frederico de Rosário foi restituído à liberdade supostamente porque o caso não pode ser dirimido sem a presença do pai da rapariga que, neste momento, se encontra no município de Quelimane.

A vítima frequenta a 7ª classe, mas neste momento está sob cuidados médicos no Hospital Rural de Gurúê. Segundo apurámos, três alunos cometeram actos de indisciplina durante as aulas e o professor, na tentativa de sancionar os instruendos, mandou-lhes limpar os balneários. De repente, o pedagogo, despido de vergonha e de senso, fingiu que estava a verificar se os educandos tinham ou não feito a limpeza correctamente. Ele entrou na casa de banho onde a aluna cumpria o seu castigo, tendo abusado dela.

A corporação disse ainda que não há provas concretas para o docente permanecer preso, pois a rapariga pode ter sido violada por uma outra pessoa quando voltava das aulas.

A reconstituição dos factos dá conta de que, dentre os educandos que cumpriam o castigo supostamente por indisciplina, uma aluna foi ter com a vítima para pedir que esta lhe ajudasse a terminar o seu trabalho. Contudo, ao entrar na casa de banho, descobriu o pedagogo a violar a menina. Antes de o professor ser descoberto, tapou a boca da rapariga violada com a palma da mão e, para além de ordenar que ela não gritasse, prometeu-lhe cinco mil meticais e igual valor para os pais. Os parentes da menina estuprada exigiram o pagamento do dinheiro prometido pelo docente, mas este negou-se a cumprir o prometido.

Os progenitores e familiares da rapariga estão todos indignados com o problema. A mãe da adolescente violada assegurou que a rapariga se queixava sempre do comportamento infame do professor. Certa vez, ela foi

aconselhada pelos progenitores a informar o director da Escola Primária Completa de Sururua das “perseguições” de que era vítima por parte do docente, porém, teve medo e os pais também ficaram sem saber como agir.

A atitude da Polícia deixou a mãe da menina agastada, em prantos e desesperada, pois a entidade que, obrigatoriamente, devia garantir o prosseguimento do caso parece pautar pela negligência. Ao que tudo indica, o problema vai ficar engavetado num dos compartimentos do Comando Distrital da PRM em Gurúê. Contudo, o médico Celestino, do Hospital Rural de Gurúê, assegurou-nos que a adolescente sofreu lesões nos órgãos genitais mas em breve estará fora de perigo porque está a ser tratada para o efeito.

Segundo testemunhas, a roupa da moça em causa tinha nódoas de sangue quando ela regressava da escola, porém, depois de ter sido desflorada, ficou três dias em casa, sem nenhuma observação médica e somente a mãe tinha conhecimento do que havia acontecido. O problema tornou-se público na altura em que Frederico de Rosário se negou a pagar o dinheiro que havia prometido. Por essa razão, a progenitora recorreu a um posto de Policiamento Comunitário na tentativa de obrigar o agressor sexual a cumprir a sua palavra, tendo o caso chegado aos ouvidos da Polícia.

Para além de libertar o professor, a corporação sugeriu que o problema fosse resolvido pelas estruturas do bairro. Enquanto isso, a mãe da rapariga quer, a todo o custo, que o valor em causa seja desembolsado pelo pedagogo a favor da sua filha e da família.

Refira-se que Frederico de Rosário, natural da Zambézia, no distrito de Namarroi, ingressou no Aparelho do Estado em 1983, aos 30 anos de idade, como professor de profissão. Até o dia em que violou sexualmente a menor exercia as funções de pedagogo e chefe de secretaria na Escola Primária Completa de Sururua.

A desculpa das autoridades policiais é mais um sinal do descuido que caracteriza muitas instituições cujo papel é assistir as vítimas e penalizar os agressores. E enquanto a Polícia não proceder às necessárias averiguações com vista a instaurar o processo-crime contra Frederico de Rosário, muitas crianças podem ser vítimas do mesmo acto que deixou sequelas na adolescente agredida.

Que fazer em caso de violação sexual?

- Mantenha a calma e tente fixar o maior número de indicadores que lhe permitam descrever o agressor, cor e corte de cabelo, cor dos olhos, cicatrizes, sotaque, outras características, quer do agressor, quer do veículo, se existir, como marca, cor, matrícula, etc.;
- Não faça uma higiene profunda, a nível ginecológico, sem ser vista/o por um médico ou perito;
- Preserve todas as peças de roupa que vestia na altura da violação, sem as lavar;
- Preserve qualquer objecto que lhe pareça ser pertença do agressor, mesmo uma ponta de cigarro;
- Dirija-se à esquadra de Polícia mais próxima e o mais rapidamente possível. As peças de roupa e os objectos referidos anteriormente são para entregar na altura da apresentação da queixa;
- Na esquadra deve ser encaminhada para os serviços de urgência da unidade sanitária mais próxima, onde deve ter prioridade no atendimento;
- Na unidade sanitária devem ser colhidas evidências da violação sexual e a vítima deve ser tratada de acordo com o Protocolo de Assistência às Vítimas de Violência Sexual.

Conheça o Protocolo Médico de Assistência às Vítimas de Violência Sexual

Este Protocolo é um regulamento de aplicação obrigatória em todas as Unidades Sanitárias, e que visa garantir o bom atendimento a todas as vítimas, prevenir doenças que possam surgir em resultado da violação e fornecer provas para instruir o processo criminal, permitindo a criminalização dos agressores.

O Protocolo inclui as seguintes medidas se a violação ocorreu antes de terem decorrido 72 horas:

- Fazer a testagem rápida para o HIV
- Fazer a testagem da sífilis
- Fazer a colheita de secreções vaginais para avaliação médico-legal
- Providenciar quimioprofilaxia para o HIV por um mês (para evitar contrair o vírus)
- Contracepção de emergência (para evitar engravidar do violador)

Se já tiverem passado mais de 72 horas:

- Realizar a profilaxia para as ITS (infecções sexualmente transmissíveis)
- Realizar a testagem rápida para o HIV e Sífilis.

Caros leitores

Pergunta à Tina...Porque já não tenho vontade de fazer?

lá caros leitores. Esta é para mim uma semana bastante triste. Estou triste e aflita com o que está a acontecer no nosso país, em particular na cidade de Maputo, no que diz respeito a crimes que estão a ser cometidos tanto por malfeitores, como pela população enfurecida. O maior problema com a violência é que ela afecta principalmente as pessoas inocentes e também permite que outro tipo de problemas surjam nas nossas comunidades. Com esta onda de violações sexuais que estão a ocorrer, estamos a criar um campo fértil para a propagação de infecções de transmissão sexual, gravidezes indesejadas e outro tipo de problemas sexuais. Desejo profundamente que todos nós e, principalmente quem detém o poder e autoridade no país, possamos fazer alguma coisa para parar com tanta anarquia. Nesta coluna, nós falamos sobre a vossa saúde sexual e saúde reprodutiva. Por isso, se tiveres uma dúvida...

Enviem-me uma mensagem através de um sms para **821115**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Olá Tina. Chamo-me Linda. Queria saber o seguinte: estou a tomar pílulas e já não tenho vontade de transar. O que faço?

Olá. Hmm....Pode ser que esteja associado à toma das pílulas, mas também pode ser que não. Há algumas pílulas que têm efeitos colaterais, alguns deles incluem a mudança no funcionamento geral das hormonas do teu corpo. É a pílula já é composta de hormonas. Por isso, o que te posso aconselhar é que procures um/a médico/a ginecologista ou mesmo uma enfermeira de saúde da mulher (saúde materno-infantil) no hospital ou centro de saúde mais próximo de ti, para perceberes qual é a composição da pílula que tu estás a tomar e quais são os efeitos colaterais que ela tem. Se porventura a pílula for a culpada da redução do teu desejo sexual, é sempre possível mudar o tipo de pílula ou forma de contraceptivo. Eu aconselho-te a usar sempre o preservativo, e principalmente se decidires parar com as pílulas, porque evitas infeções e uma gravidez indesejada.

Bom dia Tina. Espero que estejas bem! Sou Neto, de 22 anos. Gostaria de saber com quantos meses devemos parar de manter relações sexuais com a minha namorada quando está na gestação.

Olá meu querido Neto. O sexo é bom e saudável, basta que seja feito de forma saudável também. A literatura também diz que não há problema que uma mulher grávida pratique relações sexuais até ao fim da gravidez. O que acontece é que tudo deve ser feito tomando em conta o tamanho da barriga, a saúde e o conforto da mulher. Mais ainda: uma mulher grávida também pode ter fases em que ela perde o desejo sexual – é normal e deve ser respeitado. Mas este pode voltar ao longo dos meses antes de nascer o bebé. Não se pode forçá-la a fazer quando não quer. Também não é saudável, por exemplo, que uma mulher que esteja com uma gravidez de risco, que tenha algum tipo de sangramento, faça sexo pois isto pode causar mais perturbações à sua saúde, ou mesmo provocar um aborto. Também não é correcto que o homem coloque o seu peso sobre o corpo da mulher grávida porque pode prejudicá-la. É também aconselhável que vocês pratiquem sexo seguro, usando o preservativo, para evitar que ela apanhe alguma infeção de transmissão sexual, que também é prejudicial à sua saúde. E sempre que tiverem uma dúvida sobre tudo isto o melhor é consultar o/a médico/a ginecologista. Boa saúde.

Incêndio na Praia da Barra faz-nos lembrar outras histórias

Já foi um dos lugares mais cobijados da costa paradisíaca da província de Inhambane. Pela sua discretoza. Pela arrebatadora paisagem. Pela brancura e chiar das areais que vestem os pés nus dos veraneantes e não só. Pelo deslumbrante azul esverdeado das águas que são constantemente despejadas pelas ondas. E logo devolvidas para o lugar de onde vieram.

Texto & Foto: Alexandre Chaúque

Provavelmente não evocássemos esta beleza hoje, nestas linhas, não fosse o incêndio trágico registado semana passada, 07 de Agosto, numa das estâncias turísticas que se estendem pela orla da “Barra”. Eram aproximadamente 23h:00 quando o fogo deflagrou no “Barra Cuda”, como é chamado o local de acomodação, que foi literalmente lavrado pelas chamas até ficar em cinzas. Não se conhecem exactamente as causas da destruição, mas há fortes suspeitas de que tenha havido fogo posto.

De acordo com Ricardo Bata Covela, gerente da empresa, citando os guardas em serviço na altura do incêndio, terá aparecido no local, por volta das 22h:00, um homem de raça branca a avisar os sentinelas para que saíssem dali se não quisessem ficar carbonizados. Para Bata Covela, é inexplicável o que aconteceu depois do aviso do intruso. Os guardas abandonaram o seu posto de trabalho e não puseram em alerta os vizinhos ou a Polícia.

Para criar mais estranheza no caso, já tinha sido dado o sinal através de fogo de pequenas proporções que, momentos antes, havia tomado conta do muro de vedação construído em material local, fogo esse imediatamente extinguido. Na altura, ninguém desconfiou que o pior estivesse ainda por vir. Foi depois de apagarem esse fogo diminuto que apareceu o homem estranho a avisar os guardas para abandonarem o local, mas, mesmo assim, de acordo com Bata, os homens da guarnição não despertaram.

Por volta das 23h:00 deu-se o irreversível. Foram incendiadas duas casas feitas de madeira e colmo, apetrechadas com quarto e casa de banho privativa com água quente aquecida num esquentador a gás, cozinha com congelador, geleira e fogão, tudo concebido ao nível das exigências de um turismo de ponta. Eram trinta quartos. E todo esse empreendimento foi absolutamente devorado a partir das duas casas. Fazia vento, que vinha do Oceano, o que permitiu o fácil alastramento das labaredas, que semearam livremente o caos. Não deixando nada, senão a cinza como vestígio. E o “Barra Cuda” já não existe, assim como foram afectadas mais duas estâncias próximas do foco principal.

Mas esta situação não é nova. Já aconteceram mais casos nas praias de Inhambane, e as explicações que se dão para isso são variadas e estranhas. Por exemplo, nesta situação, segundo o gerente, para além de ter aparecido o homem de raça branca a dar o aviso, foram detectadas pegadas de um pé descalço na manhã seguinte, a perder-se pela costa, partindo do lugar do incêndio. Fala-se ainda de ter sido visto logo a seguir ao sinistro um carro partindo a alta velocidade em direcção ao cruzamento da praia do Tofo e da Barra.

Os proprietários da estância são sul-africanos e quando se deu o incêndio não estavam em Inhambane. O gerente, para além de não poder estimar o valor dos prejuízos causados, desconhece o móbil do crime. “Não sei o que estará por detrás desta maldade”. Perguntámos a Bata se não será isto um ajuste de contas ou algo propositado para se conseguirem ganhos com o Seguro, segundo se fala por aí: “Também não posso afirmar nada sobre isso, os patrões quando chegarem é que poderão esclarecer tudo, provavelmente. O que posso dizer é que as perdas são elevadas, a sorte é que na altura não estava nenhum hóspede acomodado”.

Entretanto, quando a nossa reportagem já batia em retirada, chegava um grupo de turistas que havia feito reservas e, o que eles encontraram, espantosamente, foram os escombros dos quartos onde deviam ser alojados para desfrutarem do prazer de estar numa praia que, mesmo sem ter perdido todo o seu esplendor, já não é a mesma.

O “Flemingo” está murcho

A Praia da Barra nunca foi um grande ponto de encontro. O centro das atenções é a Praia de Tofo. Todos vão para lá. E continuam a ir, mesmo sabendo-se que depois de seduzidos não ficarão eufóricos. A não ser pela sensação de liberdade quando a praia não está abarrotada. A “Barra”, apesar de nunca ter sido um grande chamariz, provavelmente pela sua então inacessibilidade, era um lugar de verdadeiro paraíso. As suas águas parecem mais lindas que as do Tofo. As suas areias também. Brancas e sonoras. Quando se está de costas para o oceano, olhando-se para o verde das palmeiras e de outras árvores verdejantes, a conquista é total. Ao fazer-se o contrário, dando costas ao verde, o mar, com as ondas em permanente ondular, parece uma almofada



para a alma.

Mas a “Barra” parece meio abandonada. E o Complexo Flamingo pode ser o exemplo mais flagrante. De exuberante, outrora, passou para uma estância quase vulgar. Pela perca de brilho. Não existe a menor dúvida de que o projecto arquitetónico é invejável. Quem o fez respeitou na plenitude a na-

tureza. Estar no Flamingo é como estar no mato cerrado, tendo as casas como cogumelos desenhando a beleza em si. Oferecendo-nos uma tranquilidade absoluta. Porém, ficámos com a sensação de que não há reinvestimento para manter o reverberar de um lugar amanhado com inteligência. Ontem, quem fosse ao Flamingo queria ir outra vez. Hoje, se calhar, é diferente. A piscina, que exige cuidados especiais, já não nos chama para o mergulho. Está suja. Descuidada.

Mas “Flamingo” é apenas o exemplo de toda a Praia da Barra que, para além de estar, aos poucos, a ser colocada para depois, está a sofrer os efeitos da erosão. E não se sabe o que é que se pode esperar amanhã, de uma zona com conflitos de terra por sanar.

Publicidade

Abre conta no Banco onde mais ganhas.

Grande prémio de 1.000.000 de Meticais.

Abre conta no BCI, de Agosto a Dezembro de 2013, adere ao Depósito Crescente Novo Cliente BCI* e/ou a uma das soluções de financiamento para a concretização dos teus projectos e habilita-te ainda a ganhar 1.000.000 de Meticais.

É bom ser Cliente daqui.

Termos e condições aplicáveis.
Prémio de 1.000.000,00 mt e 1 milhão de meticais atribuído por sorteio, em Janeiro de 2014, para Clientes portugueses que procederam à abertura de conta antes de Agosto a Dezembro de 2013 e aderiram a um dos seguintes produtos: Depósito Crescente Novo Cliente*, Crédito ao Consumo, Crédito ao Crédito ou Conta Corrente BCI.

* taxa anual nominal Bruta Anual de 10,00%

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Boa tarde, Jornal @Verdade. Somos trabalhadores do Banco Tchuma S.A. Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de expor a nossa inquietação sobre as irregularidades laborais em curso na nossa instituição e que culminam com despedimentos em massa sem aviso prévio nem justa causa.

Desde Novembro do ano passado, o Banco Tchuma tem estado a rescindir contratos com os trabalhadores por razões não especificadas e sem uma informação prévia aos visados. Neste momento, há mais de 50 colegas sem emprego e não receberam nenhuma compensação, o que viola a Lei do Trabalho em vigor no país.

Quando pedimos explicações à direcção do banco não tivemos uma resposta satisfatória: o director de recursos humanos fez um aconselhamento no sentido consultarmos o dispositivo que a instituição viola. O problema agudiza-se porque já não temos um órgão sindical, uma vez que os seus membros foram os primeiros a serem despedidos injustamente.

Estamos desnorteados. Não sabemos o que está a acontecer, principalmente porque o banco deixou de conceder créditos aos clientes. Nenhuma explicação ou motivação foi dada aos trabalhadores.

Em 2012, os inspectores do Ministério do Trabalho (MITRAB) visitaram o banco e constataram várias irregularidades, tendo, por conseguinte, deixado recomendações com vista a ultrapassá-las. Contudo, nenhum

Resposta

Sobre este assunto, o @Verdade contactou o Banco Tchuma, porém, os seus gestores não se quiseram pronunciar abertamente sobre a preocupação dos nossos reclamantes. A pessoa indicada para explicar o que se passa naquele estabelecimento de concessão de créditos, por sinal do Departamento de Recursos Humanos, falou anonimamente.

O interlocutor disse que as inquietações dos funcionários constituem verdade, excepto a falta de aviso prévio no acto de despedimentos, que acontecem em massa desde Dezembro de 2012 devido à insuficiência de dinheiro para pagar salários a todos.

Segundo o entrevistado, essa limitação financeira coloca a instituição sem alternativas para manter funcionários sabendo de antemão que não existem fundos para remunerá-los enquanto trabalharam. Isso iria gerar conflitos e, consequentemente, paralisação de actividades.

ponto foi resolvido em prol dos funcionários que tanto fizeram e fazem para o banco crescer.

Um dos pontos infringidos pelo patronato tem a ver com os salários que não são revistos. Há indivíduos que exercem o mesmo cargo há mais de cinco anos mas não são promovidos profissionalmente. E não existe comunicação entre o corpo directivo e os funcionários.

Ainda em 2012, houve uma reunião com o Presidente do Conselho de Administração (PCA), Abdul Magid Osman, o qual nos informou sobre a vinda de novos investidores de origem indiana, porém, passados dois meses, o representante da empresa abandonou-nos sem deixar nenhuma explicação em relação do ponto de situação desses investimentos.

Estamos a trabalhar num clima de insegurança e não sabemos quando é que um dos empregados será despedido. Outro assunto que nos inquieta está relacionado com o director de Sistemas de Informação, Adão Saranga, e o financeiro Armindo Munguambe. Estes foram transferidos de um sector na Função Pública para o Banco Tchuma e cada um deles está a receber cerca de 100 mil meticais por mês porque são familiares do administrador.

A administração diz que o banco está em crise mas não se tomam medidas de austeridade, os gestores continuam a receber salários chorudos, para além de inúmeros privilégios. Socorro, ajudem-nos a esclarecer esta atrocidade a que estamos sujeitos.

O Banco Tchuma submeteu ao Ministério do Trabalho uma carta a informar que iria despedir parte dos seus colaboradores, e reuniu-se com os visados, com antecedência, para esclarecer o que estava na origem da crise, explicou o nosso interlocutor, para quem os clientes do banco deixaram de contrair empréstimos, havendo ainda alguns problemas relacionados com a gestão interna agudizados pela retirada de certos investidores.

Todos os trabalhadores despedidos receberam um aviso prévio de cerca de 30 dias, foram indemnizados e beneficiaram de outros direitos plasmados na Lei do Trabalho em vigor em Moçambique, disse a nossa fonte distanciando-se da inquietação dos reclamantes. A mesma sublinhou que enquanto o volume de investimentos continuar a decrescer e a procura pelos serviços do Banco Tchuma reduzir drasticamente, haverá despedimentos, porém, respeitando a Lei laboral.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorretos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos.

Envie: por carta - Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; por Email - averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS - para os números 8415152 ou 821115.

A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Incêndio destrói armazém da Companhia Industrial da Matola em Nampula

Um incêndio de grandes proporções destruiu parte de um armazém da sucursal da Companhia Industrial da Matola, sito no bairro de Muatala, na cidade de Nampula, na noite desta terça-feira (13), tendo destruído sacos de farinha de milho e seus derivados. Não houve vítimas a lamentar, pois na altura do sinistro o armazém encontrava-se encerrado.

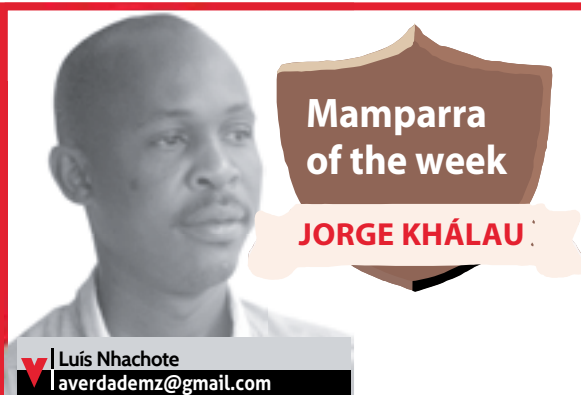
Luís Giquira, director da companhia, disse que o incêndio foi provocado por uma combustão (devido a altas temperaturas no interior da fábrica) de farelo que se encontrava acumulado há mais de

três semanas. Dados preliminares indicam que os prejuízos estão avaliados em cerca de 200 milhões de meticais. O entrevistado explicou-nos ainda que o armazém estava encerrado há mais de um mês por ordens do Tribunal Judicial da Cidade de Nampula, devido a um litígio que envolve a Companhia Industrial da Matola em Nampula e a empresa Indo África, uma unidade de fornecimento de milho.

Uma fonte do Comando Provincial de Bombeiros em Nampula disse-nos que a sua instituição só foi informada sobre a ocorrência por volta das 17 horas daquela terça-feira e o fogo já havia atingido

contornos alarmantes, tendo a operação de extinção decorrido até a manhã de quarta-feira. A população das imediações do local onde aconteceu o incêndio passou a noite em claro temendo que as chamas se alastrassem.

É a terceira vez que um incêndio se regista na mencionada unidade fabril num intervalo de três meses. Refira-se que a sucursal daquela companhia está vocacionada para o processamento da farinha de milho e de farelo. É uma das maiores fornecedoras deste produto na região Norte do país.



Mamparra
of the week

JORGE KHÁ LAU

Luís Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

O mamparra desta semana é o ACTUAL e COMBATIVO comandante-geral da Polícia da República de Moçambique, Jorge Khá Lau, que com todo o empenho incensurável está a fazer de tudo para agarrar, um a um, os tais G20.

Desde que ele se fez presente, como combatente, neste combate aos famigerados criminosos, todos os pacatos cidadãos residentes nos bairros periféricos de Maputo e Matola sonham em ser "patrulheiros". E estão a patrulhar todas as noites. Trabalham de dia, patrulham de noite e dormirão assim que surgir uma pequena oportunidade.

Khá Lau, que se dirigiu à nação de forma telepática, deixou claro que está farto destes G20 e que os detesta de forma veemente, que se fosse ele a agarrá-los pelas suas próprias mãos iria levá-los à barra da justiça, para que fossem julgados e condenados.

Na telepática mensagem dirigida aos filhos da pátria, que o polícia número do país ama de todo o seu coração, ficou também claro que ele ainda não falou pois não quer dar espaço para que os G20 tenham acesso à estratégia final que será um autêntico murro naquela escória que em breve estará a ver o sol aos quadrinhos.

Khá Lau é um polícia a sério. De rara espécie. Lembram-se da vez que ele disse que não respeitava ordem de nenhum juiz?

Não o disse por acaso: é que muitos desses marginais, essa escória da sociedade, tem saído das prisões por ordens de alguns juizes. E Khá Lau percebeu isso há muito tempo....

Na senda da patrulha para dar uma ajuda à Polícia em que Khá Lau ocupa o posto número um, um jovem na flor da idade, o artista Alexandria Ferreira, acabou por ser um dos seis cidadãos barbaramente linchados.

Até hoje ainda nada se ouviu deste nosso eleito, mas cremos que, em breve, o povo irá manifestar-se publicamente, coberto de lágrimas, com o ódio transformado em novas forças para que o mais rápido possível encontrem os famigerados G20 que já fizeram com que o ministro do Interior se pronunciasse e mais ultimamente o Presidente Armando Guebuza.

Khá Lau só pode estar em lágrimas, ferido de tanta dor e consternação para que ainda não tenha dito uma única palavra. Compreendemos o seu silêncio. Esperamos pela sua prontidão. Esperamos também que os "patrulheiros" sejam chamados às habituais formaturas, para receberem instruções.

Esperamos também que este cenário termine, como também esperamos que Jorge Khá Lau preste satisfação a quem lhe paga impostos. O seu salário vem daqueles que são passados a ferro, violados, agredidos.

É que alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!

A manifestação de que ninguém falou

Nos dias 22 e 23 de Julho, em Chirodzi, na província de Tete, teve lugar na concessão da Empresa Mineradora JINDAL uma manifestação com cenas de violência, onde quatro funcionários da empresa, todos de raça indiana, foram agredidos pela população local. Para quem ainda não sabe e certamente agora se pergunta o porquê desta manifestação, a Jindal está a extrair carvão de uma mina a céu aberto na província de Tete, sem um Estudo de Impacto Ambiental e sem zelar pela segurança daqueles que teria obrigação de ter reassentado devidamente, mas que continuam a viver dentro do seu espaço de concessão.

Texto: **Justiça Ambiental**

Dos quatro funcionários agredidos, um foi atacado no seu gabinete de trabalho e os outros três nas suas residências. Os seguranças da empresa, a quem cabia garantir a segurança da área de concessão junto aos portões e cancelas montadas no perímetro de toda a empresa, foram igualmente agredidos, e, sem local para se esconderem da fúria popular, foram forçados a pôr-se em fuga.

É de realçar que tanto a segurança da Empresa como a PRM do Comando Distrital de Changara, a PRM do Posto Administrativo de Marara e o Comando da PRM do Distrito de Cahora Bassa, embora presentes no local eram muito poucos face ao número de manifestantes e não conseguiram acalmar os ânimos da população, limitando-se a assistir impotentes às investidas da população. A massa popular que se concentrou em protesto às portas dos escritórios da Jindal é composta por quatro comunidades locais: Chirodzi/Cahora Bassa, Chirodzi/Changara, Cassoca e Nyantsanga, sendo que estas duas últimas estão localizadas dentro da área de concessão da mina.

Segundo os depoimentos destas comunidades, o protesto teve lugar em virtude do incumprimento das promessas que a empresa fez quando se instalou no local no ano de 2008.

Prometeram que não haveriam de extrair carvão antes do reassentamento, embora há mais de oito meses já o estejam a fazer. Prometeram não ocupar terras, mais concretamente as machambas das comunidades locais, sem primeiro negociar com os seus legítimos donos. Garantiram que solucionariam o abastecimento de água com poços e represas. E prometeram empregos para os membros da comunidade.

De acordo com as comunidades de Cassoca e Nyantsanga, em Dezembro a Jindal usurpou parte das suas machambas, repletas de culturas, sem qualquer aviso ou contemplação pela importância destas para a sua segurança alimentar.

Quanto ao reassentamento, este não está a acontecer.

As comunidades queixam-se de problemas respiratórios frequentes entre outros efeitos colaterais, motivos que, no entender destas, são mais do que suficientes para justificar esta manifestação. As comunidades garantem ainda que caso os seus direitos continuem a ser ignorados e a empresa não envide esforços no sentido de cumprir as promessas que lhes foram feitas, haverá mais protestos.

Pelo que constatámos, o relacionamento entre a empresa Jindal e as quatro comunidades circunvizinhas é péssimo e este protesto foi prova disso. A poluição atmosférica resultante da actividade da mina é visível, deplorável e está bem patente na vegetação da área, preta de tanta poeira. Como estarão os pulmões de quem por falta de opção se encontra a viver ali? – perguntámo-nos. – E os dos alunos da vergonhosa escola em ruínas sem cobertura que lá funciona?

A relação entre empregados e empregadores na Jindal é igualmente má. Segundo os funcionários da empresa que aceitaram falar connosco, há bastantes querelas em relação a alegadas discrepâncias na remuneração e subsídios atribuídos aos trabalhadores, e há também que referir que os trabalhadores que operam na mina dizem não dispor de todo o equipamento de protecção pessoal necessário, como as supostamente imprescindíveis máscaras respiratórias.

A Jindal e o Governo, segundo consta, têm um relacionamento excelente. Facto fundamentado por alguns entrevistados que chegaram mesmo a dizer que o Governo arrecada “impostos” junto à empresa. Já a relação da empresa com as organizações da sociedade civil é extremamente complicada, uma vez que a empresa entende as OSCs como o grupo de agitadores por detrás dos protestos das comunidades.

Quando questionados pelo nosso pesquisador sobre se em algum momento as comunidades teriam abordado a empresa ou o Governo sobre o porquê do incumprimento das promessas que lhes foram feitas, membros da comunidade responderam o seguinte:



“A Jindal, diz que o Governo ainda não aprovou a tabela de pagamento de indemnizações e o plano de reassentamento, enquanto o Governo diz que está a fazer os estudos com calma porque a licença da operadora Jindal tem prazos e é por isso que já iniciou a extracção de carvão, mesmo antes do reassentamento”.

No fim do dia, apesar de, de acordo com as leis vigentes na República de Moçambique e com as convenções internacionais que existem sobre a matéria a Jindal estar claramente em falta, é a passividade e a permissividade (para não dizer conluio) do nosso Governo as principais responsáveis por esta situação. Quando interpelada por nós, a Jindal não quis fornecer qualquer informação, mas numa atitude de clara opressão, convocou a posteriori uma reunião com os líderes das comunidades para os intimidar, instando-os a não fornecer qualquer informação às OSCs, e ameaçando não renovar contratos com quem o fizesse.

O mais triste nisto tudo, a nosso ver, foi o facto de sabermos que havia várias equipas de órgãos de comunicação social nacionais em Chirodzi no meio de todo este circo, mas, fora o Diário de Moçambique, ninguém mais publicou esta história.

Publicidade

ESTA PRETA É A MELHOR DE ÁFRICA

A Laurentina Preta é uma cerveja com história e carácter, única em Moçambique, que se distingue pelo seu sabor intenso, textura cremosa e aroma envolvente, atributos muito apreciados que advêm da sua composição. A Laurentina Preta é feita a partir de quatro tipos de malte, entre eles o malte de Munique e o malte de caramelo, complementados pelo uso de açúcar refinado de cana e extractos de óleo de lúpulo.

Reconhecida internacionalmente devido à sua qualidade ímpar, a Laurentina Preta foi recentemente premiada nos African Beer Awards como a **melhor cerveja preta de África** e distinguida com **2 estrelas de ouro** no International Taste & Quality Institute (ITQI), prémios que se juntam à **medalha de ouro** do Monde Selection de 2008.

É caso para dizer, esta Preta é mesmo boa!

PRÉMIO DE QUALIDADE PARA A MELHOR CERVEJA PRETA DE ÁFRICA 2013

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

Democracia

“Somos o viveiro das lideranças jovens do sexo feminino”

Elas formam um grupo que pretende lutar por uma sociedade mais justa e equilibrada no que a questões do género diz respeito. Chamam-se Frente Feminina e fazem parte do Parlamento Juvenil. O seu objectivo é ter mais mulheres a participar nos processos de desenvolvimento do país a todos os níveis: político, social, económico e cultural. Porém, a sua luta tem como obstáculos os preconceitos masculinos segundo os quais a figura feminina não tem as mesmas faculdades, daí que, para além de questionarem a fraca presença deste género em sectores de tomada de decisão, defendam que “é preciso que à mulher seja dada a oportunidade para que demonstre as suas capacidades”. “A Frente Feminina é o viveiro das lideranças jovens do sexo feminino, e não pretende usurpar o espaço do homem, mas sim buscar, em coordenação com este, soluções para os problemas que afligem a sociedade”, tranquilizam.

Texto: Alfredo Manjate • Foto: Miguel Manguze

@Verdade – O que é a Frente Feminina?

Frente Feminina (FF) – Frente Feminina é o braço da mobilização estratégica do Parlamento Juvenil (PJ) para o engajamento construtivo da mulher jovem na vida política, económica, social e cultural do país. É um movimento apartidário, pois acreditamos que os problemas das mulheres moçambicanas, de forma geral, são os mesmos, independentemente da sua cor político-partidária, daí que todas são chamadas a fazer parte desta organização rumo à igualdade.

Como Parlamento Juvenil temos consciência de que a revolução rumo à edificação de uma sociedade justa só será possível quando as mulheres e os homens caminharem juntos para o alcance de objectivos comuns. Esta é a razão da criação deste braço. Somos o viveiro das lideranças jovens do sexo feminino.

@Verdade – Quantos membros compõem a Frente Feminina?

FF – Somos várias. Não vamos falar de números, mas devemos dizer que temos coordenadoras da Frente ao nível de todo o país, desde os distritos até às províncias. Temos representantes nas escolas secundárias e igrejas. Ainda tencionamos alargar a base no sentido de termos representação em todos os locais onde podemos encontrar uma concentração de mulheres jovens.

A Frente mobiliza mulheres para se engajarem na política e terem uma participação consciente, que não se limita a uma simples participação simbólica na Assembleia da República, ou noutros órgãos, como acontece nalguns casos.

As mulheres constituem a maioria da população. Aliás, não só ao nível do país, mas também no mundo. Mas sentimos que esse facto, muitas vezes, não passa de um elogio demográfico e cosmético, sem efeitos concretos na vida da mulher.



@Verdade – O que significa isso?

FF – Significa que ainda não sentimos uma participação efectiva das mulheres na definição dos destinos da sociedade, não obstante sermos a maioria. Perante isso nós questionamos: “o que significa sermos maioria? O que as mulheres vêem como benefício por serem a maioria? E será que o ser a maioria em termos populacionais reflecte-se na inclusão das sensibilidades das mulheres no exercício de tomada de decisão, de planificação e no exercício de implementação e monitoria de políticas públicas?”. A resposta ainda é: “não”. Por outro lado, sentimos que quando falamos da questão da mulher o assunto é remetido a um espaço privado e não para o espaço público. E nós questionamos: “como é que nós, de facto vemos, a participação da mulher em termos de política pública, na identificação de uma sociedade democrática?”.

Por exemplo, o país está a viver, neste momento, uma situação de conflito político-militar, mas quando olhamos para as equipas negociais não conseguimos ver lá mulheres. São duas equipas negociais constituídas por homens. Quando olhamos, também, para os “mediadores” que têm ido tanto para Santundjira, assim como para reunir com o Presidente da República, só temos homens lá.

Olhando para os partidos políticos que se reuniram com as duas partes, vemos apenas homens, até os jornalistas que fazem a cobertura da mediação também são maioritariamente homens. Ou seja, a nossa sociedade, em termos de participação política através de partidos políticos, com ou sem assento no Parlamento, ainda é masculinizada.

@Verdade – O surgimento da Frente parte destas constatações?

FF – Em 2010, nós surgimos como um mecanismo para mobilizar a participação da mulher na vida política do país. Para que seja ela mesma a fazer as suas próprias escolhas e definir o rumo que pretende dar à sua vida, mas também para colaborar no processo de aprofundamento da democracia. A nossa questão foi: “será que as questões das mulheres têm sido levadas em conta neste processo de construção da democracia e tomada de decisões?”.

Também fomos inspiradas por vários movimentos de mulheres que foram surgindo ao longo do tempo e foram ganhando as suas batalhas criando, por exemplo, o direito ao voto, ao serviço de saúde sexual e reprodutiva de qualidade, direito à educação, e muitos outros.

@Verdade – Como olham para os resultados dessa vossa luta?

FF – Temos consciência de que as mudanças sociais são lentas. Mas acreditamos que é possível, neste momento, criar mais avanços e liderar um processo em que as mulheres, ao nível das escolas, das igrejas, mercados, possam ter um processo de iniciação política, ter a consciência do que é democracia, o que é cidadania.

Acreditamos também que uma sociedade escolarizada pode fazer a diferença, daí a nossa aposta nas jovens. Uma mulher com conhecimento vai fazer algo de diferente daquela que é inteiramente submissa.

E para além do engajamento na política, lutamos em torno da questão da violência doméstica, temos visto que a mulher continua a ser a principal vítima da violên-

cia doméstica, embora os homens também passem por essas situações.

A sociedade olha para a mulher e diz que ela é elo mais fraco. Mas como Frente metemos na cabeça da mulher que nós não somos o elo mais fraco. Nós não só servimos para ficar em casa a cuidar dos filhos e das panelas. Podemos também ir à luta e conseguirmos alcançar os nossos objectivos.

@Verdade – Concretamente, que actividades a Frente Feminina desenvolve?

FF – Há uma série de actividades que temos consolidado desde a nossa criação. Temos um programa de debate chamado “Mulheres em Chamas”, que realizamos de dois em dois meses. O objectivo é a criação de consciência política nas mulheres jovens com vista a uma participação plena na vida da sociedade.

Neste programa elegemos diferentes assuntos que dizem respeito à mulher e à sociedade no seu todo. Mostramos às jovens que elas não devem debater somente questões que têm a ver com saúde, educação, embora reconheçamos que estas sejam prioridades estratégicas do nosso país, mas é necessário que se engajem e procurem ter, de facto, um papel mais activo em todos os processos.

currículos do Sistema Nacional de Ensino para que tenham de facto uma agenda de género. Para nós os currículos devem ter uma agenda que não se resume apenas a termos uma percentagem de participação das mulheres nas escolas, mas a forma como os mesmos se desenrolam no sentido de garantir que as mulheres tenham acesso à educação de qualidade e tenham igualdade de oportunidades que os homens nas salas de aulas.

@Verdade – O que há de errado nas actuais políticas?

FF – Nós criamos espaços de debate para que não sejamos nós a decidir pelas outras mulheres. Para que as mulheres jovens nos digam como é que elas vêem o seu futuro, nos os homens também possam participar e dar o seu ponto de vista sobre como é que podemos ultrapassar essas dificuldades todas. Um dos princípios da Frente Feminina é a inclusão. Inclusão de todos os grupos sociais, sejam mulheres com deficiência, do sector informal, ensino superior, das diferentes confissões religiosas, domésticas. Queremos perceber os problemas de todos esses grupos sociais. Entretanto, na essên-

continua Pag. 12 ➔

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

O Jornal mais lido em Moçambique.

A verdade em cada palavra.

Democracia

cia, o que queremos é uma educação de qualidade e que olhe para a perspectiva do género. A política de formação de professores deve envolver uma forte componente de género e direitos humanos, relações de género e equilíbrio. Essas situações devem estar espelhadas nos currículos e, também, nas actuações dos professores.

@Verdade – E como têm sido recebidas as vossas mensagens, principalmente nos locais onde ainda prevalece o conservadorismo, tal é o caso de algumas igrejas?

FF – Primeiro, nós reconhecemos que as mudanças sociais são lentas, então o importante é ter uma abordagem suave ao nível da sociedade. Nós sempre procuramos deixar claro que não somos pela inversão de papéis, mas sim por uma participação e colaboração entre mulheres e homens. E com essa abordagem as mulheres aos poucos vão-se abrindo a esses processos, embora não seja em todas as igrejas. Mas também não buscamos resultados imediatos.

@Verdade – Tendo em conta as eleições que se avizinhavam, existe um programa específico direccionado para as mulheres?

FF – Neste período, um dos papéis da Frente Feminina é mobilizar jovens para que façam parte deste processo, para que exerçam o seu direito cívico. Agora, em relação aos candidatos, gostaríamos que, pelos menos, das 53 autarquias, houvesse mulheres candidatas a representar-nos. Ninguém nos vai dar um espaço, a não ser que nós o conquistemos através da luta e da demonstração de capacidade.

Olhando para o facto de haver eleições neste e no próximo ano, colocámos como desafio a nós mesmas. Queremos que pelo menos 50 por cento dos candidatos (a edis ou às assembleias municipais) sejam mulheres. É que os jovens e as mulheres são a maioria, mas no fim do dia olhamos e temos apenas dez por cento, por sorte.

São poucas as mulheres que ocupam o cargo de presidente de município e este ano invertemos esse cenário. E, para tal, as mensagens que passamos aos partidos políticos com assento no Parlamento e aos extra-parlamentares é que nós queremos mulheres candidatas. Depois o eleitor na mesa de voto vai decidir a quem eleger. Também não queremos eleger simplesmente por ser mulher, queremos eleições competitivas. Queremos olhar para o projecto social que cada um traz, queremos sentir que as mulheres estão lá.

@Verdade – Como foram definidas as metas?

FF – As metas são flexíveis. A questão é que nós queremos promover um engajamento construtivo da mulher jovem ao nível do país. Queremos sentir que ao nível de todas as províncias temos mulheres a participar nos debates públicos como painelistas, queremos mulheres nos partidos políticos como candidatas.

Claramente que há prioridades em termos de educação formal. Reconhecemos a importância da educação informal. Percebemos com satisfação que a consciência política não está apenas naqueles que se sentaram no banco da escola, aqueles que fizeram o ensino superior. Sentimos que há mulheres que, por exemplo, mesmo não tendo avançado muito no que diz respeito à educação formal, nos últimos dias, conseguem discutir a situação política do país.

@Verdade – Não estarão a generalizar algo que ocorre apenas nas cidades?

FF – Para nós o facto de essa situação ocorrer na cidade é um passo necessário para que o processo seja activado. As mudanças sociais nunca foram suscitadas por toda a população, sempre há um núcleo activador. Estaríamos a ser muito ambiciosas se quiséssemos que esse processo ocorresse em todos esses locais simultaneamente.

@Verdade – Nas eleições autárquicas que se avizi-



nham, pretendem que metade dos candidatos sejam do sexo feminino. Tiveram em conta as competências das mulheres que fazem parte dos partidos?

FF – Essa questão é importante e nós olhamos para esse aspecto. Mas quando se diz que as mulheres não têm capacidade, quem é o culpado por essa situação é a sociedade. Porque é que não temos mulheres capacitadas? Por que é que não podem participar nas eleições autárquicas?

Temos 39 por cento de mulheres na Assembleia da República, temos ministras e vice-ministras e vemos mulheres empresárias. Será que ao nível das bases não existem mulheres como estas? Pensamos que é uma questão de oportunidade. É preciso que haja oportunidade para que as mulheres demonstrem as suas capacidades. Mas também é preciso que os próprios partidos políticos invistam mais na capacitação dos seus quadros. E esse é um desafio da sociedade. É preciso que o nosso sector da educação se preocupe em formar pessoas com as componentes “saber fazer e saber estar”.

@Verdade – O que é feito nos encontros da Frente Feminina?

FF – Discutimos assuntos sociais ou acontecimentos relevantes que merecem ser revistos. Temos muitas questões que preocupam as mulheres que nós identificamos: violência do género, assédio sexual, educação inclusiva e transformadora, saúde sexual reprodutiva e VIH/SIDA. Mas também dizemos que há temas sobre as quais as mulheres pouco discutem. Por exemplo, sobre o estado da Nação; agora a questão da tensão político-militar. Então nós levamos esses assuntos à mesa de debate e ouvimos o que elas pensam sobre isso e o que podemos fazer. E um exemplo dos resultados disso é o debate que houve em Maputo sobre o estado geral da Nação, que reuniu mais de mil cidadãos.

@Verdade – Quando debateram sobre o estado da Nação, a que conclusão chegaram como Frente Feminina?

FF – Concluimos que o estado da Nação é preocupante. Nós pensamos que o conflito que existe hoje não é só entre o Governo e a Renamo. O nosso país está na iminência de vários outros conflitos que se forem não geridos devidamente podem criar problemas que vão ser difíceis de resolver no futuro. Falamos disso porque quando olhamos para a greve dos profissionais da Saúde, a situação de Cateme, estudantes menores no curso nocturno, sector informal, transporte que já trouxe manifestações no país, percebemos que, embora as questões estejam a ser bipolarizadas, é necessário

um diálogo que inclua todos os sectores da sociedade. Todos nós estamos a ser vítimas dessa situação.

@Verdade – E como é feita a réplica dos debates ao nível das escolas, igrejas, ...?

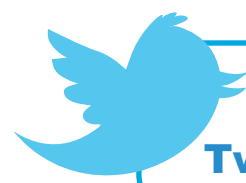
FF – Com base nas recomendações que saem do debate, vamos às escolas e elegemos um tema para ser discutido. Ouvimos nas escolas o que é que elas gostavam que fosse debatido a nível da Frente. Igualmente, temos a reunião nacional da Frente Feminina, para a qual seleccionamos as mulheres mais activas ao nível das escolas, igrejas, mercados, etc., para aprovarmos a nossa estratégia de actuação, e delinear como abrir novas frentes.

Na reunião nacional, reflectimos sobre a posição da mulher jovem em relação a questões que não são meramente femininas. Usamos a poesia e a música, mostrando que a questão de participação política não é feita só ao nível do debate. Realizamos feiras, onde apresentamos obras feitas com material reciclável. Apostamos na reciclagem por também ser um acto de cidadania e que contribui para a conservação do meio ambiente.

@Verdade – Como são recebidas as mensagens da Frente Feminina?

FF – De uma forma positiva e a participação nos debates é massiva. As mulheres que antes se auto-excluía do debate político, agora vão ganhando mais consciência. Todavia, nos distritos sentimos que a participação ainda é fraca. Ainda há uma série de constrangimentos que enfrentamos, quer sejam colocados pela família, quer por elas mesmas para participar. Nas cidades sentimos que há uma preferência por entretenimento comparativamente à participação no debate política.

Entretanto, até finais de 2014, a Frente Feminina deverá ser de facto um movimento de referência das mulheres. Não excluimos nenhuma mulher jovem, independentemente da sua filiação partidária, principalmente porque sentimos que nalguns casos a sua voz, em certos partidos, é suprimida em nome dos interesses superiores da organização. Ela é proibida de falar. Mas aqui na Frente elas são totalmente livres de se expressar e deixar as suas opiniões.



Siga no
Twitter @DemocraciaMZ

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

Democracia

Governo e Renamo continuam sem consenso após 16 rondas de negociações

Após 16 rondas negociais, que duram desde Dezembro de 2012, as delegações do Governo de Moçambique e da Renamo, o maior partido da oposição, continuam sem consenso. Segundo o chefe da delegação da Renamo, só a intervenção do Presidente da República poderá resolver o impasse. Entretanto continua-se a viver em estado de guerra no Centro do país, o trânsito continua a ser feito em colunas militares, entre Save e Muxúnguè e no fim-de-semana houve novos confrontos armados entre forças governamentais e a segurança de Afonso Dhlakama.

Texto: **Redacção**

O Governo, apesar de afirmar estar a fazer tudo o que é possível para chegar a entendimento, na prática discorde dos pontos cruciais, da proposta do maior partido da oposição, para a realização de eleições justas e transparentes.

O Executivo não concorda com a revisão da composição dos órgãos eleitorais, nomeadamente a Comissão Nacional de Eleições (CNE) e o Secretariado Técnico de Administração Eleitoral (STAE), assim como recusa que o número de boletins de votos a serem produzidos seja igual ao número dos eleitores inscritos em cada caderno eleitoral, o que poderia evitar que os boletins que sobram possam ser usados de forma ilícita como terá acontecido em pleitos passados em Moçambique.

Ainda sobre os principais pontos de discórdia o Governo entende que aceitando a paridade nos órgãos eleitorais estaria a violar a Constituição da República, uma vez que esta não prevê que a CNE e o STAE sejam compostos sob forma de paridade. Porém, a Lei Fundamental, no seu artigo 135, invocado pelo Governo para recusar a paridade, não estabelece nem recusa a composição dos órgãos eleitorais por paridade.

Perdiz insiste no acordo político prévio

A Renamo, até ao fecho desta edição, não aceitava submeter a sua proposta de revisão da Lei Eleitoral sem um acordo político que assegure o acolhimento das suas propostas pela maioria dos deputados do Parlamento. O partido do Governo tem a maioria dos deputados do Parlamento moçambicano e, com o acordo político, a Renamo pretende que o Executivo instrua aos deputados da Frelimo a votarem favoravelmente a sua proposta.

A delegação do maior partido da oposição insiste na ideia de que, perante o impasse que se regista há mais de 16 rondas negociais, a solução só poderá vir do Chefe de Estado. “A Renamo está disposta para, a qualquer momento, havendo aval por par-

te do Governo, depositar os documentos e ainda serem discutidos na presente sessão da Assembleia da República, mas tudo depende do Presidente da República. Ele é quem nos pode tirar do impasse que dura há mais de 100 dias”, disse o chefe da delegação da Renamo, Saimone Macuiane.

Não podemos ser nós a forçar a Renamo, afirma Presidente Guebuza

Nesta terça-feira, o Chefe de Estado, Armando Guebuza, afirmou que o Governo tem feito tudo para que as negociações com a Renamo tenham resultados positivos e que vai continuar a trabalhar no sentido de fazer com que a Renamo participe em todos os processos eleitorais, mas sublinhou que não pode ser o seu Governo a forçar a Renamo a participar.

“Nós continuaremos a trabalhar para, em diálogo, a Renamo não ficar de fora, mas só podemos fazer isso, não podemos fazer mais. Continuaremos pacientemente a trabalhar para que a Renamo não fique de fora do processo, mas para entrar no processo só pode ser ela (a Renamo) a entrar, não podemos ser nós a forçá-la” enfatizou o Presidente da República no final de mais uma Presidência Aberta em Changara, na província central de Tete.

Renamo afirma que a FIR e as FADM atacaram os seus homens

Em conferência de imprensa na terça-feira (13), em Maputo, o porta-voz da Renamo, Fernando Mazanga, tornou público que um contingente de 225 militares das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM) e agentes das Forças de Intervenção Rápida (FIR), atacou com armas pesadas homens da segurança da Renamo na região de Pondja, no posto administrativo de Muxúnguè, distrito de Chibabava, no Centro de Moçambique.

Segundo Mazanga os seus homens defenderam-se e causaram 36 vítimas mortais e 37 feridos entre os militares das FADM e agentes das FIR. Ainda de acordo com a fonte, na sequência do ataque, e encontrando resistência por parte dos homens da Renamo, “as forças do Governo da Frelimo saíram em debandada, tendo deixado no terreno cadáveres, armas Ak 47, munições e roquetes de RPG7, vulgo bazuka,” narrou o porta-voz da Renamo, que acrescentou que do lado dos seus homens não houve baixas.

Polícia desmente número de baixas

Prontamente, o Comando Geral da Polícia veio desmentir o ataque mas confirmou ter havido uma troca de tiros afirmando que um militar perdeu a vida e um outro ficou ferido.

“Na verdade na manhã do dia 10 de Agosto uma patrulha nossa na zona de Pondja foi confrontada no seu processo de trabalho com um contingente da Renamo o que levou a uma situação de troca de tiros. No processo de troca de tiros, não protagonizado por 250 homens fortemente armados como o porta-voz da Renamo quis dar a entender (...) não reconhecemos corpos abandonados no local. Na verdade nós tivemos um ferido ligeiro e tivemos um ferido grave que veio a parecer, um colega das Forças Armadas de Defesa de Moçambique” afirmou o porta-voz da PRM Pedro Cossa que acrescentou que não foram abandonadas armas de fogo nem foram realizadas “segundas tentativas” de ataques no dia seguinte e deu conta ainda da existência de uma vítima mortal do lado dos homens da Renamo.

Renamo lamenta mortes em tempo de paz

Segundo Fernando Mazanga, a Renamo não se orgulha das baixas nas forças governamentais, mas “lamenta que mais de 20 anos depois dos entendimentos de Roma tenhamos que regar o solo pátrio com sangue no lugar de adubos e fertilizantes que nos trariam comida”.

Este é o segundo ataque, de conhecimento público, das forças governamentais a homens armados da Renamo que desde o passado dia 20 de Junho do corrente ano se posicionaram mais próximos da Estrada Nacional nº1, a única via terrestre que conecta o Sul ao Centro e Norte de Moçambique, alegadamente alargando o perímetro da segurança do líder do partido, Afonso Dhlakama, que desde de finais de 2012 reside na região, mais concretamente em Sathundjira.

Fernando Mazanga reafirmou que o país não está em guerra “mas o Governo esforça-se por criar essa imagem para de seguida usar a propaganda enganosa e influenciar a opinião pública sobre aquilo que a Renamo não é com o fito de colher dividendos políticos e eleitoralistas”.

“Todo o mundo sabe porque é que o Governo da Frelimo ataca a Renamo, o estranho da situação é o mutismo do Comandante em Chefe das Forças de Defesa e Segurança e Chefe de Estado moçambicano, Armando Emilio Guebuza, que nada faz para parar com a morte dos nossos jovens” disse ainda o porta-voz da Renamo que noutra passagem afirmou que o líder do partido faz um apelo ao Presidente Guebuza para que dê ordem aos seus comandantes com vista a interromperem os ataques para que a paz prevaleça em Moçambique.

Orçamento Rectificativo dá cobertura a sectores não prioritários

O Orçamento Rectificativo (OR) aprovado pela Assembleia da República (AR), na semana passada, visa dar cobertura ao incremento salarial no Ministério da Saúde, a reconstrução pós-cheias e aos reassentamentos resultantes da construção da ponte da Katembe, assim como da estrada circular. Contudo, o OR prevê mais fundos para a Presidência da República, Casa Militar, as FADM, os Ministérios da Defesa e do Interior, um leque de instituições que não sofreram, de forma alguma, o efeito das calamidades naturais...

Texto: **Redacção**

O aumento da despesa pública em pouco mais de 13.7 biliões de meticais foi solicitado pelo Governo para acomodar a entrada de novas receitas e o surgimento de despesas fora do contexto do OGE 2013. Efectivamente,

O Executivo pretende aumentar o limite das despesas do Estado dos actuais 174.954,9 milhões de meticais para 188.719,8 milhões.

A justificação arvorada para alargar a base da despesa pública prende-se com “o plano de reconstrução pós-cheias”, assim como reforçar o fundo de salários para fazer face aos aumentos salariais, com destaque para o sector da Saúde e o “reforço das dotações para implementação de acções no âmbito da estratégia de combate à pobreza”. Surgem também no OR rubricas destinadas ao reassentamento das famílias a serem desalojadas pelos projectos da Estrada Circular de Maputo e da Ponte para Katembe. No que diz respeito à receita, o Governo justifica o pedido da rectificação orçamental com a tributação das mais-valias, vindas de operações de venda de acções de empresas petrolíferas, que resultaram num incremento de 5.337,5 milhões de meticais.

Como resultado do reforço orçamental previsto, o Governo pretende alocar 2.282,9 milhões de meticais para o Plano de Reassentamento pós-cheias e 410 milhões da mesma moeda para questões de reassentamento das famílias afectadas pelo traçado da ponte da Katembe, estrada circular de Maputo e as vítimas das cheias do início do ano, em algumas cidades e vilas. Segundo a proposta de revisão, o Plano de Reconstrução pós-cheias deverá custar cerca de 2.2 biliões de dólares, sendo 350 milhões destinados ao reassentamento das vítimas da ponte de Katembe e 160 milhões, dos desalojados pela circular de Maputo. Para os reajustamentos salariais, o Governo pediu um reforço de cerca de 1,4 bilião, do qual grande parte será destinada ao sector da Saúde.

O novo limite orçamental prevê o mesmo nível de défice orçamental aprovado na lei inicial, que é de 68.227,5 milhões de meticais, contudo, em termos percentuais, representará um aumento de 12,3 por cento para 14,5 pontos percentuais, como resultado da revisão em baixa do PIB, que segundo dados recentes, está agora em 7 por cento. Para a cobertura do défice orçamental, “o Governo irá recorrer ao financiamento interno e recursos externos (donativos e créditos)”. Em termos de financiamento interno, o Executivo prevê aumentar as receitas do Estado em 6.530,3 milhões de meticais face à lei inicial, dos quais 5.337,5 milhões resultam de “operações de tributação do rendimento das transacções de empresas que operam no sector mineiro e petrolífero” e “1.192,8 milhões de meticais resultantes da cobrança adicional pela prestação de serviços por várias instituições do Estado”. Quanto a recursos externos, a proposta conta com um aumento em 7.234,6 milhões de meticais, que resultam, essencialmente, da “confirmação de um financiamento adicional da Alemanha no valor de 507 milhões de meticais” destinados ao Apoio Directo, e desembolsos adicionais de donativos para projectos de investimento no montante de 2.128,0 milhões de meticais, para além de “reforço dos créditos para projectos em 3.813,6 milhões de meticais”, concedidos pelo Banco Mundial, EXIMBAKOR e EXIMBANCHI.

Parecer da oposição

A bancada do MDM considera que “a proposta de Lei de revisão do OGE não indica a localização das infra-estruturas dos órgãos do Estado a reabilitar e nem a construir em consequência das cheias”. Sem, contudo, contar que a mesma “não quantifica os montantes a alocar para instalações das novas autarquias locais (...)”, mas “prevê-se o incremento do orçamento para a Casa Militar, as Forças Armadas de Defesa Nacional e a Presidência da República”. Portanto, o MDM pensa que se trata de áreas “não essenciais para o povo moçambicano”.

O facto de o OR ter colocado como prioridade a reparação dos danos causados pelas calamidades naturais que assolaram o país inquieta o MDM, uma vez “as actividades não foram quantificadas e nem especificada a localização

das mesmas”. O que torna, dizem, impossível fiscalizar. A Renamo também contesta a pertinência do OR, uma vez que o Governo afirma que a proposta surge no contexto de “factores de risco que afectaram a actividade económica no primeiro trimestre”, das quais destaca “o impacto das cheias e inundações que afectaram a zona Sul do país”. Paradoxalmente, diz a Renamo, a proposta contempla “instituições que não foram afectadas pelo impacto das cheias e inundações tais como a Presidência da República, o Gabinete do Primeiro-Ministro, o Ministério da Defesa Nacional, as FADM, a Força de Intervenção Rápida e o Ministério do Interior”.

A Renamo conclui, no seu parecer, que a revisão não significa “o acréscimo de fundos para a criação de melhores condições de vida para os moçambicanos, mas sim, servirá para alocar mais dinheiro aos órgãos de repressão que não sofreram com os efeitos das cheias”.

Frelimo

O grupo parlamentar da Frelimo distanciou-se do posicionamento da oposição e considerou que a proposta do Governo é “oportuna e relevante”. Ou seja, “as necessidades adicionais do Governo para uma gestão eficiente dos serviços públicos que tem de prestar, mantendo uma disciplina fiscal agregada, obrigam à necessidade de se estabelecer novas rubricas orçamentais não previstas”.

Gôndola

Gondola: tramados pela falta de emprego

Se a qualidade de vida de uma vila municipal pode ser medida pelo acesso aos bens de primeira necessidade, Gondola está, aos poucos, a tornar-se um lugar melhor para os seus residentes. Reconheça-se: até há pouco tempo, era difícil, para não dizer impossível, ter acesso a água sem percorrer grandes distâncias. Presentemente, a realidade é outra. Mas nem tudo é um mar de rosas numa autarquia que precisa de impulsionar as actividades económicas para combater o desemprego...

Texto & Foto: Rui Lamarques



Se colocarmos de parte a agricultura, a movimentação de vendedores informais à entrada, saída e no coração da vila municipal de Gondola é um retrato preciso sobre a ocupação da população activa local. São centenas de munícipes provenientes dos bairros com o firme propósito de fazer dinheiro numa vila onde o emprego rareia.

A edilidade licenciou, entre 2009 e 2012, várias unidades industriais e comerciais para combater o mal. O esforço, diga-se, revelou-se uma gota de água no oceano do desemprego que grassa na autarquia. Os 308 postos de trabalho distribuídos pelas indústrias hoteleira (28) e transformadora (78), o comércio (113) e a agro-pecuária (89) não abarcam sequer 10 por cento da mão-de-obra que Gondola oferece anualmente.

A edilidade conta com um efectivo de 121 funcionários. Um contributo igualmente residual para combater o desemprego. Com cerca de 47 mil habitantes, de acordo com uma pesquisa interna da edilidade, Gondola localiza-se na província de Manica.

Por cada 100 crianças ou idosos existem 112 pessoas em idade activa. Na verdade, 14889 cidadãos estão em idade de trabalho. Portanto, excluindo os que procuram emprego pela primeira vez a população economicamente activa é de 9383 pessoas o que, de acordo com dados municipais, reflecte uma taxa implícita de desemprego e subemprego estimada em 46.4 por cento.

Ainda assim, Gondola passa por uma notável transformação. Na economia, investimentos no sector bancário e comércio informal, com a reabilitação do mercado central, trouxeram um volume inédito de recursos, mas não foram capazes de gerar empregos. Na área dos transportes, o que se vê é uma mudança que beneficia apenas o centro da vila. A deslocação entre os bairros acontece de forma deficitária. No segmento do lazer há poucas opções para os moradores e os visitantes.

Para se antecipar à falta de emprego, a edilidade sonha com uma escola de artes e ofícios. “Nós não temos nenhuma grande fábrica em Gondola”, defende Eduardo Gimo, edil local. Num município onde a comida não é

problema devido ao seu potencial agrícola, a ideia de construir uma escola de artes e ofícios encontra acolhimento em jovens como Eduardo Gento. “Gostava de ter conhecimentos na área de electricidade. Há muito mercado nessa área e seria uma vantagem para os jovens que depois ficam sem nada para fazer”. A tese de Gento é secundada por Ernesto, de 19 anos de idade, que se dedica à venda de maçãs e é repetida pelo grosso dos vendedores informais que fizeram do espaço frontal do mercado municipal um lugar para ganhar dinheiro.

Em contrapartida, o desemprego coloca mais pessoas na agricultura e no comércio. O resultado, nos últimos anos, é evidente. Há, portanto, mais meios circulantes, designadamente motorizadas (que substituem, em grande medida, as bicicletas), do que nunca na história de Gondola. No início, as autoridades julgaram que se tratasse de algo passageiro. Com o passar dos anos, porém, essa projecção perdeu força. Com o processo de municipalização os residentes locais viram uma rara oportunidade de trilhar o caminho do desenvolvimento pela via do comércio e da agricultura. A reabilitação das vias de acesso, dizem, atraiu o progresso, mas “diversas outras acções vêm contribuindo para transformar Gondola num lugar melhor para os seus residentes”, defendem fontes municipais. No entanto, o ordenamento do território e o sistema de abastecimento de água, apesar do franco crescimento, ainda não são uma realidade para todos os munícipes.

Nos últimos quatro anos foram feitas 1.170 ligações e construídos 31 fontanários. Essa acção, diga-se, acabou por relegar para o passado uma imagem que representava a face visível daquela autarquia no que diz respeito ao abastecimento de água: mulheres e crianças circulando pelas vias com baldes e bidões na cabeça à procura do precioso líquido.

Embora o discurso oficial seja de satisfação e de obra feita, os residentes exigem mais. Telma Félix, de 46 anos de idade, e residente no bairro Josina Machel, diz que o ideal seria disponibilizar água aos residentes todos os dias e sem interrupção. “O que acontece é que não temos água no quintal de casa”, diz.

Fontes da edilidade asseguram que o esforço de levar água ao domicílio deve ser do munícipe. A responsabilidade da edilidade, dizem, é criar o sistema de distribuição e garantir que todos tenham acesso a água. “Está em curso um projecto do governo holandês de abastecimento de água às cidades de Manica e Chimoio, e à vila de Gondola e Vanduzi. O mesmo está a ser implementado pelo Fundo de Investimento e Património para o Abastecimento de Água (FIPAG). Portanto, a preocupação dos moradores deixará, brevemente, de ser um problema”, garante Eduardo Gimo.

A distribuição tem de beneficiar todos os munícipes. Essa, justificam, é a razão que faz com que o sistema de abastecimento seja rotativo. Em 2008, a percen-

tagem de população que beneficiava de abastecimento não ultrapassava os 30 por cento. Os números actuais dão conta de uma cobertura urbana de 87 por cento.

Obras

Foram requalificados os bairros Josina Machel, Bengo e 7 de Abril, nos quais foram abertos 4.047 novas vias de acesso. Quanto à gestão de solo urbano, foram atribuídos 770 talhões dos 1.039 parcelados.

O Conselho Municipal da Vila de Gondola reivindica a reabilitação e ampliação das ruas e pontes no âmbito do desenvolvimento da rede rodoviária que custaram 26.432.351,71 metical. Efectivamente, de 2009 a 2012 foram realizadas obras de reabilitação e manutenção de rotina em 37.017 metros. A edificação de uma morgue e do novo edifício municipal também constam do rol de realizações da autarquia.

A morgue custou 650 mil metical aos cofres da edilidade. A capacidade é de seis corpos. Em Gondola realizam-se, com excepção dos domingos, entre três e quatro funerais por dia.

Ainda no que diz respeito a infra-estruturas, os jovens de Gondola querem ver reabilitada a piscina do clube Ferroviária.



ACONTECEU

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.



rio. A edilidade refere que em relação ao problema apresentado o seu papel limitou-se a efectuar contactos com o Governo central, os quais foram respondidos positivamente. A prova, garantem, é o processo de reabilitação em curso do campo. A piscina, acreditam, terá um novo rosto na segunda fase desta empreitada. É preciso também ter em conta que dado o potencial na modalidade de atletismo a vila terá, no mesmo âmbito, uma pista.

1.964.517,00 meticaís, 65 por cento do previsto.

Em 2012 foi cobrada uma receita de 2.555.782,47 meticaís, cerca de 85 por cento dos 3.000.000,00 planificados. De acordo com fontes municipais, a introdução de vários impostos como IPA, ISV, SISA e taxas de actividades económicas contribuíram significativamente para o crescimento das receitas.



Receitas próprias

Em 2009, a cobrança de receitas foi de 845.052,50 meticaís, dos 600.000,00 meticaís previstos para aquele ano económico. Efectivamente, a edilidade conseguiu arrecadar 245.052,50 meticaís, 40 por cento acima do previsto. Em 2010 foi cobrado 1.767.215,50Mt (um milhão, setecentos sessenta e sete mil, duzentos e quinze meticaís e cinquenta centavos) contra os 3.000.000,00Mt, (três milhões de meticaís) do planificado, o que corresponde a uma realização na ordem de 58 por cento. Em 2011 o município voltou a planificar arrecadar 3.000.000,00 meticaís, mas só conseguiu

Uma mancha na urbanização

Uma das maiores frustrações do edil de Gondola é o espaço subaproveitado pelos Caminhos-de-Ferro de Moçambique (CFM) naquela vila. Portanto, a ideia de Eduardo Gimo de requalificar as casas de madeira e zinco daquela empresa nunca encontraram acolhimento e compreensão nos responsáveis da empresa. Efectivamente, os CFM detêm a maior parte de infra-estruturas e talhões na vila ferroviária desde a independência sem qualquer plano de modernização.

A edilidade, preocupada em gerir o espaço que de-



Gôndola



Contexto histórico

O nome de Gondola provém de uma lagoa, que em língua chiuté é denominada Gandua. Quando os portugueses chegaram à zona hoje conhecida como Gondola, depararam com um grupo de mulheres que vinham da busca de água. Tendo indagado a respeito da sua proveniência, as mulheres responderam que vinham da Gandua, referindo-se à lagoa. A partir daí, a zona passou a ser chamada de Gondola já que essa lagoa (Gandua) se localiza na localidade de Bengo a 3.5 quilómetros da vila. Efectivamente, a vila surgiu como consequência do desenvolvimento de tráfego ferroviário Beira-Zimbabwe.

Existem na vila três grupos étnicos principais, Chiuté, Ndau e Sena, falando os seus respectivos idiomas, sendo o Chiuté o mais influente.

Município da vila de Gondola em números

Habitantes 47 mil
Novos postos de trabalho 308
Funcionários municipais 121
Receitas próprias 2.555.782,47 meticaís
Novas ligações domiciliárias de água 1170
Fontanários 31



veria, na verdade, estar sob sua tutela, de acordo com a Lei de Terra, procurou chegar a um entendimento com os CFM. Porém, a preocupação caiu em saco roto. Curiosamente, os terrenos vêm sendo ocupados por terceiros. Desde a independência, os serviços que a empresa efectuava no tempo colonial deixaram de existir e a vila ficou praticamente refém da empresa em termos de desenvolvimento.

Educação

No sector da Educação, o município construiu e reabilitou 32 salas de aulas nas escolas primárias 1º de Maio, Mucessua, Panga-Panga e Francisco Manyanga. O bairro Bela Vista, onde foram parcelados 1.000 talhões, foi erguida uma escola com três salas. A edilidade também adquiriu 450 carteiras.



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique

“Setenta por cento da população têm acesso a água”

Eduardo Gimo, edil de Gondola, reconhece que a sua autarquia ainda deve enfrentar desafios para abraçar o desenvolvimento. O desemprego é um dos grandes males e, diz, que “a Saúde e a Educação devem ser encaradas com seriedade”. Até porque ainda existem crianças sem carteiras nas escolas. A edilidade adquiriu 400 carteiras, mas para colmatar a situação são necessárias 1.000 unidades. A distribuição de água melhorou bastante ao ponto, assegura, de ter deixado de ser um problema. As receitas próprias continuam a crescer, mas ainda são insuficientes para investimentos de grande envergadura...

Texto & Foto: Rui Lamarques

@Verdade) – Que balanço pode ser feita da actual governação municipal de Gondola quando faltam menos de seis meses para as próximas eleições autárquicas?

(Eduardo Gimo) – O nosso balanço é positivo. O programa quinquenal da nossa autarquia já foi cumprido em 97,2 por cento. Falta-nos, portanto, realizar as últimas tarefas, das quais a construção de um posto de saúde do T2. Ainda este mês vamos lançar a primeira pedra para a construção da rádio comunitária. A terceira tarefa foi realizada e entregue aos munícipes, que é o novo pavilhão do mercado. Portanto, nós começámos o primeiro mandato do nada. Não tínhamos instalações para as nossas actividades, nem sequer funcionários. Iniciámos com o próprio presidente e quatro vereadores. Recorremos ao governo distrital, o qual dispensou alguns trabalhadores para a limpeza e outros para fazer cobranças. A construção da morgue com o respectivo sistema de frio foi uma das grandes realizações aos olhos dos munícipes. Também construímos aquedutos e reabilitámos as vias de acesso. Asfaltámos a avenida principal da vila que é a Armando Emílio Guebuza. Demos um novo rosto ao cemitério.

@V) – Qual é o ponto de situação da gestão dos resíduos sólidos?

(EG) – Nós temos dois meios, um dos quais adquirimos e o outro foi herdado do governo distrital. Contudo, os mesmos não satisfazem as necessidades da vila. Tal situação levou-nos a planificar a aquisição de um terceiro tractor para podermos abranger os bairros. Neste momento não conseguimos dar conta da remoção dos resíduos sólidos nos bairros. Estamos neste processo e penso que daqui a um mês teremos um meio circulante. No entanto, olhando para a situação anterior à municipalização, podemos dizer que a gestão de resíduos sólidos melhorou bastante. A vila é agora mais limpa. Há, em alguns espaços, lixo acumulado que o tractor recolhe sempre que necessário.

@V) – A vila debatia-se com problemas no que diz respeito ao abastecimento de água. O que melhorou com a municipalização?

(EG) – Tivemos problemas relacionados com o abastecimento de água, mas conseguimos resolvê-los. Todos os bairros já têm água. Energia também foi um problema que, felizmente, foi ultrapassado e todos os bairros dispõem de corrente eléctrica. Às vezes temos recebido reclamações relacionadas com a qualidade, mas é um problema que vem sendo ultrapassado paulatinamente.

@V) – Qual é a percentagem actual de população com acesso a água?

(EG) – A percentagem actual é de 78 por cento.

@V) – ... E energia?

(EG) – 68 por cento.

@V) – Para efeitos de um balanço que considera positivo quais eram as percentagens quando iniciou este mandato?

(EG) – Tínhamos 30 por cento de cobertura no que diz respeito ao abastecimento de água. Em relação a energia estamos a falar de 15 ou 16 por cento.



@V) – Este acesso a água na ordem dos 68 por cento significa água a jorrar nas torneiras dos quintais dos munícipes?

(EG) – Nós temos água canalizada do FIPAG e temos furos com as respectivas bombas. Para além disso, temos postos com um sistema melhorado.

@V) – Quais são, efectivamente, as actividades em falta para falarmos de 100 por cento de cumprimento do seu manifesto eleitoral?

(EG) – Apenas as três que citei anteriormente.

@V) – De que forma são geridos os resíduos sólidos recolhidos na vila? Em algumas partes do mundo lixo significa dinheiro. O que se pode dizer disso em relação a Gondola?

(EG) – Não temos uma aterro sanitário. Temos uma zona onde o lixo é depositado, mas isso não é solução, uma vez que o volume do que se produz tende a aumentar. Neste momento estamos a desenvolver um trabalho conjunto com a Direcção Nacional do Ambiente para construirmos uma lixeira que sirva a cidade de Chimoio e a vila de Gondola.

@V) – Qual é a situação económica da vila?

(EG) – A base de sobrevivência dos munícipes é a agricultura. Contudo, temos vindo a assistir ao crescimento do sector avícola. Há muita gente que se dedica à criação de frangos e outros animais de pequena espécie. Tivemos um bom ano agrícola.

@V) – Qual é o valor em termos de receitas próprias do município?

(EG) – Em 2009, o nosso nível de receitas era de 60 mil meticais por mês. Portanto, em 2012 fizemos 3. 000. 000 de meticais. A receita anda em torno de 200 mil meticais.

@V) – Portanto, os problemas por resolver carecem de muito mais fundos do que aqueles que a edilidade arrecada por via de impostos. Como é que se resolve esta situação?

(EG) – Até aqui há um equilíbrio entre a capacidade de realização e a financeira. Porquê? Com aquilo que fazemos ao nível local acrescentamos o subsídio que é canalizado pelo nível central. Portanto, o nosso plano anual é realizado em função disso.

@V) – O comércio informal não cessa de crescer em Gondola. Como é que a edilidade olha para esse fenómeno?

(EG) – Nós temos vindo a encorajar. O município não tem nenhuma fábrica ou empresa como tal, capaz de absorver o grosso dos jovens que estão no desemprego. Portanto, encorajamos os munícipes para que façam os seus negócios. Os nossos mercados estão completamente cheios. Quando chegámos ao município as pessoas não tinham viaturas, mas agora as bicicletas estão a ser substituídas pelas motorizadas e estas últimas por viaturas.

@V) – Embora não seja da competência do município houve alguma intervenção nos sectores da Educação e da Saúde?

(EG) – Os fundos que recebemos do Governo central, agregados aos que resultam das nossas receitas próprias, são usados em função das necessidades desses sectores. Portanto, na área de jurisdição municipal nós somos responsáveis por planificar em função das necessidades dos munícipes. Obviamente que isso é feito em sintonia com estes sectores. Os serviços ainda não estão entregues ao município. Construímos oito salas de aulas e entregámo-las à Educação. Portanto, salas de aulas e as respectivas carteiras. No sector da Saúde acontece o mesmo.

@V) – Em Gondola não há escolas sem carteiras?

(EG) – Há escolas sem carteiras, mas essas são as que nós encontrámos. E mesmo essas beneficiam de algumas melhorias. Entregámos 400 carteiras, mas não é suficiente.

@V) – Qual é a necessidade real em termos de carteiras?

(EG) – Não tenho em mente, mas não é menos do que 1.000 carteiras. Isso se as quisermos apetrechar devidamente.

@V) – Algum plano para a implementação de serviço de transportes urbanos?

(EG) – O que existe em Gondola são os famosos chapa-100 que fazem o transporte Chimoio/Gondola e vice-versa. Com o crescimento da nossa mancha urbana as pessoas já começaram a pedir. Portanto, exigem transporte público que circule de bairro para bairro. Registámos a preocupação. Este ano a ideia é sensibilizar os transportadores. Já experimentámos colocar transporte dentro da vila, mas as pessoas não dispunham de meios. É, digase, complicado, uma vez que as pessoas exigem, mas depois não recorrem aos transportes disponibilizados.

@V) – O município tem capacidade para investir na área dos transportes públicos?

(EG) – Não nos comprometemos. Esta é uma actividade singular dos próprios munícipes. Por enquanto a edilidade não se pode imiscuir.

@V) – Em condições normais o transporte público é subsidiado

(EG) – Nós ainda não chegámos a esse nível.

@V) – O que o município tem feito para melhorar os assentamentos informais?

(EG) – Estamos num programa de requalificação dos bairros que consiste, nesta fase, na abertura de estradas, construção de salas de aulas e instalação de energia na via pública. Não tem sido fácil.

@V) – Qual é a dificuldade?

(EG) – Os nossos bairros surgiram por causa da guerra dos 16 anos. As pessoas abandonavam as suas zonas de origem e ocupavam os espaços ao redor das vilas por uma questão de segurança. As instituições do Governo, nessa altura, não tinham como disciplinar a ocupação da terra. É uma ocupação que ocorreu ao longo de 16 anos e não se pode, de forma alguma, pretender-se que se resolva em tempo recorde. Mexer com os hábitos e costumes das pessoas não é tarefa fácil.

@V) – Quais são os grandes desafios da vila de Gondola?

(EG) – Melhorar o sector da Educação. É preciso construir mais salas e apetrechar as mesmas. O sector da Saúde também é um grande desafio que precisa de ser encarado com a seriedade necessária. Algumas vias de acesso têm de sair da terra batida para a colocação de pavé. Temos também de diminuir o desemprego. Temos de conseguir ter uma escola técnica e industrial para absorver os jovens e terem uma alternativa de sobrevivência. Temos de fazer barulho para ter uma escola de género.

“Encontrámos o município falido”

Quando assumiu a gestão municipal da cidade de Quelimane, Manuel de Araújo tinha como prioridades para o primeiro ano do seu curto mandato três aspectos, nomeadamente fazer com que o município se sentisse parte do processo de desenvolvimento da urbe, acabar com os buracos e melhorar a imagem da capital provincial da Zambézia. Volvidos sensivelmente dois anos, e não obstante ter encontrado o “município falido”, o edil afirma que “nós conseguimos, em menos de uma ano, mudar isso e mostrar ao município que é possível mudar a situação, é possível nós voltarmos a sonhar e voltarmos a ser cidadãos de primeira”.

Texto & Foto: Helder Xavier



@Verdade – Assumiu a gestão do município de Quelimane praticamente no meio do mandato. Volvidos sensivelmente dois anos, qual é o balanço que faz?

Manuel de Araújo (MA) – Neste momento, posso dizer que o balanço que fazemos é positivo. Quando nós tomámos posse, encontrámos o município falido do ponto de vista político, económico e financeiro e também do ponto de vista de impacto social. Foi por isso que o partido Frelimo decidiu tirar a pessoa que estava na gestão do Conselho Municipal. Os relatórios, quer do Ministério das Finanças, quer da Inspecção da Administração Estatal, provam o que estou a dizer, ou seja, aquilo que eram os mecanismos de gestão; por exemplo, para a aquisição de bens, existe um documento que regula como a entidade do Estado deve proceder e exercer as suas actividades, porém, o que acontecia neste município é que esses instrumentos não eram seguidos. Isso não precisa de ser regulado, é uma questão de bom senso. Refira-se que mais de 85 por cento dos funcionários dessa autarquia recebiam na tesouraria, à boca do caixa. Isso é meio caricato. Se as coisas estivessem bem, a Frelimo não teria arriscado destituir o edil e convocar eleições intercalares com um resultado que não esperava.

@V – E qual foi a primeira acção levada a cabo quando assumiu o poder?

MA – Fizemos uma limpeza no comportamento dos próprios municípios. Os funcionários entravam às 10h00 ou 11h00, e às 14h00 não encontrava ninguém, desde os vereadores até os outros trabalhadores. A assiduidade era diferente da maneira como devia ser. Portanto, todos os vereadores faziam despesas, não havia sistema de controlo e o resultado é que encontrámos uma dívida avultada de cerca de cinco milhões de meticais. Nós remetemos o caso às Finanças, tendo feito um rastreio que nos mostrou aquilo que eram as razões que fizeram chegar a essa situação. Internamente, não havia disciplina, cada um fazia o que bem entendia. O próprio município, em termos de infra-estruturas, as casas que pertenciam a autarquia estavam degradadas e alguns bens eram usurpados por outras entidades; por exemplo, o prédio de três andares onde funciona a Direcção da Educação é um bem do município, nós tivemos que intentar uma acção judicial para ver se recuperávamos esse bem que passou para a entidade da Educação sem o conhecimento, quer do município, quer da Assembleia Municipal, o que constituiu uma violação. A própria Biblioteca Municipal, construída com os fundos do município, hoje já não é do município. Quando questionámos o que teria acontecido, ninguém foi capaz de dizer, nem aqui, nem na Assembleia Municipal. O município não tem lixeira porque há um município que diz que aquele terreno é dele e a gestão municipal passada não se preocupou em legalizar as coisas. Nós tivemos que fazer um processo de estabilização interna da própria casa.

@V – E como é que foi esse processo?

MA – Nomeámos vários jovens, muito deles não tinham experiência de trabalho, mas era preciso incutir uma nova filosofia, uma nova mentalidade de como é que nós gostaríamos que as coisas funcionassem. Mesmo na parte exterior, dizia eu que a cidade de Quelimane era considerada a capital dos buracos, mas em menos de seis meses conseguimos tapar quase todos. Coincidiu num momento em que a empresa CETA – Construções tinha um projecto para introduzir drenagens na cidade e acabou por abrir alguns buracos. Neste momento, eles encon-

tram-se na segunda fase, no processo de tratamento dos buracos, mas nós já tínhamos conseguido tapar cerca de 80 por cento dos buracos em menos de um ano. Acima de tudo, o ganho mais importante para nós não foi em termos de organização, ou seja, foi o facto de termos conseguido recuperar uma coisa que Quelimane tinha perdido, que é a capacidade de sonhar e a esperança de que era possível nós termos um município melhor. Tínhamo-nos resignado à condição de que era uma decisão divina. Os municípios acreditavam que estavam destinados a viver mal, a conviver com os buracos e que não havia saída nem solução. Nós conseguimos, em menos de uma ano, mudar isso e mostrar ao município que é possível mudar a situação, é possível nós voltarmos a sonhar e voltarmos a ser cidadãos de primeira.

@V – O acesso a água e a electricidade melhorou depois de assumir a gestão municipal de Quelimane?

MA – Não melhorou o acesso a água aos municípios, pois não faz parte, infelizmente, das atribuições do município. Como sabe, a Electricidade de Moçambique gere a energia e o FIPAG gere a água. Portanto, nós gostaríamos de gerir a água como aconteceu no tempo colonial, quando havia uma empresa chamada Serviços Municipalizados de Água e Electricidade (SMAE). Isso não quer dizer que nós não podemos fazer parcerias para melhorar a situação, já estamos a fazer isso; por exemplo, conseguimos um pequeno fundo de cerca de 20 mil dólares norte-americanos através da Embaixada da Alemanha e agora estamos a trabalhar na tramitação para que possamos estabelecer um pequeno sistema de abastecimento da água para os bairros onde a água não chega como deve ser. Mas esses são casos pontuais que nós podemos fazer porque a gestão do processo de água e electricidade, infelizmente, não está nas nossas mãos.

@V – O que se pode dizer da estrutura urbana do município de Quelimane?

MA – Há 10 ou 12 anos o município de Quelimane não tinha um plano de estrutura, isto quer dizer que nos últimos 10 anos a cidade de Quelimane cresceu ao deus-dará, cada um construía onde quisesse. Por exemplo, presentemente, nós temos o projecto do Millennium Challenge Account, avaliado em cerca de 30 milhões de dólares norte-americanos e uma parte substancial desses recursos que deviam ser usados para construir mais drenagens tiveram que ser alocados para reassentar as populações que tinham construído as suas casas nas valas de drenagens. Algumas tinham até a autorização do município porque não havia um plano de estrutura. Portanto, o nosso grande desafio é melhorar a situação, estamos a trabalhar com várias entidades, a primeira que contratámos foi a Universidade Lúrio, Faculdade de Arquitectura, mas também entrámos em contacto com a Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade Eduardo Mondlane, e contactámos instituições de outros países. Na semana passada, estive na Suazilândia e abordámos algumas empresas que trabalham na área da planificação, para tentar perceber como é que eles fazem essa gestão, como é que eles planificaram. Também fomos buscar a experiência de países desenvolvidos, como a Alemanha, e visitámos a Baviera, no mês passado. Nós queremos encontrar um conceito que melhor se adequa à cidade de Quelimane na questão da implementação e da concepção do próprio plano de estrutura.

@V – A dada altura referiu-se às valas de drenagem. O saneamento do meio é também uma prioridade do município?

MA – Sim, foi uma das prioridades nos primeiros 12 meses. Quelimane cheirava mal e um dos pontos que colocámos como prioridade, além da área de infra-estruturas, foi a do saneamento. Nós investimos aquilo que eram os recursos que conseguimos colectar no ano passado (2012) e com esses fundos conseguimos comprar quatro tractores novos. Comprámos igualmente um camião e agora recebemos, na cooperação que temos com vários parceiros, do município de Copenhaga, um camião basculante. Portanto, melhorou bastante o saneamento na cidade de Quelimane, mas no meio deste percurso tivemos que desviar as nossas atenções porque, a mando do partido Frelimo, veio um município reclamar a posse do local onde se encontrava a lixeira municipal e exigia-nos que pagássemos 80 mil meticais por mês. Nós não temos esses recursos, o que fizemos foi procurar um sítio com condições e agora estamos a tratar desse sítio para que o município tenha uma lixeira de raiz.

@V – E como está o município de Quelimane no tocante à arrecadação de receitas?

MA – Estamos melhor hoje. Aumentámos entre 10 e 15 por cento aquilo que eram as

receitas nos anos anteriores e nos mercados praticamente duplicámos. Nós tínhamos encontrado uma média de 12 mil meticais por mês e estácamos até 22 a 23 mil meticais por dia. É isso que nos permitiu ter uma receita para podermos comprar os bens móveis que temos. Como sabe, se aumentam os veículos, aumentam os gastos com o combustível, óleo, manutenção e motoristas. Portanto, foi uma subida de escala em várias áreas, mas o que nos deixa satisfeitos é que melhorámos bastante o aspecto da nossa cidade, já não encontramos lixo pela urbe, e já não se verifica a situação em que os resíduos sólidos tinham de ficar dois a três dias sem serem recolhidos.

@V – Quais foram as acções que culminaram com o aumento de receitas?

MA – A primeira coisa que nós fizemos é que, os municípios viram que nós montámos uma equipa nova de fiscais jovens, sensibilizámos as pessoas que vendem nos mercados sobre a importância do pagamento da senha do dia, que é a taxa, mas eles viram que do primeiro dinheiro que eles pagaram, usamos no mercado para melhorar as condições dos espaços. Para mim, os mercados ainda não estão um terço daquilo que eu gostava que fossem, mas já melhorámos bastante. Os mercados cheiravam mal, havia grandes poças de água, e tivemos de aterrar alguns desses locais de comércio. Colocámos água e energia, o que permite que os municípios possam trabalhar bastante tempo, ao invés de saírem às 16h00 já podem fazê-lo às 18h00. Quando eles viram isso sentiram-se motivados e passaram a pagar um pouco mais. Mas também criámos comités de gestão dos mercados constituídos pelos próprios vendedores e é um processo contínuo de formação, de auscultação e participação.

@V – Como tem sido gerir o município sem dispor de bancada na Assembleia Municipal?

MA – O que nós fizemos foi uma questão simples, foi, na verdade, um jogo psicológico. Eu sabia que não teria bancada quando concorri e logo sabia que ia ter grandes dificuldades para gerir o município de Quelimane. O que nós fizemos foi criar um processo de planificação a partir da base, ou seja, envolver os secretários dos bairros. O processo funciona da seguinte maneira: o secretário do bairro faz uma proposta, depois o posto administrativo também faz a sua e, posteriormente, incorporamos no plano. Esse processo participativo faz com que o município sinta que aquele plano é dele. Se nós levamos para a Assembleia Municipal e esta chumba, o que estará a acontecer é que a Assembleia Municipal estará a chumbar o plano do município, logo, nas eleições seguintes, o município saberá quem é que está do seu lado e quem não está. Criámos uma barreira psicológica para os chumbos; sempre que eles chumbarem estarão a perder mais membros e, consequentemente, votos. Os municípios ficaram com a ideia de que a bancada da Frelimo, no caso em apreço, está contra o desenvolvimento da cidade de Quelimane.

A cidade que se renova

Conhecida por inúmeras bicicletas nas vias públicas e por ter o maior carnaval do país, e não só, Quelimane pretende mudar a imagem de uma cidade que vive ao deus-dará. Um pouco por todo lado da urbe, é possível ver obras de construção e de reabilitação de alguns espaços a um ritmo deveras acelerado e, noutros casos, nem por isso. Mas, na verdade, ainda há muito por ser feito no tocante a estradas, saneamento do meio e ordenamento territorial na capital provincial da Zambézia.

Texto & Foto: Helder Xavier

Todos os dias, pelas manhãs, Calton Ali deixa o sossego da sua casa para se embrenhar nas artérias da cidade de Quelimane onde ganha o seu pão diário. Estudante da 9ª classe no período pós-laboral e natural de Mocuba, há seis anos escolheu, para fixar residência, a capital da província da Zambézia, também conhecida por “pequeno Brasil” devido à sua tradição no carnaval. É nesta urbe que o jovem, de 23 anos de idade, se dedica à actividade de taxista. Diariamente, em média, amealha 150 meticais e nos dias de maior demanda atinge os 300 meticais, valor com o qual garante o seu sustento e os estudos.

Calton é apenas um exemplo num universo de milhares de ciclistas que se fazem às ruas de Quelimane para garantir a sua sobrevivência, recorrendo a este tipo de negócio, uma actividade que é praticada por indivíduos de diferentes idades. Alguns alugam os veículos e outros usam os seus próprios meios. Os preços das viagens variam consoante o destino, mas o valor mínimo cobrado é cinco meticais e, quando a distância é longa, o preço sobe para 20. O desemprego continua a ser a principal preocupação da juventude de Quelimane, que tem como refúgio o comércio informal.

Presentemente, esta actividade constitui o sector que emprega a maior parte dos munícipes daquele município também conhecido pela sua gastronomia, sobretudo galinha à zambeziana e a mukapatha. Ao longo dos passeios de algumas artérias da cidade é possível deparar com vendedores que, ainda informalmente, contribuem para engordar os cofres municipais.

Transporte e vias de acesso

A cidade, que tem como uma das principais actividades económicas o porto, está inundada de bicicletas que garantem o transporte urbano de passageiros a nível da autarquia, facto que coloca a edilidade num desafio sem precedentes. São aproximadamente 18.840 bicicletas contra 1.630 viaturas.

Há sensivelmente dois anos, as autoridades municipais têm vindo a desdobrar-se para acomodar o crescente número daquele meio de locomoção e fazer face à falta de



chapas. De acordo com o edil de Quelimane, Manuel de Araújo, foi necessário definir prioridades para o mandato prestes a terminar. “Eu tinha 18 meses e não podia resolver tudo, razão pela qual tinha que escolher as minhas prioridades. A primeira era fazer com que o município se sentisse parte deste processo, que voltasse a sonhar e a segunda era a questão dos buracos”, explica e acrescenta: “Mesmo se eu resolvesse os problemas de transporte trazendo 100 autocarros, com os buracos não seria possível manter os automóveis por muito tempo, nem os privados teriam aceitado investir nessa área”.

A estratégia do Conselho Municipal consistiu na melhoria das vias de acesso. Quase 90 por cento dos buracos que caracterizavam a cidade de Quelimane foram tapados. “Quando nós tivermos as estradas a 100 por cento, não será necessário o município trazer taxistas. As pessoas é que vão ver que ali há uma oportunidade de negócio. A tarefa do Estado é criar condições para que o sector privado possa funcionar”, diz Manuel de Araújo.

A questão de transporte e estradas não se limitou apenas ao melhoramento das vias públicas. Pela primeira vez, Quelimane passou a dispor de semáforos, facto que contribuiu para a redução do índice de acidentes que se registava todos os dias na rodovia. “Portanto, com as estradas sem buracos e com os semáforos, já temos as condições mínimas para termos um transporte, mas mesmo assim nós temos uma equipa que está a estudar a viabilidade da criação de uma empresa de transportes municipais”, garante o edil.

Porém, um dos principais ganhos que se podem registar no que diz respeito a transporte e estradas é a criação da Associação dos Taxistas da Zambézia (ATZ), um organismo que trabalha com o Conselho Municipal da Cidade de Quelimane. Os ciclistas passaram a dispor de coletes e aulas de sinais de trânsito. “Um dos pontos que nós tínhamos, se não fosse a empresa CETA – Construções que teve que abrir os buracos que havíamos tapados para poder fazer as valas de drenagem, neste momento nós já teríamos na nossa cidade espaços específicos para os ciclistas”, diz.

A título de exemplo, na rua próxima à Escola Secundária 25 de Setembro, onde decorrem as obras de pavimentação, as duas bermas contarão com um espaço para a circulação dos ciclistas. “Considero uma vitória, pois em 18 meses conseguimos fazer muita coisa. Agora precisamos de avançar e consolidar algumas das conquistas que tivemos”, afirma.

Uma nova Quelimane

Há três anos, a perspectiva de desenvolvimento social e económico parecia eternamente adiada e a vida mantinha-se estática. Porém, nos últimos dias, a cidade de Quelimane tem vindo a ganhar uma nova imagem. Um pouco por todo o lado assiste-se à construção e reabilitação de estradas e alguns espaços, que



A CONTECEU
A verdade em cada palavra.
Seja um Cidadão e Reporte a Verdade
SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634
@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.



se vão transformando em locais de serviços, habitação e lazer, dando um novo fôlego à urbe. Na verdade, desponta uma nova autarquia. “Nós vamos ter uma nova Quelimane, uma cidade rejuvenescida. Queremos construir uma nova imagem, ao modo de Singapura. Uma urbe auto-suficiente, moderna, limpa e com bom ambiente de negócios para os investidores”, diz Manuel de Araújo.

Porém, algumas estradas esburacadas e de terra vermelha mostram que ainda há muito por ser feito. Além disso, a autarquia ainda reúne todos os defeitos que caracterizam os principais centros urbanos do país, desde a ineficiência na gestão de resíduos sólidos, passando pela degradação dos edifícios até ao acesso limitado à água potável. Mas alguns munícipes preferem acreditar que, com o tempo, a situação vai mudar. Leonardo Gabriel, residente em Quelimane há mais de 30 anos, é da opinião de que a sua terra natal registou algumas mudanças. “Temos visto obras de abertura de valas de drenagem e pavimentação das ruas, o que mostra que existe algum interesse em proporcionar bem-estar aos munícipes. Por exemplo, nós hoje temos o Sunlight (local de diversão) com “pula-pulas”, o mais moderno de Moçambique, e ainda não vi nada igual em Maputo”, comenta.

Os problemas persistem

Nos últimos 10 anos, o nível de problemas económicos e sociais aumentou como consequência do crescimento da população. A cidade de Quelimane estende-se POR cerca de 117 quilómetros quadrados, e em 1997 o número de habitantes passou de pouco mais de 150 mil para 185 mil em 2003. De

acordo com o Censo de 2007, o município conta actualmente com mais de 193 mil residentes.

Devido a esse crescimento demográfico, presente-mente a cidade mostra-se saturada, sobretudo na zona suburbana onde vive grande parte da população. Nos bairros periféricos não é somente a miséria que preocupa os munícipes. Para os moradores, o subúrbio de Quelimane foi sempre um lugar assustador, sobretudo no período da noite. Há um crescente número de assaltos a residências e aos transeuntes, e o policiamento é raro.

O ordenamento territorial ainda é dúbio, pois há 10 anos o município não possuía um plano de estrutura, razão pela qual se assistiu a um crescimento desordenado de habitações ao longo das valas de drenagem, mas, por outro lado, já começam a surgir novas zonas em expansão. Tanto na zona urbana assim como na suburbana as ruas alagam-se quando chove. Além disso, alguns bairros periféricos não possuem postos de saúde e os moradores são forçados a percorrer, pelo menos, dois quilómetros para obter assistência médica na unidade sanitária mais próxima.

São poucas as habitações que possuem latrinas melhoradas, razão pela qual a defecação a céu aberto nos mangais tem sido a solução de muitas famílias. Antigamente, quando a recolha de lixo não era feita de forma regular e o sistema de esgotos era precário, os moradores serviam-se do rio Bons Sinais e dos seus afluentes, além de fazerem covas nos seus respectivos quintais. Presentemente, essa situação já não se verifica com frequência, uma vez que os moradores já estão sensibilizados em relação a boas práticas de higiene.



ALERTAR

A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

O Jornal mais lido em Moçambique

Quelimane



Perfil do município

Localizada no rio dos Bons Sinais, a 20 quilómetros do Oceano Índico, administrativamente a cidade de Quelimane é um município com um governo local eleito, e constituído por postos administrativos urbanos. O número total de agregados familiares é de 41.804, distribuídos por diversos bairros. A maioria da população é do sexo masculino.

No ano em curso, a 21 de Agosto, Quelimane celebrará 71 anos de elevação à categoria de cidade, debatendo-se, à semelhança de outras capitais provinciais em crescimento, ainda com problemas sociais de diversa ordem. Dados estatísticos dão conta de que apenas 5.3 por cento da população têm acesso a água canalizada no domicílio, 14 fora deste, 10 bebem água do poço, enquanto cerca de 66 têm acesso a um fontenário. De um total de 41.804 agregados familiares existentes na cidade, apenas aproximadamente 36 por cento têm a electricidade como fonte de energia e 50 utilizam petróleo de iluminação.

Quelimane dispõe de 11 unidades sanitárias, nomeadamente um Hospital Provincial, nove centros de saúde e um posto. Mas o município pode orgulhar-se de ter o maior carnaval de Moçambique e um dos maiores festivais de praia denominado Festival de Zalala.

Município de Quelimane em números

População: 193.343 habitantes
Agregados familiares: 41.804
População de sexo feminino: 94 mil
População de sexo masculino: 99 mil
Postos urbanos: 2
Vereações: 8
Unidades sanitárias: 11



ERRATA: Na semana passada - edição nº 248 - publicámos uma informação segundo a qual a população do município de Gurúé é estimada em 300 mil habitantes e o distrito conta com mais de 297 mil pessoas. Na verdade, o distrito possui quase 300 mil habitantes e o município cerca de 52 mil. Pelo inconveniente, pedimos as nossas desculpas.

Ibrahim Boubacar Keita é o novo Presidente do Mali

Ibrahim Boubacar Keita, antigo Primeiro-Ministro e figura dominante na política nacional, é o novo Presidente do Mali, país que no último ano e meio assistiu a uma rebelião armada, um golpe de Estado, cidades tomadas por grupos jihadistas e a uma intervenção militar estrangeira. As eleições, isentas de violência, foram um bom presságio para a reconciliação nacional, o principal desafio que espera IBK, como é conhecido no país.

Texto: **jornal Público, de Lisboa**

O desfecho da corrida eleitoral chegou mais cedo do que o previsto. Soumaila Cissé, o ex-ministro das Finanças que enfrentou Keita na segunda volta das presidenciais, reconheceu a derrota na segunda-feira (12) à noite, pouco mais de 24 horas depois do fecho das urnas. Os resultados oficiais só eram esperados na sexta-feira e a surpresa foi ainda maior porque, horas antes, os seus apoiantes tinham denunciado publicamente a existência de fraudes.

“A hora não é de polémicas”, disse à AFP o candidato derrotado, explicando que acabava de regressar da casa de Keita, onde fora com a família para “o felicitar e desejar-lhe boa sorte”, “à boa maneira da tradição do Mali”. Um conselheiro explicou à Reuters que o ex-ministro decidiu reconhecer a derrota face à grande vantagem de Keita na contagem de votos – terá mesmo vencido em Gao, principal cidade do Norte de onde Cissé é natural. Já nesta terça-feira (13), o candidato derrotado explicou que não iria contestar os resultados, porque a “fragilidade do país” aconselha todos a terem “um comportamento virtuoso”.



Keita não veio ainda a público reclamar vitória, nem reagiu ao gesto do adversário. Mas em Paris, o Presidente François Hollande, revelou ter conversado com ele ao telefone para “o felicitar pela vitória” e garantir que a França “vai continuar ao lado do Mali”.

A forma como as eleições se desenrolaram – sem violência nem fraudes maciças – é uma dupla vitória para Hollande que, depois de em Janeiro ter enviado as suas forças para combater os extremistas islâmicos que ameaçavam avançar sobre Bamako, fez grande pressão sobre o governo de transição para que as presidenciais acontecessem o quanto antes.

“Tudo o que aconteceu desde a intervenção francesa de 11 de Janeiro, em nome da comunidade internacional, até à eleição de um novo Presidente foi um sucesso para a paz e a democracia”, lê-se num comunicado do Eliseu, divulgado na mesma altura em que fontes próximas de Hollande garantiam à AFP que ele irá a Bamako para a tomada de posse de Keita.

Na longa lista de afazeres do novo Presidente está a reactivação da economia, a reorganização de um Exército que em Março de 2012 derrubou o anterior Presiden-

te – acusando Amadou Touré de incapacidade na luta contra os rebeldes tuaregues, para logo a seguir ser derrotado por esses mesmos rebeldes – ou o combate à corrupção endémica.

Mas nenhuma prioridade é tão grande como a reconciliação nacional. A revolta dos tuaregues fez mais do que dividir o país entre Norte (na mão dos rebeldes, mais tarde suplantados pelos jihadistas) e o Sul (controlado pelo Exército). Agravou as tensões entre as comunidades tuaregues, árabes e negras e provocou o êxodo de milhares de pessoas das suas zonas de origem.

Durante a campanha, Keita prometeu formar um governo o mais abrangente possível e anunciou que dará prioridade a um acordo de paz com os rebeldes, embora rejeite conceder autonomia ao Azawad, como os tuaregues se referem à região que consideram a sua pátria. Um acordo preliminar, assinado em Junho, previa o início de negociações 60 dias após a tomada de posse de um governo, mas o seu desfecho é incerto.

Do seu lado, o novo Presidente terá os 12 mil soldados africanos da missão de paz das Nações Unidas e os 3200 milhões de euros prometidos pela comunidade internacional.

Iraque: em Kirkuk brinca-se com a vida

Duas equipas rivais tentam encontrar a azeitona sob um dos 11 copos em cima de uma bandeja, um jogo tradicional que se pratica somente durante o mês sagrado muçulmano do Ramadão.

Texto & Foto: **Karlos Zurutuza/IPS**

Porém, nesta cidade iraquiana, esse jogo é todo um desafio à morte. “Atravessamos os nossos veículos no final da rua para evitar que sejam estacionados carros-bomba. Também há polícias à paisana entre nós”, conta Kaukar, dono de um café em Sorja, bairro do norte de Kirkuk, onde esta noite há cerca de 50 pessoas, após a interrupção do jejum diário.

As precauções dos jogadores de “sin-u-serf” (bandeja e copo, em curdo) têm a força da realidade. No dia 12 de Julho, um atentado suicida contra um local semelhante nesta cidade matou 38 pessoas e, segundo a base de dados Iraq Body Count, esse mês foi o mais sangrento em todo o Iraque neste ano, com quase mil vítimas fatais. Disputada por árabes e curdos, Kirkuk permanece parada num limbo legal entre Bagdád e Erbil, a capital administrativa da Região Autónoma Curda do Iraque, enquanto ocorrem constantes ataques suicidas e assassínios colectivos.

Não é por acaso que uma das cidades hoje mais castigadas pela violência no Iraque esteja sobre uma das maiores reservas de petróleo do Oriente Médio. “Claro que tenho medo, mas as minhas opções passam por não sair de casa ou emigrar. E não quero abandonar Kirkuk”, disse Wasta, um dos jogadores. Os demais presentes concordam com a cabeça. E a ameaça é ainda maior durante o Ramadão, que este ano vai de 9 de Julho a 8 deste mês.

Os contínuos cortes de luz, e as temperaturas diurnas próximas dos 50 graus, fazem com que os iraquianos saiam à rua em massa após o “iftar”, a ceia que quebra o jejum. Cafés e bazares, mesquitas e praças lotadas são alvos fáceis para ataques terroristas. E, como se fosse pouco, muitos dos que os cometem acreditam que qualquer acto de violência renderá menos dívida espiritual se acontecer durante o mês santo dos muçulmanos.

“O que importa? Ninguém no mundo sabe quando chegará a sua hora”, afirmou Abu Ahmed, após encontrar a azeitona na terceira tentativa. Oito pontos para o contrário. Enquanto isso, as châvenas de chá e os copos de sumo de amora enfileiram-se entre aqueles que são meros espectadores, como Abdul Kadir Jand. “Após a retirada dos americanos (forças militares dos Estados Unidos) em Dezembro de 2011, Kirkuk converteu-se num reduto tanto da Al Qaeda como dos leais a Saddam Hussein”, explicou Jand, que é o líder local da coligação Goran, uma agremiação política que procura romper o bipartidarismo imperante na Região Autónoma Curda do Iraque.

Jand destaca a “luta entre partidos políticos apoiados por forças estrangeiras” aponta para o Irão atrás da coligação xiita no poder em Bagdad e para as potências do Golfo que apoiam os sunitas. “Os atentados suicidas são a assinatura da Al Qaeda, mas também estão os IED (Improvised Explosive Device ou dispositivo explosivo improvisado), explosões de estradas, assassinatos colectivos, estes últimos podem vir de qualquer parte”, assegurou o líder político.

Em declarações à IPS, Jabat Ali Ahmed, comandante da Polícia de Kirkuk, também vê a mão da Al Qaeda atrás dos casos de violência. Este chefe curdo das forças de segurança local disse que os leais ao desaparecido Saddam Hussein se agrupam em Kirkuk em torno do Jaish Rajal al-Tariqa al-Naqshbandia. Este grupo insurgente reivindicava atentados desde a execução do deposto líder iraquiano, em Dezembro de 2006.

“A crise política no Iraque e a guerra na vizinha Síria estão a converter Kirkuk na meca do jihadistas (combatentes da “guerra santa” islâmica) chegados de todas as partes que se unem aos baazistas lo-



cais”, disse o oficial, referindo-se aos membros do Partido Baaz de Saddam Hussein. E garante não se sentir “muito optimista” quanto à segurança da cidade no curto prazo. A sua, afirma, é uma solução “à moda israelita”. “Estamos a construir uma vala ao redor da cidade para evitar os ataques, mas o que realmente funcionaria seria Kirkuk passar definitivamente para a administração curda e que fosse construído um muro ao seu redor, como o de Gaza”.

De volta ao café de Haukar, ninguém acredita que a vala funcione, provavelmente porque são poucos os que pensam que a violência tenha uma origem exclusivamente árabe. “A oposição e o Governo estão por trás de tudo isso, tanto o de Bagdad, como o de Erbil”, opinou um morador de Kirkuk que disse chamar-se Mohammad.

As razões para isso são óbvias: “Desestabilizar a cidade é a única forma de evitar que esta seja controlada por uma facção rival, por isso ninguém aqui tem as mãos limpas”, acrescentou este curdo que trabalhou na clandestinidade durante o regime de Saddam Hussein, mas que renunciou a colaborar com a nova administração curda devido à “corrupção e às manobras obscuras” que viu nela.

A sua tese corrobora a experiência de Farid (nome fictício), um jovem local que renunciou à sua carreira de jornalista quando o seu colega e amigo Soran Mama Hama foi morto a tiro, em Julho de 2008. No seu último artigo, Hama denunciava uma rede de prostituição em Kirkuk e dava nomes de polícias, agentes de segurança e executivos locais implicados. “Ele e eu costumávamos trabalhar juntos. Eu desisti após receber ameaças do Partido Democrata do Curdistão, dominante entre os curdos do Iraque, mas ele continuou com a sua tarefa”, contou Farid.

Passada a meia-noite, Haukar começa a recolher bandejas e copos, conforme os clientes vão saindo. Aqueles que circulam para o bairro de Araf, noroeste da cidade, procurarão rotas alternativas ao congestionamento de carros que bloqueava a avenida principal de Sorja. Abu Bakr, taxista local, desliga o motor do veículo e acende um cigarro, com resignação. “Pode ser qualquer coisa, desde um suspeito detido ou um controlo de rotina da Polícia, até um carro-bomba”, explicou este morador da cidade, magro, com cerca de 60 anos. “O pior de tudo é que em Kirkuk nunca se sabe quem será o responsável por você não voltar nunca mais para casa”, ressaltou Bakr.

Mundo

“Quando falamos de pobreza em África, falamos de mulheres”

A Presidente de Malawi, Joyce Banda, sabe bastante sobre empoderamento das mulheres. Afinal, é a primeira chefe de Estado na África austral.

Texto: Mabvuto Banda/IPS • Foto: Nyasa times

“Estou contente pelo facto de as mulheres africanas não terem cruzado os braços”, disse a Presidente Banda à IPS.

Contudo, não foi fácil. Banda teve que levar adiante um duro trabalho para recuperar a debilitada economia malawiana, herdada do seu predecessor, Bingu wa Mutharika, que morreu em 5 de Abril de 2012 sem ter concluído o seu mandato.

Em 2011 este país foi palco de grandes protestos contra Mutharika e a deterioração económica. A Grã-Bretanha, maior doador de Malawi, suspendeu a sua ajuda de 550 milhões de dólares depois de o então presidente ter expulsado o seu embaixador por este tê-lo chamado de autocrata.

Mas Banda teve êxito. Desde que assumiu o cargo implantou várias medidas de austeridade, incluindo a venda do avião presidencial por 15 milhões de dólares, e a redução de 30% no seu próprio salário. Também embarcou numa série de políticas com as quais nem todos concordaram. A mais polémica foi a sua aproximação a instituições financeiras como o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Em Junho, o Banco Mundial anunciou que a economia do país estava a recuperar, e previu que a sua indústria crescerá 6% e a sua agricultura 5,7%. Além disso, em Setembro de 2012 o Instituto de Direitos Humanos da Associação Internacional de Advogados informou que o respeito à democracia e às liberdades individuais havia melhorado com a administração Banda.

Em entrevista exclusiva à IPS, a Presidente destacou que o empoderamento das mulheres continua a ser uma prioridade na sua agenda.

IPS: Muitos académicos e activistas dizem que há um vínculo directo entre igualdade de género, boa governação, empoderamento das mulheres e desenvolvimento.



to sustentável. A senhora concorda?

Joyce Banda (JB): A igualdade de género desbloqueia o potencial das mulheres e dos homens, ao permitir um espaço para ambos. E o empoderamento fortalece a capacidade das mulheres de participarem na tomada de decisões sobre assuntos que as afectam.

IPS: Desde a sua posse em Abril de 2012, designou várias mulheres para postos muito influentes. Dois exemplos são Anastasia Msosa, para chefe de Justiça, e Hawa Ndilowe, assumiu a chefia dos Serviços Públicos. Qual é a sua agenda?

JB: É importante que as necessidades, aspirações e realidades das mulheres se convertam em motores centrais das políticas e dos programas para aumentar o acesso e a atenção à saúde materna. As mulheres devem ser empoderadas e envolver-se activamente em todas as decisões relacionadas com a saúde e o bem-estar. Eu disse isso várias vezes em diferentes fóruns. Não podemos falar de empoderar um grupo em particular sem envolvê-lo. Não se deve tomar nenhuma decisão sobre as mulheres sem que elas participem nessa decisão.

IPS: Antes de entrar para a política, a senhora formou a Associação Nacional de Mulheres Empresárias, uma organização que empresta dinheiro a mulheres para iniciarem pequenos negócios. Também ajudou a instalar uma escola para meninas. O que lhe provoca tanta paixão por estes temas?

JB: As mulheres são a maior parte da nossa população em África. Portanto, quando falamos de pobreza, sofrimento e subdesenvolvimento, estamos a falar, na sua maioria, de mulheres. Por isso, creio que o empoderamento, a saúde materna e a educação para as meninas fazem parte de uma estratégia de transformação para alcançar o desenvolvimento.

IPS: A posição subordinada que as mulheres sofrem em muitas sociedades africanas restringe a sua capacidade de ter controlo sobre as suas vidas, de combater o VIH/SIDA, de abandonar uma relação que as coloca em situação de risco ou de ter acesso adequado à saúde ou à educação. O que se pode fazer a respeito disso?

JB: No Malawi, as mulheres e meninas entre 15 e 30 anos apresentam taxas muito altas de infecções de VIH/SIDA. A prevalência é seis vezes maior entre as mulheres e meninas do que

entre os homens e meninos, e a razão disso é o baixo status socioeconómico das primeiras, além das várias práticas culturais que as impedem de negociar sexo seguro. Precisamos de leis para proteger as mulheres. O meu governo apresentou o projecto de Lei de Igualdade de Género, que foi aprovado pelo parlamento. Também precisamos de políticas deliberadas para colocar mulheres capazes em postos de tomada de decisões em cada sector, para que possam liderar e potencializar as demais.

IPS: Finalmente, o que mais nos pode dizer sobre o empoderamento das mulheres?

JB: Na maioria dos países africanos, as mulheres sofrem há muito tempo uma variedade de dificuldades legais, económicas e sociais. Estas desvantagens colocam-nas à margem da sociedade. As meninas carecem de oportunidades de acesso à educação. É típico na maioria das famílias africanas, quando os recursos são poucos, priorizar a educação dos meninos em detrimento das mulheres. Os estereótipos sexuais perpetuados por pais, educadores, religião, os media e a sociedade em geral mantêm a tradição de que certos trabalhos sejam exclusivamente para homens e, como resultado disso, a maioria das mulheres acaba em empregos “feminizados”. Em algumas sociedades africanas, as leis consuetudinárias colocam as mulheres no mesmo nível dos menores de idade, embora sejam adultas, e por isso, em muitos casos, não gozam de direitos de propriedade nem de herança. Isto faz com que sejam mais dependentes dos homens. Há disposições que as impedem de abrir a sua própria conta bancária ou solicitar crédito sozinhas. As mulheres não têm acesso a insumos de produção, como os seus colegas homens. No entanto, estou contente por elas não terem cruzado os braços e ficado à margem da sociedade. Se se colocaram de pé para reclamarem o seu legítimo lugar na sociedade estão a impulsionar a agenda para o seu empoderamento.

Acusados do assassinato de Mido Macia aguardam julgamento em liberdade na África do Sul

Texto: Milton Maluleque

Os nove agentes da Polícia de Daveyton, acusados do assassinato do cidadão moçambicano Mido Macia, foram colocados em liberdade na quarta-feira, 14 de Agosto, por um Tribunal de Benoni, na África do Sul, mediante o pagamento de uma caução de cerca de cinco mil randes cada um. O julgamento só deverá acontecer nos próximos três meses.

Os agentes da Lei e Ordem Meshack Malele, Thamsanqa Ncema, Percy Mnisi, Bongumusa Mdluli, Sipho Ngobeni, Lungisa Gwababa, Bongani Kolisi, Linda Sololo e Moteme Ramatlou, foram detidos em conexão com a morte de Macia no dia 26 de Fevereiro de 2013, mas em tribunal os polícias declararam-se inocentes. Os agentes alegam em sua defesa que Mido Macia havia resistido à detenção, o que culminou com o excesso de zelo por parte da Polícia.

Na audiência desta quarta-feira, quando o tri-

bunal aguardava pelas novas evidências em torno do caso, a única informação recebida foi a de existência de um endereço residencial alternativo de um dos acusados. Este foi o terceiro pedido de liberdade sob pagamento de caução dos réus. Os dois anteriores haviam sido recusados pelo facto de os acusados poderem vir a interferir nas investigações, sobretudo com as testemunhas que são colegas de profissão.

José Nascimento, advogado da família Macia por indicação das autoridades mo-

çambicanas para monitorar o caso, afirmou que o pai do finado não compareceu perante o tribunal devido à falta de condições financeiras para a sua deslocação ao local.

As condições de liberdade provisória proibem a entrada dos acusados na Esquadra Policial de Daveyton e a tentativa de contacto com as testemunhas.

O julgamento deverá iniciar em Novembro próximo, em Delmas, Joanesburgo.

Refira-se que Macia morreu nas mãos da Polícia em Fevereiro último, após ter sido brutalmente algemado de costas e arrastado por um veículo policial, em plena luz do dia numa estrada do subúrbio de Daveyton, na região de Ekurhuleni, em East Rand.

Os resultados da autópsia revelaram que o moçambicano foi torturado, com ferimentos nos braços, nos pulsos, na língua e também na sua cabeça e que esses actos violentos terão causado a sua morte.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

O Jornal mais lido em Moçambique.

A verdade em cada palavra.

Atletismo: Creve Machava em grande nos “Nacionais”

Creve Machava, atleta do Clube Ferroviário de Maputo, foi o grande vencedor da 33ª edição dos Campeonatos Nacionais de Atletismo que teve lugar no Estádio Nacional do Zimpeto, cidade de Maputo, entre os dias 07 e 11 do mês em curso.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze

Machava conquistou um total de 10 medalhas, nove das quais de ouro e uma de prata. O atleta em ascensão esteve presente nos cinco dias dos “Nacionais” sendo que, apesar de ser juvenil, participou em todos os escalões, atingindo o pódio na maior parte das corridas em que competiu.

Na sua própria categoria, Creve venceu as provas dos 110 metros barreiras, dos 100 metros, dos 200 metros, e uma de salto em comprimento. Nas dos juniores, que tiveram lugar no segundo e terceiro dia do certame, ele amealhou medalhas de ouro nos 110 metros barreiras, nos 400 metros barreiras, nos 100 e 200 metros planos.

Nos seniores, aquele “locomotiva” concorreu nas corridas dos 100 metros, dos 200 metros, dos 110 e 400 metros barreiras, sagrando-se vencedor da segunda e vice-campeão nacional da primeira, superando alguns veteranos como, por exemplo, Titos Nhacila.

Natália Monteiro dá um susto a Elisa Cossa

A nova revelação do atletismo moçambicano, Natália Monteiro, cujo talento despontou na décima edição do Festival Nacional dos Jogos Desportivos Escolares, que tiveram lugar recentemente na sua província, Tete, também se destacou ao conquistar duas medalhas de ouro nas provas dos 100 e dos 200 metros, com os tempos de 12 segundos e nove centésimos, e de 25 segundos e três centésimos, respectivamente.

Natália, ainda que no escalão de juvenis, registou mais três segundos do que a veterana Elisa Cossa na corrida dos 200 metros, facto que evidencia o futuro jubiloso que ela tem pela frente.

A outra atleta que também chamou a atenção nestas competições foi Amélia Domingos, da Liga Muçulmana de Chimoio, que na prova dos 800 metros fez a sua melhor marca do ano, fixada em dois minutos, 15 segundos e nove centésimos.



Salomé Mugabe com três medalhas de ouro

Nos seniores femininos merece destaque Salomé Mugabe, atleta do Ferroviário de Maputo, que venceu duas provas de lançamento, nomeadamente de peso com 13 metros e 67 centímetros e de disco, com 35 metros e 95 centímetros.

Sílvia Panguana fez o seu melhor tempo do ano, 14 segundos e quatro centésimos na corrida dos 100 metros barreiras. Titos Nhacila, que ombreou nalgumas corridas com Creve Machava, foi o vencedor dos 110 metros barreiras com o registo de 15 segundos e três centésimos. Alberto Kudzanai, do Ferroviário da Beira, por sua vez, destacou-se na corrida dos 100 metros, reservada aos seniores, com um tempo de 12 segundos e cinco centésimos.

Elisa Cossa decisiva nas corridas de estafeta

O Matchedje de Maputo dominou, uma vez mais, as duas provas de estafetas em seniores femininos, através do quarteto Naira, Novidade, Elisa e Telma Cossa nos 4x100, e pelo mesmo, já sem Telma que foi substituída por Georgina, nos 4x400. Nestes “Nacionais” foi preponderante a veterana Elisa Cossa que competiu lado a lado com a Sílvia Panguane, do Desportivo de Maputo.

Em masculinos, Jafete, Salvador, Filipe e Fernando, também do Matchedje de Maputo, venceram os 4x100 e 4x400 metros, proeza que se repete pelo segundo ano consecutivo.

Delegação de Cabo Delgado envolvida num acidente de viação

A equipa de Cabo Delgado que fez parte desta 33ª edição do Campeonato Nacional de Atletismo, prova que decorreu no Estádio Nacional do Zimpeto entre os dias 07 e 11 do mês em curso, envolveu-se num acidente de viação à entrada da Vila da Manhica. A mesma, composta por quatro membros, sendo um chefe de delegação e três atletas, encontrava-se de regresso à cidade de Pemba quando o autocarro em que se faziam transportar despistou e capotou, isto por volta das seis horas de sábado último (10).

Segundo apurou o @Verdade que se fez ao local minutos depois do acidente, acompanhado pelo vice-presidente da Federação Moçambicana de Atletismo (FMA), Abdul Zibaida, os membros da delegação, em diferentes casos, sofreram traumatismos ligeiros

no corpo que os impossibilitarão de exercer a actividade desportiva durante um longo período.

“Fiquei admirado e triste com esta situação. Quando chegámos ao hospital havia muita gente estatelada no chão e os enfermeiros, bastante eficientes e competentes, a fazerem o trabalho de triagem. Houve mortes mas, da nossa parte (delegação de atletismo de Cabo Delgado), nada de grave aconteceu” afirmou a fonte, para a seguir destacar que “duas atletas foram levadas imediatamente para sala de raio X, sendo que uma teve ferimentos na zona da face e outra nas pernas; o respectivo chefe de missão provavelmente agravou o problema que tinha nas costas, visto que se queixava muito disso; e o outro atleta teve um ligeiro ferimento na perna, mas foi prontamente tratado”.

Ainda no mesmo dia, Silvano, Fátima Shafee, Ana Paula e João, nomes dos membros da delegação envolvida no acidente, foram transferidos para o Hospital Central de Maputo, a pedido da FMA, de modo a terem acompanhamento. Aliás, segundo o nosso interlocutor, a sua instituição bem como o próprio Governo moçambicano, através do Ministério da Juventude e Desportos, predisuseram-se a dar todo o apoio necessário às vítimas do acidente, pelo que permanecerão em Maputo, concretamente na Vila Olímpica, até melhorarem o estado de saúde.

Refira-se que o sinistro que vitimou seis pessoas, cinco no local e uma a caminho do hospital, provocou ferimentos a outras 46, das quais 12 em estado grave. O mesmo foi causado por excesso de velocidade na tristemente famosa curva de Alvor, aliado à humidade do asfalto, envolvendo um autocarro da transportadora Nagi Investimentos que fazia a ligação Maputo – Pemba.

PERFIS DOS VENCEDORES

Elisa Cossa, Matchedje



Elisa Cossa é a veterana que ajudou o Matchedje de Maputo a conquistar a medalha de ouro nas duas provas de estafetas de 4x100 e de 4x400. Nasceu a 03 de Julho de 1980 na cidade de Maputo para, oito anos mais tarde, quando frequentava o ensino primário, entrar no atletismo.

Mana Elisa, como é carinhosamente tratada nos meandros desportivos, competiu pela primeira vez em 1992 durante os Jogos Escolares que tiveram lugar naquela época na cidade de Maputo. Um ano mais tarde chegou ao Desportivo da capital, clube onde teve o privilégio de passar pelos escalões de formação.

Chegou ao Clube de Desportos Matchedje de Maputo em 2010, depois de uma estadia curta e para esquecer na Universidade Pedagógica.

Elisa Cossa é “dona” de um vastíssimo currículo, em que se estima ter mais de 250 medalhas conquistadas. Em 2011 conquistou uma de prata nos décimos Jogos Africanos que tiveram lugar em Maputo.

Inspira-se em Maria de Lurdes Mutola e na norte-americana Marian Johnson. O seu sonho é formar-se em psicologia. Mas o seu desejo, no presente, é cumprir o Serviço Militar Obrigatório.

Salomé Mugabe, Ferroviário de Maputo

É tripla campeã nacional, do lançamento de peso, de disco e de dardo no escalão de seniores, com os registos de 13 metros e 67 centímetros, 35 metros e 95 centímetros, e 42 metros e 25 centímetros, respectivamente. Nunca conheceu outro clube senão o Ferroviário de Maputo, tendo chegado a convite de amigas de

infância e algumas colegas de escola.

Praticava as disciplinas de corrida de velocidade e de salto em comprimento, antes de descobrir que o seu talento, afinal, residia nas provas de lançamento. Tem um palmarés de conquistas estimado em 206 medalhas de todos os pesos. Aliás, refira-se, Salomé é campeã nacional de lançamento de peso e dardo de forma consecutiva desde 2005.

O seu sonho é conseguir os mínimos que lhe possibilitem estar presente nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016.

Sílvia Panguane, Desportivo de Maputo



É vencedora da corrida dos 100 metros barreiras. Fez, nesta prova, a sua melhor marca do ano, fixada em 14 segundos e quatro centésimos. Nasceu a 19 de Maio de 1990 na cidade de Maputo e iniciou-se no atletismo quando tinha apenas 10 anos, pela porta do já extinto Núcleo do Parque dos Continuadores.

Jogou futebol durante muito tempo, modalidade que constituiu a sua primeira paixão. Antes de ser contratada para os escalões de formação do Desportivo de Maputo, no longínquo ano de 2003 pela mão do saudoso Lourenço Cumbana, passou pela Universidade Pedagógica.

Representou o país na última edição dos Jogos Olímpicos que decorreram na cidade britânica de Londres, em 2012. Colecciona um número incalculável de medalhas que conquistou nestes 13 anos de carreira.

Ambiciona ser, diga-se, a futura “menina de ouro” de Moçambique, estando neste momento a trabalhar para alcançar os mínimos que lhe possam qualificar para os Jogos Olímpicos do

Rio de Janeiro, em 2016.

Alberto Kudzanai, Ferroviário da Beira



É o campeão nacional dos 100 metros planos e do salto em comprimento, com recordes provinciais fixados em 10 segundos e nove centésimos, e sete metros e 16 milímetros, respectivamente. É do Ferroviário da Beira desde 2010, tendo chegado àquele clube aos 17 anos. É natural da cidade de Dondo, província de Sofala.

A sua paixão pelo atletismo revelou-se quando tinha apenas cinco anos, influenciado pelo seu irmão mais velho que, na altura, era atleta da locomotiva da segunda maior cidade do país. Aos oito anos foi chamado ao Núcleo Desportivo de Dondo, em representação do qual se tornou, pela primeira vez, campeão provincial no escalão de juvenis.

Assim como muitos atletas, sonha atingir os mínimos para marcar presença numa prova mundial ou continental.

Arneta Boene, Desportivo de Maputo



Arneta Boene, de apenas 18 anos de idade, é campeã nacional de triplo salto e salto em altura no escalão de juvenis, e medalha de prata no triplo salto no de seniores. Nasceu na cidade de Maputo a 8 de Maio de 1995. Despontou nos Jogos Escolares desta região do país em 2001.

Chegou ao Desportivo de Maputo em 2010, três anos depois de ter participado nos torneios

Desporto

da Zona VI que tiveram lugar no Parque dos Continuadores. É “dona” de 24 medalhas a nível dos Campeonatos Nacionais, das quais 16 de ouro, quatro de prata e igual número de bronze. Tem como fonte de inspiração a atleta russa Tatiana Lebedeva.

No presente, o seu maior desejo é participar nas próximas “Olimpiadas” que terão lugar no Brasil.

Tondorai Afonso, província de Tete



É natural da província de Tete, distrito de Mágoe. No escalão de juniores sagrou-se campeão nacional na prova dos 5000 metros, fixando um novo recorde nacional de 15 minutos, 32 segundos e seis centésimos. É igualmente vencedor da corrida dos 1500 metros nos seniores, com o tempo de quatro minutos, nove segundos e sete centésimos.

É igualmente estudante e pastor de gado. O seu talento foi conhecido durante a oitava edição dos Jogos Escolares que teve lugar em Niassa, onde ganhou duas medalhas, sendo uma de ouro e outra de prata. Terminadas as provas

e com este feito brilhante, Tondorai abraçou o profissionalismo através do Atlético de Tete. Conta, até o momento, com um total de 11 medalhas conquistadas nas provas nacionais.

O seu maior sonho é representar o país num certame internacional e inspira-se no atleta etíope Keneniza Bekele, recordista africano e mundial dos 5 000 e 10 000 metros.



Amélia Domingos, Liga Muçulmana de Chimoio

No escalão de juniores, Amélia é a campeã nacional e recordista dos 800 metros, com um tempo fixado em dois minutos, 15 segundos e nove centésimos. É natural da cidade de Chimoio e está nesta modalidade há exactos nove anos.

Nascida a 15 de Abril de 1996, é medalhista por 16 vezes a nível das competições provinciais de Manica e duas das nacionais. Lurdes Mutola é a sua fonte de inspiração e o seu maior sonho é alcançar o pódio de uma competição internacional.

Creve Machava, Ferroviário de Maputo



Creve Armando Machava, conhecido nos meandros desportivos por Creve, é a mais recente descoberta do atletismo moçambicano, sobretudo nos 110 metros barreiras. É, também, como se diz na gíria popular, um “craque” de salto em comprimento. Com apenas 17 anos, este atleta alcançou o sonho de qualquer um na sua idade: representar

Moçambique numa competição.

Aliás, Creve foi o primeiro atleta moçambicano a conquistar uma medalha num Campeonato Africano de Atletismo, evento que teve lugar no mês de Março em Warri, Nigéria. É o actual detentor do recorde nacional dos 110 metros barreiras.

Creve Armando Machava nasceu a 08 de Fevereiro de 1996. Foi o grande destaque dos trigésimos terceiros Campeonatos Nacionais de Atletismo, ao conquistar um total de nove medalhas, nomeadamente dos 110 metros barreiras, 100 e 200 metros planos e uma de salto em comprimento no escalão de juvenis; 110 e 400 metros barreiras, 100 e 200 metros nos juniores; e uma de prata nos 100 metros seniores.

EIS A LISTA DE VENCEDORES DAS PROVAS INDIVIDUAIS

ESCALÃO DE JUNIORES
Lançamento de Disco – Femininos
1. Fátima Vasco (Núcleo de Dondo) - 20.73m
2. Lúcia Mário (Ferroviário das Mahotas) - 17.50m
3. Efidélia Langa (A Politécnica) - 16.00m
Lançamento de Peso – Femininos
1. Atleta Júlio (Gaza) - 9.10m
2. Fátima Vasco (Ferroviário da Beira) - 6.74m
3. Efidélia Langa (A Politécnica) - 6.52m
Lançamento de Dardo – Masculinos
1. Francisco Pereira (Ferroviário de Maputo) - 41.47m
2. Mutawa António (Ferroviário da Beira) - 41.40m
3. Emerson Francisco (Matchedje) - 38.8m
Salto em Comprimento – Femininos
1. Célia Sumbane (Ferroviário de Maputo) - 4.92m
2. Alexandrina David (Núcleo de Bagamoyo) - 4.90m
3. Arneta Buena (Desportivo de Maputo) - 4.78m
400m Barreiras - Masculinos
1. Creve Machava (Ferroviário de Maputo) - 55”.4
2. Rui Quimimisse (Ferroviário da Beira) - 55”.7
3. Leonardo Wate (A Politécnica) - 56”.8
400m Barreiras - Femininos
1. Denisse Fumo (Ferroviário de Maputo) - 68”.6
2. Teresa Chambul (Ferroviário das Mahotas) - 71”.2
3. Alexandrina David (Núcleo de Bagamoyo) - 74”.7
200m - Masculinos
1. Creve Machava (Ferroviário de Maputo) - 22”.5
2. Fausto Cardoso (Ferroviário da Beira) - 22”.7
3. António Nhama (Ferroviário da Beira) - 23”.2

110m Barreiras - Masculinos
1. Titos Jinasse (Ferroviário de Maputo) - 15”.3
2. Emílio Zondene (Ferroviário de Maputo) - 15”.5
3. Rui Quissimosse (Ferroviário da Beira) - 17”.4
100m Barreiras - Femininos
1. Sílvia Panguane (Desportivo de Maputo) - 14”.4
2. Telma Cossa (Matchedje) - 14”.6
3. Naima Tivane (Universidade Pedagógica) - 15”.4
100m - Masculinos
1. Alberto Kudzanai (Ferroviário da Beira) - 10”.9
2. Creve Machava (Ferroviário de Maputo) - 11”.0
3. Juvêncio Mário (Ferroviário de Maputo) - 11”.0
400m - Femininos
1. Elisa Elias (Sporting de Chimoio) - 58”.5
2. Natividade Augusto (Matchedje) - 59”.2
3. Leonor Ndimande (Ferroviário de Maputo) - 60”.0
400m - Masculinos
1. Jafete Mbone (Matchedje) - 49”.2
2. Salvador Chitsondzo (Matchedje) - 49”.9
3. Fausto Cardoso (Ferroviário da Beira) - 50”.0
Triplo Salto - Femininos
1. Sónia Jorge (Ferroviário de Maputo) – 11m’.9
2. Arneta Boene (Desportivo de Maputo) - 10’m.66
3. Julieta (Ferroviário de Maputo) – 10m.59
Lançamento de Peso - Femininos
1. Salomé Mugabe (Ferroviário de Maputo) - 13.67m

200m - Femininos
1. Ofélia Marcos (Desportivo de Maputo) - 27”.6
2. Jéssica Mantumbo (Gaza) - 27”.9
3. Natália Monteiro (Tete) - 28”.9
800m - Femininos
1. Amélia Domingos (Liga Muçulmana de Chimoio) - 2’.15”.9
2. Vanez Manuel (Inhambane) - 2’.22”.6
3. Cátia Lazaro (Sporting de Chimoio) - 2’.24”.1
800m – Masculinos
1. Albertino Mamba (Universidade Pedagógica) - 1’.50”.8
2. Fonseca dos Santos (Inhambane) - 1’.54”.5
3. Fausto Cardoso (Ferroviário da Beira) - 1’.54”8
5.000m – Masculinos
1. Toudorai Afonso (Tete) - 15’.32.6
2. António Siteo (Gaza) - 16’.25”.6
3. Simão Nhatuve (A Politécnica) - 17’.09”.0
ESCALÃO DE JUVENIS
Lançamento de Disco - Masculinos
1. Mutawa António (Ferroviário da Beira) - 31.08m
2. Sérgio Rafael (Núcleo de Dondo) - 24.81m
3. Hélio Rafael (Núcleo de Bagamoyo) - 24.49m
Lançamento de Peso - Masculinos
1. Mutawa António (Ferroviário da Beira) - 18.96m
2. Sérgio Rafael (Núcleo de Dondo) - 18.96m
3. Hélio Helena (Ferroviário das Mahotas) - 13.27m
Lançamento de Dardo - Femininos
1. Lúcia Mário (Ferroviário da Beira) - 9.50m
2. Fátima Vasco (Universidade Pedagógica) - 9.26m
3. Luísa Eugénio (Gaza) - 9.20m

2. Jorgina Chirindza (Matchedje) - 12.15m
3. Laurinda Massambo (Universidade Pedagógica) - 7.17m
Lançamento de Disco – Femininos
1. Salomé Mugabe (Ferroviário de Maputo) - 35.95m
2. Jorgina Chirindza (Matchedje) - 33.50m
3. Lúcia Mário (Ferroviário das Mahotas) - 14.02m
Salto em Comprimento - Masculinos
1. Alberto Kudzanai (Ferroviário da Beira) - 7.16m
2. Juvêncio Mário (Ferroviário de Maputo) - 6.72m
3. Teodósio Chissaque (Matchedje) - 6.52m
1500m - Femininos
1. Naira Zungune (Matchedje) - 4”.54”.0
2. Jéssica Pedro (Ferroviário das Mahotas) - 5”.10”.7
3. Teresa Chambule (Ferroviário das Mahotas) - 5”.14”.6
1500m - Masculinos
1. Tondarai Afonso (Tete) - 4”.09”.7
2. Telmo Mário (Univerisdade Pedagógica) - 4”.17.5
3. Sinete Sinete (Ferroviário de Maputo) - 4”.18.0
10000m - Masculinos
1. Abelírico Machava (Ferroviário de Maputo) - 31”.39.4
2. Feliciano Ramassone (Matchedje) - 32”.07”.7
3. Bento Gervásio (Matchedje) - 32”.17”.1
4 X 100 - Femininos
1. Matchedje- 50”.0
2. Ferroviário de Maputo - 51”.5
3. Desportivo de Maputo - 51”.9

Salto em Altura – Femininos
1. Arneta Boene (Desportivo de Maputo) - 1.45M
Triplo Salto – Femininos
1. Arneta Boene (Desportivo de Maputo) - 10.41m
110m Barreiras - Masculinos
1. Creve Machava (Ferroviário de Maputo) - 18”.1
2. Edwilson Langa (Ferroviário de Maputo) - 18”.3
3. Rui Vale (Ferroviário da Beira) - 18”.9
100m Barreiras - Femininos
1. Célia Sumbane (Ferroviário de Maputo) - 10”.8
2. Alexandrina David (Matchedje) - 10”.9
3. Sintia Mahandzile (Ferroviário da Beira) - 11”.1
100m - Masculinos
1. Creve Machava (Ferroviário de Maputo) - 12”.5
2. Dinis Mavie (Matchedje) - 10”.9
3. Fausto Cardoso (Ferroviário da Beira) - 11”.1
100m - Femininos
1. Natália Monteiro (Tete) - 12”.5
2. Ofélia Marcos (Desportivo de Maputo) - 12”.7
3. Rosa Botao (Ferroviário de Maputo) - 12”.8
400m - Femininos
1. Leonor Ndimande (Ferroviário de Maputo) - 59”.2
2. Amélia Boaventura (Sporting de Chimoio) - 59”.7
3. Ofélia Marcos (Desportivo de Maputo) - 61”.3
400m - Masculinos
1. Fausto Cardoso (Ferroviário de Maputo) - 49”.6
2. Edson Ndeve (Universidade Pedagógica) - 50”.2
3. António Nhama (Ferroviário da Beira) - 50”8

4 X 100 - Masculinos
1. Matchedje - 43”.0
2. Ferroviário da Beira - 43”.4
3. Ferroviário de Maputo - 43”.6
JUVENIS
Salto em Comprimento – Masculinos
Creve Machava (Ferroviário de Maputo) – 6.1m
Valter Reis (Núcleo de Bagamoio) – 5.88m
João Baptista (Núcleo de T3) – 5.77m
200m – Masculinos
1. Creve Machava (Ferroviário de Maputo) – 22”4
2. Salomão Zandamela (Núcleo de Bagamoio) – 23”4
3. Valter Reis (Núcleo de Bagamoio) – 23”5
200m – Femininos
1. Natália Monteiro (Tete) – 25”3
2. Jéssica Nhantumbo (Gaza) – 26”5
3. Dulcinda Berne (Maputo Província) – 27”2
JUNIORES
110m Barreiras – Masculinos
1. Creve Machava (Ferroviário de Maputo) – 14”5
2. Rui Vale (Ferroviário da Beira) – 15”6
3. Edwilson Langa (Ferroviário de Maputo) – 15”9
100m – Masculinos
1. Creve Machava (Ferroviário de Maputo) – 10”8
2. Dinis Mavie (Matchedje) – 10”9
3. Fausto Cardoso (Ferroviário da Beira) – 11”1

Desporto



BONS MOMENTOS
DE FUTEBOL COM A 2M

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

Moçambola:
Clube de Chibuto
e Liga Muçulmana
colados no topo

O Ferroviário da Beira, clube que se sagrou vencedor da primeira volta do Moçambola, perdeu a liderança do campeonato ao consentir uma derrota caseira diante do Estrela Vermelha da Beira. No clássico da jornada 14, o Costa do Sol empatou a um golo com o Maxaquene. Estes dois resultados beneficiaram o Chibuto.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguenze

No regresso do Campeonato Nacional de Futebol aos campos, após uma paragem de cerca de dois meses para dar lugar aos compromissos da selecção nacional nas provas internacionais, o Costa do Sol e o Maxaquene protagonizaram, no último sábado (10 de Agosto), uma partida bastante empolgante.

Numa primeira parte em que os dois conjuntos foram impetuosos e objectivos, foi o Maxaquene que chegou primeiro ao golo, transcorridos 24 minutos, por intermédio de Maurício Pequenino, ao responder a um belo passe do capitão Macamito.

O empate surgiu ao minuto 50, ou seja, cinco minutos depois do reatamento e teve a assinatura de Nelson, extremo que acabava de entrar para o lugar de Rúben. O tento surgiu na sequência de um livre indirecto, cujas culpas recaem sobre o guarda-redes tricolor, Sanito, que no lance esteve na dúvida se ficava entre os postes ou se ia atrás da bola, tendo permanecido a meio do caminho.

Com o empate, justo por aquilo que foi a produção das duas equipas, graças ao domínio claro da equipa tricolor na primeira parte e dos canarinhos na segunda, o Maxaquene descaí para a terceira posição com 25 pontos, a dois dos líderes. O Costa do Sol, por sua vez, mantém-se a meio da tabela classificativa com 18.

Campeão do Inverno abdica da liderança

O Ferroviário da Beira recebeu, ainda no sábado (10), o Estrela Vermelha da Beira no derby do Chiveve. E quem fez a festa, só para contrariar, foram os visitantes, cuja vitória serviu de “lufada de ar fresco” para a situação perigosa em que se encontravam na tabela classificativa.

Numa tarde de pouca inspiração, os locomotivas souberam controlar o primeiro quarto de hora da partida, mas não aguentaram com a ousadia dos alaranjados do Chiveve no período subsequente.

Transcorridos 25 minutos, Mastyle, na cobrança de um pontapé de canto, colocou a bola no centro para Belo violar as redes contrárias. O segundo golo do Estrela chegou 15 minutos mais tarde, mercê de uma grande penalidade que serviu de castigo para a falta cometida pelo guarda-redes Minguinho sobre Delfinho. Betinho, chamado a cobrar, fez o 2 a 0 para a euforia total dos adeptos da sua equipa.

Na segunda parte, o Ferroviário da Beira lutou pelo equilíbrio do jogo. Mas o seu rival não permitiu, que até



podia ter marcado mais golos. A ousadia ofensiva do Estrela ao longo dos 90 minutos, diga-se, revelou a falta de um segundo plano de Lucas Barrarijo, técnico da locomotiva, visto que com o seu meio campo absorvido pela estratégia de Safrão, passou todo o jogo destrambelhado.

Clube de Chibuto assalta a liderança

Quem soube aproveitar-se dos dois resultados verificados no sábado foi claramente o Clube de Chibuto que em casa derrotou o Desportivo de Nacala por 2 a 1 e ascendeu à liderança da prova. Ndjuta e Johane foram os autores dos golos da equipa da casa aos 50 e 72 minutos, respectivamente, para Belinho, no quarto minuto de compensação, reduzir a desvantagem da sua equipa.

A Liga Desportiva Muçulmana de Maputo venceu o Têxtil de Púnguè, por 1 a 0, com um golo madrugador de Telinho, aos dois minutos, e colou-se ao Chibuto na liderança com os mesmos 27 pontos, porém em desvantagem no confronto directo.

Diogo mantém viva a luta pelo título

Ainda no domingo (11), o Ferroviário de Maputo conquistou três importantes pontos diante do Chingale de Tete e fugiu da zona preocupante da tabela classificativa, mantendo viva a luta pela conquista do título. A locomotiva aguardou pela expulsão de um jogador do Chigale de Tete para, no minuto 81, chegar ao único tento da partida, apontado pelo “matador” Diogo.

Nos primeiros cinco minutos a equipa locomotiva, jogando em casa, beneficiou de um par de oportunidades de golo, com remates de Barrigana e Diogo, com este último a forçar uma intervenção aparatosa do guarda-redes Quim. A resposta canarina surgiu ao minuto 16, contudo sem grandes riscos para Germano que viu a bola a passar ao lado da sua baliza.

Ao minuto 28, Tchitcho conduziu uma saída rápida de contra-ataque e entregou a bola a Barrigana que do lado esquerdo, à entrada na grande área, centrou para Mauro, com o árbitro auxiliar a cortar o lance por alegada posição irregular deste último jogador.

A máquina ofensiva dos donos da casa não parou por aí, mas o Chingale também não deu tréguas. E antes do intervalo, a vez foi de Barrigana, dentro da grande área, rematar forte para mais uma defesa espectacular de Quim.

No reatamento, os canarinhos do centro do país entraram com o objectivo de abrir o marcador e podiam tê-lo feito aos seis minutos quando, num livre indirecto, Ger-

mano protagonizou uma saída em falso dos postes, surgindo Zé, com a baliza totalmente escancarada, a rematar por cima. Lance similar ocorreu do lado contrário, com Quim a não chegar à bola num cruzamento de Barrigana, e Tchitcho a lançar-se tarde quando só precisava de tocar para se gritar golo na Machava.

Com um Chingale mais defensivo devido à fadiga dos seus jogadores, o Ferroviário passou a controlar o meio campo contrário e, ao minuto 66, surgiu a primeira indicação de que o golo não estava longe. Num livre directo, Diogo rematou ao lado do poste esquerdo de Quim.

Depois do vermelho exibido a Charly por acumulação de amarelos, o Ferroviário de Maputo finalmente chegou ao golo, ao minuto 81, num “tiro” forte e de fora da grande área desferido por Diogo, como o culminar de uma brilhante jogada individual pelo centro do adversário, perante a inércia dos médios defensivos de Rogério Marianni.

Com este resultado, o Ferroviário de Maputo ascende à sétima posição com 19 pontos, mais três do que o Chingale, na 10ª.

Quadro de resultados									
14ª Jornada									
	HCB de Songo	2	x	0	Matchedje				
	Clube de Chibuto	2	x	1	Desp. de Nacala				
	Têxtil de Púnguè	0	x	1	Liga Muçulmana				
	Fer. da Beira	0	x	2	Estrela Vermelha				
	Fer. de Nampula	2	x	0	Vilankulo FC				
	Fer. de Maputo	1	x	0	Chingale de Tete				
	Costa do Sol	1	x	1	Maxaquene				
PRÓXIMA JORNADA									
	Costa do Sol		x		HCB de Songo				
	Matchedje		x		Clube de Chibuto				
	Desp. de Nacala		x		Têxtil de Púnguè				
	Liga Muçulmana		x		Fer. da Beira				
	Estrela Vermelha		x		Fer. de Nampula				
	Vilankulo FC		x		Fer. de Maputo				
	Chingale de Tete		x		Maxaquene				
L	Clubes	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1º	Clube de Chibuto	14	8	3	3	17	15	2	27
2º	Liga Muçulmana	14	8	3	3	23	10	13	25
3º	Maxaquene	14	8	1	5	18	11	7	25
4º	Fer. da Beira	14	7	3	4	18	13	5	24
5º	Desp. Nacala	14	6	4	4	11	8	3	22
6º	HCB de Songo	14	5	6	3	14	10	4	21
7º	Fer. de Maputo	14	5	4	5	10	11	-1	19
8º	Costa do Sol	14	4	6	4	16	14	2	18
9º	Fer. de Nampula	14	5	3	6	13	17	-4	18
10º	Chingale de Tete	14	4	4	6	9	11	-2	16
11º	Estrela Vermelha	14	4	4	6	10	14	-4	16
12º	Têxtil de Púnguè	14	4	3	7	10	17	-7	15
13º	Vilankulo FC	14	4	2	8	9	15	-6	14
14º	Matchedje	14	2	2	10	9	21	-12	8

Desporto

Com Isinbayeva inspirada, Moscovo finalmente empolga-se com os “Mundiais” de Atletismo

A maioria dos grandes eventos do atletismo vende-se com a imagem de um velocista, mas nas últimas semanas os cartazes em Moscovo davam destaque a uma saltadora com vara – e agora o mundo sabe porquê. Sem um título global desde 2008, e lutando para manter a forma nas vésperas de se aposentar, a russa de 31 anos alimentou-se da energia que emanava das arquibancadas do estádio Luzhniki, que nesta terça-feira (13) finalmente ficou lotado e barulhento após três dias mornos dos “Mundiais” de Atletismo.

Texto: Redacção/Agências • Foto: REUTERS

Após saltar 4,89 metros e confirmar a sua vitória, ela ainda tentou superar o seu próprio recorde mundial, batido na Olimpíada de Pequim-08, mas não conseguiu ultrapassar a marca dos 5,07 metros. Ouvindo o público gritar o seu nome, não havia sinal de decepção nela por isso.

A norte-americana Jennifer Shur, campeã olímpica em Londres-2012, ficou com a medalha de prata (4,82 m) e a cubana Yarisley Silva com a de bronze (4,82 m).

Brittney Reese torna-se tricampeã mundial



Com um grande salto final, Brittney Reese brilhou no domingo (11) e tornou-se a primeira mulher tricampeã do mundo em salto em comprimento neste domingo.

Campeã em Berlim 2009 e em Daegu 2011, Brittney classificou-se para a final com uma performance abaixo do esperado, mas a norte-americana mostrou que não tinha a intenção de perder a coroa e saltou 7,01m, ficando com o título.

Foi o único salto acima de 7 metros em toda a competição, deixando a nigeriana Blessing Okagbare, que chegou a liderar a prova na primeira tentativa, com 6,99m e a prata. A sérvia Ivana Spanovic acabou com o bronze e um recorde nacional de 6,82m, empatada com a bielorrussa Volha Sudarava, que ficou de fora do pódio pelos critérios de desempate.

Antes de comemorar, Brittney Reese, conhecido como a “fera do salto em distância”, vestiu uma camisa com a frase “solte a fera”, abraçou Okagbare e, com a bandeira norte-americana em punho, posou para os fotógrafos.

Quinto título mundial para a etíope Dibaba

Ainda no domingo a etíope Tirunesh Dibaba venceu a final dos 10.000m com o tempo de 30m43,35s, naquele que foi o quinto título mundial da sua carreira.



Numa corrida sem grande história, Dibaba esteve sempre no grupo da frente e acelerou a meio da última volta, não dando quaisquer hipóteses às suas adversárias.

A etíope, de 27 anos de idade, já havia conquistado o ouro nesta distância em Helsínquia 2005 e Osaka 2007, tendo também conquistado o ouro nos 5.000m em Paris 2003 e Helsínquia 2005. Atrás de Dibaba ficaram a queniana Gladys Cheronon (prata) e a etíope Belaynesh Oljira (bronze).



Ashton Eaton é o atleta mais completo em Moscovo



Será porventura a prova mais puxada de todas, o decatlo. Os atletas inscritos competem num programa de dois dias. No primeiro, 100 m, salto em comprimento, lançamento de peso, salto em altura e 400 m. No segundo, 110 m barreiras, lançamento de disco, salto com vara, lançamento de dardo e 1500 m. Nos “Mundiais” de Moscovo, o norte-americano Ashton Eaton, campeão olímpico e recordista mundial, consagrou-se no domingo como o maior campeão de sempre.

Eaton, campeão olímpico em 2012 (com 8869 pontos, longe do seu recorde, que é o mundial: 9039) e “Mundial indoor” no mesmo ano, em Istambul, terminou o segundo dia da prova com um total de 8.809 pontos, à frente do alemão Michael Schrader (8.679) e do canadiano Damian Warner (8.512).

Foi o primeiro título mundial para Eaton, ele que havia sido medalha de prata em 2011, atrás do seu compatriota Trey Hardee.

O rei está de volta



Os raios que insistiam em aparecer no céu de Moscovo já eram vistos como um sinal momentos antes da largada. A coroa dos 100m está de volta ao seu legítimo dono: Usain Bolt. O jamaicano reinou em absoluto na final disputada no domingo (11).

Desta vez ele não queimou a largada como em Daegu, em 2011. O rosto não se escondeu debaixo da camisa,

e sim abriu um largo sorriso. Nem a chuva sobre o estádio Luzhniki o impediu de percorrer aos 100m em apenas 9s77 – melhor marca do ano – e levar o seu primeiro ouro na capital russa.

“Eu estava confiante de que venceria esta corrida. Eu sabia que os primeiros metros seriam a parte mais importante da corrida. Certifiquei-me de que devia fazer uma largada um pouco melhor e nos 50 metros finais eu apenas me deixei levar” explicou Bolt.

O americano Justin Gatlin, o único apontado como capaz de bater o “Raio”, teve de correr atrás do jamaicano até para cumprimentá-lo pela sua conquista. Ele até chegou a estar à frente, mas ficou com a prata ao cruzar a linha em 9s85. O jamaicano Nesta Carter completou o pódio com a marca de 9s95.

Entretanto, a chuva deu uma trégua para a festa de comemoração do astro. Ele bateu no peito, deu a volta olímpica, festejou com os adeptos nas bancadas e fez a famosa pose do raio. A trilha sonora de Bob Marley voltou a soar no Luzhniki para saudar o recordista mundial. Uma cena que tem tudo para se repetir mais duas vezes em Moscovo, nos 200m rasos e na estafeta 4x100m rasos em masculinos. Afinal, bater Usain Bolt parece, cada vez mais, uma missão impossível.

Outros resultados

Houve drama nos 400 metros, em que LaShawn Merritt superou, na recta final, a actual campeã mundial e olímpica Kirani James.

Os centenas de ucranianos que tingiram as arquibancadas de azul e amarelo nos primeiros dias da competição tiveram a sua recompensa com Ganna Melnichenko no heptatlo. Uma rival dela, a recém-casada Brianne Theisen Eaton, chegou à prova final com hipóteses de repetir o feito do seu marido, Ashton Eaton, vencedor do decatlo. A canadiana precisava de vencer a corrida dos 800 metros por uma vantagem de 4 segundos sobre Melnichenko, que no entanto se manteve firme logo atrás dela.

Na marcha dos 20 quilómetros, a russa Elena Lashmanova venceu por estreita margem, depois de ter parado a uma volta do fim, achando que já havia concluído.

Robert Harting conquistou o seu terceiro título sucessivo no disco, o etíope Mohammed Aman venceu a prova dos 800 metros, e Milcah Chemos Cheywa facturou a prova feminina da corrida com obstáculos.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

A verdade em cada palavra.

Vem aí o Matsambane!

João Cossa viveu a azáfama da proclamação da independência nacional, em 1975, o mesmo tempo em que começa a dedicar-se à música. E, com orgulho, acompanhou o nascimento do festival Marrabenta, nos anos em que o Pandza conquistava o seu espaço. O artista explica o aparente desaparecimento das bandas no seguintes temos: “Os empresários conotaram as bandas com ratos dos seus bolsos”. Presentemente, pretende impor o disco Matsambane no mercado rural. Perceba como e porquê.

Texto & Foto: Inocêncio Albino

João Cossa é o principal baixista da famigerada Banda Vuthu Gaza do compositor e intérprete moçambicano, Domingos Honwana, ou simplesmente Xidiminguana. Tornou-se membro da referida colectividade artística em 1978, a convite de Francisco Domingos, o filho, já falecido, do guitarrista e líder do agrupamento. O mesmo era viola-solo.

Mas antes, em 1975, ainda que de forma efémera, João Cossa já havia passado por outras bandas, nomeadamente, Os Nascentes cujo vocalista, já falecido, era o músico Sozinho.

No ano seguinte, 1976, passou a tocar com os Magulvezes, colectividade na qual permaneceu por tempo indefinido até que, quando o seu vocalista, Daniel, ressentindo-se das responsabilidades conjugais, partiu para África do Sul em busca de melhores condições de emprego, a banda desapareceu.

No princípio, Xidiminguana tocava sozinho mas quando decidiu criar a sua banda – reduzindo, assim, a dependência que tinha em relação a artistas como Alexandre Langa, Ernesto Zevo – criou a sua equipa. Foi nessas circunstâncias que João Cossa passou a trabalhar com o homem que, com o seu génio, faz a guitarra dizer palavras, respondendo às suas perguntas.

Recordando-se dos primeiros anos da República Popular de Moçambique, Cossa explica a dinâmica artístico-musical. “Nós fazíamos concertos em vários lugares no centro da urbe porque, nessa altura, existiam. Por exemplo, actuávamos nos cinemas Scala, Olímpia, 700, no Centro Cultural Universitário, no Café & Bar Gil Vicente, na Praça de Touros, nos complexos desportivos, entre outros espaços. Além, realizámos digressões dentro e fora do país”.



Não temos empresários

Questionado sobre se, ao longo da sua carreira, houve tempo em que percebeu que o movimento musical em que participava se ressentia das transformações sociais, tendo desmoronado, João Cossa explica que se, contrariamente ao passado, agora parece que as coisas estão a mudar para o pior, em relação à música tradicional, “é pura e simplesmente porque já não temos empresários que apostam nesse género musical”.

“Na altura havia empresários como, por exemplo, Alex Barbosa, Damião Parruque, as Organizações Recreativo, a Gazatur Entretenimentos Lda, dirigida por Vasco Mathe, entre outros, que apostavam na nossa música. Recordo-me de que a Gazatur foi a primeira organização que trouxe os Soul Brothers, Penny Penny, e a Banda Makhana, a Moçambique porque, nessa época, a cultura de fazer música em bandas vigorava”.

Entretanto, como depois “apareceram outros empresários e empresas – como a Bang Entertainment – que começaram a investir mais nos músicos que actuavam em ‘playback’. Essa organização, por exemplo, não apostava nas bandas e isso ainda prevalece. Ou seja, o que desapareceu foram os empresários, mas as bandas existem”.

É em resultado dessa realidade que músicos como João Cossa – que é instrumentista dos Vuthu Gaza –, por causa do cenário que se instalou, passaram a trabalhar noutros projectos, uma vez que a sua colectividade nem sempre tem actividades. É que, agora, os realizadores de eventos culturais quando chamam Xidiminguana – excluem a sua banda e – associam-no a outros instrumentistas seleccionados de acordo com critérios desconhecidos.

Então, a realidade impele-o a assumir que “as bandas existem, o problema é que não já não temos empresários que nelas apostam”.

Desafios que ‘finam’ os músicos

Na verdade, pelo que se pode perceber e deduzir, em função dos comentários do cantor, neste momento, o mercado está a impor novos desafios aos cantores como, por exemplo, o de se tornarem instrumentistas ‘freelancer’. Como é que eles o enfrentam?

Em princípio, está-se diante de um desafio complicado e difícil, mas que há uma mais-valia em enfrentá-lo. Até porque, antigamente, por causa da inflexibilidade das bandas, “eu só sabia tocar as músicas de Xidiminguane, acompanhando-o nos seus concertos. Mas agora, estou a aprender novas maneiras de ser e estar na música. Aprendi a tocar a viola-baixo para acompanhar a Timbila. Isso nunca antes havia acontecido comigo. Na semana passada participei num concerto de dança contemporânea, Utomipia, de Virgílio Sitole, produzindo música para os bailarinos, e penso que estas são outras experiências que me enchem de glória”.

O que o baixista pretende explicar é que se, por um lado, “esses desafios são bons para quem está predisposto a aprender, por outro, para quem não tem a flexibilidade de aprender corre o risco de ser engolido pelo mercado. Esse artista está condenado a ficar à espera da banda que, no

contexto actual, dificilmente é solicitada para fazer ‘shows’, complicando-se assim a sua vida”.

Matsambane

O substantivo é changana e é o nome tradicional de João Cossa. Quando flexionado, nesse idioma, gera adjectivos que nos remetem à ideia de algo saboroso, açucarado, ou bem temperado. É assim que João Cossa qualifica o seu segundo trabalho discográfico com o mesmo título – Matsambane.

Por exemplo, “as pessoas dizem que o açúcar é doce, reconhecendo que essa doçura se deve ao facto de ter sido feito a partir da cana-doce que – de forma metafórica – sou eu, enquanto Matsambane. Ou seja, tudo o que é bom é feito por esta figura”, explica.

Com 10 faixas musicais, o referido trabalho discográfico já está produzido, faltando, apenas, disponibilizá-lo no mercado. No álbum, o artista explora temas do quotidiano – quase, exclusivamente, da vida suburbana e rural – sendo, por isso, que é lá onde quer distribuí-lo. Mas ainda existe um impasse: “Tenho de gravar um disco em DVD”.

E não lhe faltam argumentos: “Escutar a música já não basta, as pessoas também querem ver. Por exemplo, se você pegar um trabalho discográfico e eu levar um DVD e, ambos, sairmos a fim de vender, em Chókwè, perceberá que quem irá vender mais sou eu – porque as pessoas querem escutar as músicas, mas, ao mesmo tempo, ver no ecrã do televisor o cantor”.

Uma autobiografia

Sou João Cossa. Nasci no distrito de Chibuto, na província de Gaza, no dia 05 de Outubro de 1961. Frequentei o ensino primário na Cidade de Lourenço Marques, onde cheguei em 1969, depois de os meus pais se terem divorciado.

Fui impelido a abdicar do ensino quando frequentava a 6ª classe, na Escola Secundária da Polana, por limitações financeiras. É que, na altura, praticamente, passei a desempenhar o papel de pai ou marido da minha (própria) mãe. Recordo-me de que houve vezes em que, regressando da escola, devia vender rapé – rizadas – a fim de ter dinheiro para comprar cadernos.

Algum tempo depois, entre 1973 e 1975, comecei a trabalhar numa carpintaria.

A minha primeira gravação musical ocorreu em 1989, com o registo do tema Vizinho, com o qual, no ano seguinte, participei no Ngoma Moçambique, antes de – no mesmo intervalo de tempo – gravar a música Joana Nkhata que acabou por ser o título do seu primeiro trabalho discográfico, publicado pela J&B Recording, em 1999, com oito faixas.

Arão Litsure tirou 25 Contos do Ventre dos Refugiados

A nova obra literária do reverendo Arão Litsure immortaliza, no espaço e no tempo, as vivências dos refugiados de guerra dos 16 anos em Moçambique. Os mesmos procuraram alívio em Tongogara, no Zimbábue. Chama-se 25 Contos do Ventre dos Refugiados.

Texto & Foto: **Redacção**

Costuma-se aconselhar as pessoas a não avaliar um livro em função da sua página-rostro, a capa. No entanto, ainda que válido, esse adágio não se pode aplicar à nova criação de Arão Litsure. Pelo que se percebeu, na cerimónia da sua apresentação, se o Reitor da Universidade Politécnica, Lourenço do Rosário – quem o apresentou – quisesse menosprezar os 25 Contos do Ventre dos Refugiados, fá-lo-ia com base na quantidade das páginas que contém e – em jeito de crítica – começaria por dizer o seguinte: “O seu autor, através de poucas páginas, dá uma bofetada de luvas brancas aos nossos estudos universitários, e não só, em relação às investigações desenvolvidas em torno da literatura e cultura do nosso país, porque está, exclusivamente, virada para a análise da literatura escrita que herdámos do Ocidente, esquecendo que a maior parte de todos nós, os moçambicanos, têm o seu universo cultural, enraizado na sociedade de tradição e transmissão oral”.

Se Lourenço do Rosário reconhece a importância da produção intelectual na literatura de transmissão e tradição oral e é dirigente supremo de uma instituição de ensino superior, porque é que – até à data da publicação dos 25 Contos do Ventre dos Refugiados – não deu orientação aos estudantes e docentes da A Politécnica para desenvolver trabalhos similares? O drama é que “o Reitor é chefe de muitas pessoas. Ora, quando as mesmas não querem desenvolver uma determinada actividade, este dirigente não deve coagi-los, pois ele não é um ditador. A situação é extremamente complicada porque, se nós defendemos a liberdade, não devemos defendê-la e tirá-la das pessoas ao mesmo tempo”.

Uma premissa importante

Ficámos com a impressão de que aquela cerimónia de publicação dos 25 Contos, realizada na Universidade A Politécnica, era uma verdadeira aula de sapiência. Senão vejamos: Lourenço do Rosário começou a sua locução (algo que, em certo grau, sublima a literatura de tradição oral em detrimento da escrita) estabelecendo uma premissa. “A literatura de tradição e transmissão oral precede todas as manifestações literárias que o Homem, enquanto ser social, produz ao longo da sua história como forma de representação social, cultural, histórica, mítica e lendária da sua própria existência”. Isso significa que, “a literatura escrita aparece muitos séculos depois de o Homem ter existido como ser social”. Afinal, “o que se funda, em primeiro lugar, é a literatura de tradição e transmissão oral que é muito mais rica, tendo uma grande história do que a segunda”. Basta que se tenha em consideração que a oratura é, em si própria, “simultaneamente, sujeito e objecto que veicula o conhecimento, o reflexo do conhecimento e a relação do Homem com a natureza numa perspectiva de educação e cultura”.

O que se sabe sobre o livro?

Sendo a escrita, de que Arão Litsure se valeu para na transcrição dos contos, uma descoberta posterior à literatura de tradição e transmissão oral, há um exercício peculiar que se deve ter em conta antes de se ler o livro. “Os contos foram recolhidos em língua tsonga e ndau, traduzidos para o inglês e, posteriormente, retraduzidos para o português. Portanto, há aqui vários exercícios de crivo que – ao lerem – as pessoas devem ter em consideração o labor e o talento do próprio recolector”. Se calhar o primeiro grande mérito dessa produção seja a superação de um exercício que demanda o domínio de três dimensões da existência humana: a linguística, antropológica e cultural. E, ao Reitor Lourenço do Rosário, não faltam argumentos: “A pessoa que trabalha a literatura de transmissão oral, além de ser competente linguisticamente, também deve ter o conhecimento cultural e antropológico daquilo que ele vai tratar sob pena de fazer filtragens em relação à sua própria cultura, acabando, muitas vezes, por falsear a informação”. O livro possui contos



recolhidos durante o período da guerra dos 16 anos no campo dos refugiados moçambicanos em Tongogara, no Zimbábue, em 1991. Além dos referidos textos, o autor também acrescenta escritos da sua autoria, incluindo poemas.

Qual é a importância?

A primeira pergunta, provavelmente, seria: “Porque é que o autor foi a um campo de refugiados, noutro país, a fim de buscar contos de que já se tinha conhecimento?”. Formulada em relação à obra, para Lourenço do Rosário, esta pergunta revela, em si, um leitura pouco atenta ao livro. Afinal, “ao frisar que estes contos foram recolhidos no Campo de Refugiados de Tongogara, no Zimbábue, o autor quer chamar-nos à atenção de que, apesar de deslocados das zonas etnolinguísticas do Centro e Sul de Moçambique, a identidade da unidade cultural das referidas populações não se desfez. E o mito do eterno retorno ao solo pátrio permaneceu. As referências da actualização geográfica e histórica, dos mesmos contos, não se alteraram apesar da deslocação dos seus contadores”.

Um esclarecimento

Desenganem-se as pessoas que pensam que, com a morte física dos idosos, o conhecimento desaparece. Isso é uma visão reducionista porque se acha que só o livro é que guarda o saber, a história, depreciando-se a inerência da oralidade.

Ou seja, para Lourenço do Rosário, “a sabedoria oral não se afunda com a morte de um idoso, porque esse mesmo ancião se encarregou de repassar a sua sabedoria às gerações que fazem parte da cadeia de sucessão social da sua comunidade. Da mesma forma como a ourivesaria não desaparece com a morte de um ourives, nem a arte de caçar o elefante desaparece com a morte de um velho caçador”. Há uma necessidade de se “reflectir muito bem sobre os mitos que nos infundem sobre a supremacia de determinadas formas de estar e de ser”. Afinal, o problema não está na morte do velho, mas na morte da sua essência, da mesma forma que podemos falar de genocídio, quando há um massacre que impede que os valores possam ser retransmitidos a outras gerações. Aliás, o genocídio pode até ser cultural. Por exemplo, “quando uma geração inteira, urbanizada, já não sabe que o frango provém da galinha e não do supermercado. Há crianças que – por nunca terem visto uma galinha – pensam que o frango é originário do supermercado. Isso significa que houve um genocídio cultural porque não se teve tempo de dizer às crianças que o frango foi um animal vivo”.

É nesse sentido que, em relação à obra de Arão Litsure, Lourenço do Rosário conclui que são fenómenos sociais colectivos – como a aculturação, o colonialismo e a assimilação – que podem matar a nossa cultura e não a morte física do velho. “E a intenção de Arão Litsure foi tentar mostrar que apesar da deslocação das populações moçambicanas para o Campo de Tongogara, ao longo do conflito armado no país, não houve genocídio cultural”. É nesse sentido que “os 25 Contos do Ventre dos Refugiados fizeram renascer a esperança de que as ‘bibliotecas’ não morreram, apesar de que foram deslocadas. Ou melhor, refugiadas, elas encubaram a sabedoria num admirável exercício de retorno ao útero materno, isto é, à nossa pátria – e porque não dizer – amada”.



Kuphaya

Cremildo Bahule
cremildo.bahule@gmail.com

Missiva a Ungulani Ba Ka Khosa ou Kuyenguessela Moçambique

Cortusias, Ungulani Ba Ka Khosa. Não sei se te trato por pedagogo, vidente ou escriba. Acho melhor que te trate por escriba (por sermos colegas), pois assim evito cair no erro de ofender a tua incorruptibilidade literária. Embora não me conheças como escriba (pois encontras-te numa outra galáxia literária), redijo-te esta luca como forma de fazer uma vénia ao teu percurso literário.

Primeiro, quero congratular-te pelos vinte e cinco anos de percurso literário. Eis a minha aspiração: que venham mais cabelos brancos para tornar a tua cabeça um terraço de algodão. Conheci-te, por via da tua escrita, no ensino pré-universitário quando, nessa época, finais dos anos noventa, era um imperativo categórico e pedagógico resumir a tua obra «Ualalapi». Confesso que eu e o meu amigo (Hermenegildo Chamal), no princípio, não apreciámos a ideia. Contudo, porque esse exercício assentava numa avaliação, tivemos de fazer a sinopse do teu livro. A resmungar, lemos o manual. Todavia no final fomos os teus propugnadores. Depois dessa iniciação e outras paralelas, a literatura não saiu mais de mim. Por causa do teu «Ualalapi» tive de aprender a ler outros escritores moçambicanos como, por exemplo, Mia Couto, Paulina Chiziane, Eduardo White, Carlos Cardoso, Nelson Saúte e Calane da Silva. Uma coisa sempre me intrigou, mas nunca tive a oportunidade de perguntar: Damboa é uma invenção tua ou realmente existiu uma senhora que poluiu os peixes com o seu catamênio? Tenho de admitir que és um escritor de romance histórico onde a preocupação de trabalhar com as fontes faz com que o teu género literário encontre uma grande receptividade, seja pelas massas da cultura média, seja por parte das elites convencionais. Sei que juntas ao real, histórico, o que é ficcional. Vejo nas tuas obras o mundo que retratas e que pode ser facilmente entendido e aceite por nós. As imagens e símbolos arquetípicos, embora perenes e universais, são vivenciados e valorizados de modos diferenciados em cada livro que escreves e, por essa razão, a tua escrita é um importante elemento de identificação cultural em Moçambique. Gosto da tua contribuição quando ela, de modo essencial, ajuda na reflexão atinente às diversas identidades culturais e aos relacionamentos multidimensionais entre culturas diferentes que fazem a moçambicanidade.

A prova do que acabo de dizer está patente nas seguintes obras: «Orgia dos Loucos» (1990), «Histórias de Amor e Espanto» (1993), «No Reino dos Abutres» (2001), «Os Sobreviventes da Noite» (2005) e «Choroi» (2009) e «Entre as Memórias Silenciosas» (2013). Apesar de muitos moçambicanos amarem a tua obra e já terem lido alguns dos livros aqui citados, há um que escapa a muitos de nós. Falo do livro editado por Niyi Afolabi que tem como título «Emerging Perspectives on Ungulani Ba Ka Khosa: Prophet, Trickster, and Provocateur». Este é um livro que, sob vários prismas, fala da tua obra literária. Presentemente, és Secretário-Geral da AEMO (Associação dos Escritores Moçambicanos) e um dos membros seniores do INLD (Instituto Nacional do Livro e do Disco). Com estes dois domínios nas tuas mãos, muitos olham-te como uma brisa para a resolução de muitos dos problemas que entristecem os escribas, dentre eles: (i) os direitos de autor e (ii) o sistema ISBN (International Standard Book Number) moçambicano que servirá como um sistema identificador único para livros e publicações não periódicas em Moçambique. É meu desejo que Ungulani Ba Ka Khosa crie plataformas de anuência e bem-estar entre os escritores e que limpe algumas frases como: «estás a proteger a tua geração – Charrua» ou «muitos escritores não estão filiados na AEMO porque esta está politizada». Eu confio, nos teus créditos. Ungulani, afianço que com a tua literatura e a tua postura, como agente literário mudarás o olhar extrínseco que vislumbra a Literatura Moçambicana como estando assente numa plataforma sem cronografia. Nas prateleiras do mundo literário não devemos aparecer, sempre, como uma literatura periférica e sem bases esclarecedoras. Com a tua literatura provamos que temos um lugar no mundo. Moçambique tem uma literatura frutífera e a prova disso é o Prémio Camões que foi atribuído a Mia Couto, este ano e a José Craveirinha (1999). É minha ambição que tu ganhes o Prémio Camões. Quicá, o Nobel! Termino afirmando que a Literatura Moçambicana deve espelhar uma ideia de Nação Moçambicana, mesmo sabendo que é composta por indivíduos e grupos que podem ser muito diferentes entre si. Apesar dessas diferenças, a partir de certo grau de generalização, a moçambicanidade congrega esses indivíduos e grupos em torno de uma identidade compartilhada, chamada identidade nacional ou mesmo civilizacional. Ao que afirmei previamente, será possível efectivar, se criares livros que espelhem o que nós – os moçambicanos – almejamos como Nação. Obviamente, que essa tarefa é de todos os escribas desta Pérola do Índico, mas é em ti que a responsabilidade, na maioria das vezes, recai pelos comprometimentos que carreias e pela galáxia onde chegaste como literato. Já agora: sobre o teu pseudónimo – Ungulani Ba Ka Khosa (diminuir os Khosa). Porque queres, tanto, diminuir os Khosa, se tu ostentas esse apelido? Porque tens sangue Tsonga e oscilas entre os Ndaus e os Macenas? Mais do que diminuir os Khosa ou outra etnia moçambicana devias, por causa da mestiçagem que transportas, mudar de nome e ostentar um que indique o alargamento das etnias moçambicanas: ‘Kuyenguessela Moçambique’. ‘Kuyenguessela Moçambique’ é pseudónimo de Francisco Esaú Cossa. Aquele abraço. Paz!

Plateia

“É nosso. Temos de trabalhar para o Governo!”

Na sua recente e efémera presença em Maputo, o Grupo de Dança Tradicional Chibango, da Vila de Gorongosa, na província de Sofala, travou uma conversa com o @Verdade, cujo conteúdo o estimado leitor é convidado a acompanhar. Nem vale a pena dizer que não se arrependerá...



Texto & Foto: Inocêncio Albino

Era uma vez, há muito muito tempo, na altura em que ainda viviam os nossos antepassados, no distrito de Gorongosa, na província de Sofala, houve seca e as machambas tornaram-se improdutivas. A partir daí, os nossos antepassados – com destaque para os líderes – juntaram-se com a comunidade a fim de resolver o problema ambiental, a seca, que causava fome. A solução encontrada foi a realização de um ritual em que, durante um mês, as populações cantaram e dançaram invocando os espíritos dos seus ancestrais, rogando por bênçãos. Algum tempo depois veio a chuva. As populações ficaram felizes. Começaram a semear e houve uma boa produção nas machambas. No fim, colheram os cereais e produziram uma bebida alcoólica. Criaram uma cerimónia tradicional – chamada mhamba – e ofertaram o álcool, hângua, aos espíritos em reconhecimento ao seu apoio, ao mesmo tempo que diziam palavras de gratidão.

As festividades prolongaram-se. As comunidades que participaram no ritual, caracterizado pelo canto e pela dança, criaram os Nghoma, batuques, e, utilizando a parte metálica dos machados e enxadas, produziram uma melodia. Dançaram! Instalou-se um ambiente de festa na aldeia. Os nossos antepassados preconizaram que aquele ritual devia ser perpetuado no tempo e no espaço, porque se havia tornado um símbolo da nossa tradição. O outro facto importante é que, eles, os ancestrais, não determinaram um tempo específico do ano em que a cerimónia devia ser realizada. Por isso, realizamo-la em qualquer período, na província de Sofala. Crianças, adultos, homens e mulheres de todas as idades, juntos, celebram na dança de Chibango. Ao certo não sabemos quando é que se fez a primeira cerimónia. O certo é que foi há muito muito tempo. E nós devemos segui-la por toda a eternidade. De qualquer modo, recentemente, em 2007, eu, José Chiringa Luís, o chefe do grupo Chibano e o meu subchefe, João Nhagumbo, decidimos adoptar o nome de Grupo de Dança Tradicional Chibango de Mapaza por uma questão de identidade. Antigamente, a nossa colectividade era conhecida pelo nome de grupo de Mapaza apenas.

José Chiringa Luís: A bebida tradicional hângua faz-se a partir de mapira que se mergulha na água, seguindo alguns procedimentos depois. Mas a cerimónia, em si, chama-se mhamba e assemelha-se ao kuphalha que se faz no sul do país. No mhamba, os anciãos dirigem-se aos espíritos e fazem pedidos diversos, ao mesmo tempo que expressam gratidão pelas dádivas.

José Chiringa Luís: É verdade que há muitos grupos em Sofala que praticam a dança tradicional de Mapaza. Desconhece-se a quantidade exacta. No entanto, ela é mais explorada na Vila de Gorongosa.

José Chiringa Luís: No total somos 18 elementos na colectividade, 11 homens e sete mulheres. A reduzida quantidade de gente que veio a Maputo é condicionada por questões de logística.

José Chiringa Luís: Sempre que o Governo realiza eventos, nós somos convidados a participar. Já estivemos na província de Gaza, em 2008, no contexto de um Festival Cultural realizado. Por exemplo, em 2012, devíamos ter ido ao Festival Nacional de Cultura, em Nampula, mas as autoridades governamentais entenderam que se devia priorizar a participação do outro grupo.

José Chiringa Luís: Não temos nenhuma dificuldade. Por isso, sempre que formos convidados a realizar alguma actividade cultural, estaremos disponíveis. Sinto que, na verdade, nós precisamos de um fardamento – para nos identificar nas viagens – porque não temos.

José Chiringa Luís: Sim! Nós dançamos e cantamos com o sentimento de gratidão pela bondade dos nossos antepassados, seja em que lugar for. Em Maputo nós não apresentamos integralmente a coreografia que dura entre oito e dez minutos. Por exemplo, excluímos a parte da mhamba em que os líderes tradicionais invocam os espíritos e servem-nos a hângua.

José Chiringa Luís: Não! Todos dançamos da mesma forma. Expressamos o mesmo sentimento. É verdade que as mulheres têm a sua forma peculiar de movimentar o corpo. São essas as marcas que as tornam diferentes dos homens.

João Nhagumbo: Como colectividade, neste momento não temos nenhum projecto. Apenas somos um grupo de artistas – sem planos.

João Nhagumbo: Os responsáveis do Parque Nacional de Gorongosa contactaram-nos, propondo-nos que devíamos ser a sua colectividade artística principal. E nós acatámos a proposta e passámos a fazer exactamente aquilo que eles queriam. É por essa razão que os nossos vínculos se mantêm.

José Chiringa Luís: Eu vim a Maputo, em 1978, quando se realizou o primeiro Festival de Dança Popular. Mas, desta vez, acho que ainda não temos ideia sobre que lugares visitaremos na capital. Esperamos que o pessoal do Parque Nacional de Gorongosa nos leve a conhecer a cidade. Nós não temos esses planos.

João Nhagumbo: Quando eu estava em Gorongosa, planeava que assim que chegar à capital, gostaria de visitar o Estádio Nacional de Zimpento e a praia da Costa do Sol. Agora se surgirem outras oportunidades, logicamente, que irei aproveitá-las.

José Chiringa Luís: Nós só praticamos a dança. Somos artistas em tempo integral. Na província de Sofala, o nosso grupo é o principal que pratica esta modalidade artística. Somos muito conhecidos. É por essa razão que – sempre se realizam os festivais nacionais de cultura – nós já não competimos para participar. O nosso grupo é conceituado e não tem adversários. Há muitas colectividades locais, em Sofala, que nos chamam Grupo Nacional de Dança

Mapaza. Outros ainda dizem que somos os Embaixadores da Cultura.

José Chiringa Luís: Nós não recebemos nada em troca das nossas actuações. Realizamos ‘shows’ de graça, excepto quando o pessoal do Parque Nacional de Gorongosa nos convida a realizar eventos. Mas, de uma forma geral, nas actividades do Governo não recebemos nenhum dinheiro. Temos participado em todas as actividades que o Governo realiza.

José Chiringa Luís: Não é normal. Mas como nós estamos aqui e esse Governo é nosso – temos de trabalhar para ele. Quando nós dançamos, o Governo compreende que temos um bom coração. E, assim, sempre irá convidar-nos nas suas actividades. É verdade que não fica bem quando nos chamam para realizar actividades de graça. Eu penso que para o Governo, nós podemos realizar actividades de graça porque se trata do nosso Governo. Além do mais, em Sofala existem muitos grupos de dança tradicional e não seria possível pagar a todos. Isso não se faz. O Governo costuma levar grupos de dança tradicional para as suas actividades. Às vezes, dá-lhes o mata-bicho. Mas pagar mesmo – não se paga.

José Chiringa Luís: São os empresários. E eles devem pagar porque, em relação a eles, já se trata de prestação de serviços. É como se eles estivessem a alugar-nos. É verdade que nós já actuámos, várias vezes, no Parque Nacional de Gorongosa, mas para vir a Maputo tivemos de entrar em consenso. Aceitámos a sua proposta. Ao voltarmos, temos de ter alguma coisa para mostrar às nossas famílias que estivemos na capital. Ora, quando se trata do Governo, não dá para cobrar nada além de um pequeno subsídio para transporte.

Anúncio de vaga

Moçambique

Consultor Sénior – Internal Audit



A **KPMG Auditores e Consultores SA**, “KPMG” em Moçambique, pretende recrutar um profissional dinâmico, motivado e empenhado para trabalhar no Departamento de Consultoria, como **Consultor Sénior ou Consultor Supervisor na área de Auditoria Interna / Auditoria a Sistemas de Informação** baseado em Maputo. Para o efeito, aceitam-se candidatos/as que reúnam os requisitos.

Responsabilidades da função

- Fazer avaliações do sistema de controlo interno, em auditorias operacionais, financeiras ou de sistemas de informação de empresas para diversos ramos;
- Realizar auditorias de *procurement* e/ou de conformidade;
- Desenvolver ou adaptar programas de trabalho de auditoria;
- Rever os papéis de trabalho de staff e assegurar que as conclusões das auditorias são adequadamente suportadas; e
- Preparar o relatório com as observações e recomendações para a revisão.

Requisitos mínimos para submissão da candidatura:

- Nível de licenciatura em Auditoria, Gestão, Contabilidade, Economia ou outras áreas afins e/ou possuir CIA, CA, Mestrado/MBA será vantagem
- Mínimo de 5 anos de experiência na área na área de **Auditoria**, de preferência numa firma das **Big 4**,
- Fluência em Português e Inglês,
- Habilidade de analisar processos complexos e avaliar a sua eficiência e eficácia,
- Forte capacidade de trabalhar e adaptar-se em ambientes multiculturais,
- Bom relacionamento interpessoal,
- Espírito de iniciativa, pro-actividade, dinamismo e rigor.

A KPMG oferece:

- Oportunidade de integração numa equipa de trabalho multinacional, presente em 145 países;
- Remuneração e outros benefícios de acordo com a experiência e capacidades comprovadas;
- Perspectiva de progressão e crescimento interno;
- Aprendizagem contínua e plano de formação internacional;
- Outras regalias em vigor na firma.

Carta de motivação e CV:

Os candidatos que se enquadrem no perfil acima descrito, deverão de enviar o seu CV em versão português e inglês, assim como uma carta de motivação em inglês, explicando a sua motivação pessoal para integrar o projecto da KPMG e o valor acrescentado que poderá fornecer à equipa. Todas as candidaturas que não se enquadrem nos requisitos supra-mencionados não serão consideradas.

E-mail para submissão da candidatura:

Os candidatos deverão de submeter o seu CV (versão em inglês e português) e carta de motivação (em inglês) no seguinte endereço de e-mail: mz-fmcandidaturas@kpmg.com

Endereço:

Rua 1.233, Nº.72C
Edifício Holland
Maputo - Moçambique
Caixa Postal 2451
Tel: +258 21 355 200
Fax: +258 21 313 358
www.kpmg.com/mz

© 2013 KPMG Auditores e Consultores, S.A., a firma moçambicana membro da rede KPMG, composta por firmas independentes afiliadas da KPMG International Cooperative (“KPMG International”), uma entidade suíça. O nome KPMG, o logótipo e “cutting through complexity” são marcas registadas da KPMG International. Todos os direitos encontram-se reservados. Impresso em Moçambique.

ENTRETENIMENTO - PALAVRAS CRUZADAS - 249



VERTICAIS

- 1 - Coloco; muito além.
- 2 - Coima.
- 3 - Felicidade; sapo do Amazonas.
- 4 - Correntes de água; ave pernalta; lavrai.
- 5 - Despacho; fúteis; insensível.
- 6 - Rio da Itália; donaire.
- 7 - Passadas; compreender; executo.
- 8 - Cidade italiana; arma branca; deixou de pertencer.
- 9 - Membro de certos animais; batráquio (pi.).
- 10 - Magnético.
- 11 - Zanga-se; queimar.

HORIZONTAIS

- 1 - Fica; irritada.
- 2 - Contaminados.
- 3 - Terra dos mouros.
- 4 - Certo; manhosa; Prefixo de negação.
- 5 - Interjeição; Desaparece; Cânhamo da índia.
- 6 - Gasta; Sôa.
- 7 - Nota musical (antiga); planta medicinal; contracção prep. e art.
- 8 - Nota musical; africanos; artigo (pi.).
- 9 - Ancorar.
- 10 - Surgiria.
- 11 - Abalava; atrever-se.

PENSAMENTOS...

- O olho não se vê a si mesmo.
- Cães grandes nunca se mordem.
- O olho da fome tem maldade.
- Homem do teu ofício teu inimigo é.
- A boa cara nem sempre mostra o que vai no coração.
- A vindimadores não se oferecem uvas.
- Não subas à árvore pelos ramos.
- O que torna o sonho irre realizável é a inércia de quem sonha.
- Não corras atrás da galinha com o sal na mão.
- Não contes os pintos senão depois de nascidos.



Publicidade

GPRO BAIROS

Maputo Tour

BREVEMENTE

Convidados: D-Lon, Moneycomio, Eliputo & DJ Alvin

Cidade da Matola	23 de Agosto	Trolling Club	22h
Bairro CMC	24 de Agosto	Bar dos Amigos	22h
Cidade de Maputo	06 de Setembro	Afrika Bar	18h
Bairro do Aeroporto	07 de Setembro	Mbuva	20h
Bairro 25 de Junho	14 de Setembro	Ambients Bar	18h
Bairro da Machava	15 de Setembro	Quinta Tropical	17h

Logos: DOB, TIM, GOLO, mcal

RIR É SAÚDE

Um louco consulta o médico no Manicômio:

- Então de que se queixa?
- Sou maluco!
- Tem a certeza?
- Absoluta!
- Ora vamos lá saber: O senhor bebe coisas alcoólicas?
- Bebo, senhor doutor!
- Proíbo-o de beber! E perde noites?
- Perco, sim, senhor doutor!
- Proíbo-os de as perder! E fuma?
- Não, senhor doutor!
- Ah, bom. Então vai começar a fumar e volta cá no sábado para eu lhe proibir o tabaco!

Após um exame demorado, o médico pergunta ao doente:

- Então, deixou os cigarros, como eu lhe recomendei?
- Sim, senhor doutor.
- E tem-se dado bem com as pastilhas elásticas?
- Assim, assim... O que me custa muito é acendê-las.

Na escola, o professor, muito baixinho, vai escrever no quadro, mas não chega ao giz que está em cima do cavalete.

Um aluno, muito alto, levanta-se tira o giz e entrega-o ao professor.

- Muito obrigado - diz o professor. - Quando o meu amigo quiser alguma coisa do chão, faça favor de dizer.

HORÓSCOPO - Previsão de 16.08 a 22.08



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: Será uma semana em que a sua preocupação se focaliza de forma marcante no espectro relacionado com dinheiro. As suas preocupações são motivadas, mais pelas dificuldades que atravessamos, do que pela sua situação.

Sentimental: Para os nativos do Carneiro esta será uma semana que poderá marcar o início de uma nova relação. Deverá ter bem presente que ligações sentimentais sem diálogo e atenção não terão grande futuro.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: O dinheiro será motivo de alguma dificuldade no referente a compromissos difíceis de assumir. A sua força interior poderá ajudá-lo a ultrapassar esta fase. Nos últimos dois dias da semana a situação deverá melhorar.

Sentimental: A sua relação sentimental sofre de dificuldades no relacionamento. Para ultrapassar este aspeto, seja atento com o seu par e tenha presente que o amor necessita de ser regado para florir.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: Algumas dificuldades em fazer face a compromissos, poderão criar-lhe alguns embaraços; não se deixe descontrolar e a solução surgirá de uma forma, perfeitamente, natural.

Sentimental: Os nativos dos Gémeos encontrarão neste aspeto e durante esta semana motivos para se sentirem bem. A relação com o seu par será ótima e os dias tornar-se-ão mais leves e fáceis de suportar.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Assuntos relacionados com dinheiro exigem, da sua parte, energia e determinação. Algumas dificuldades que possam surgir, serão ultrapassadas. Seja cuidadoso nas suas despesas, especialmente, as desnecessárias.

Sentimental: Durante este período, poderão verificar-se alguns desentendimentos que, senão forem bem esclarecidos, poderão ter consequências desagradáveis. Não se aconselham novos relacionamentos, durante esta semana.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: As situações relacionadas com dinheiro não o deverão preocupar, durante todo este período. Atravessa um bom momento e tire dele um bom partido.

Sentimental: A relação sentimental para o nativo do Leão deverá ser, durante esta semana, idílica e com uma forte componente de atração física. Para os que não têm par, será uma boa altura para novos relacionamentos.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: A falta de dinheiro é um problema que apodimenta muitas pessoas e os nativos deste signo não são alheios a este aspecto; assim, controle, de forma inteligente, os seus gastos.

Sentimental: A relação amorosa dos nativos da Virgem, não encontra, durante este período, um ambiente muito favorável. Tente, com a sua relação, proceder de forma atenciosa e amável.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: Dinheiro, independentemente do signo, é um problema do dia-a-dia; assim, encare com coragem e determinação uma possível semana menos boa. Pense e acredite que, rapidamente, a sua vida melhorará.

Sentimental: O encanto dos nativos da Balança origina relacionamentos amorosos muito favorecidos. Os que não têm par poderão conhecer alguém, muito especial, durante este período.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: Saiba gerir este aspeto. As dificuldades nesta área, nos tempos que correm, tocam a todos. Para o fim desta semana, a tendência será para melhorar.

Sentimental: Grandes dificuldades de relacionamento com o seu par; esta situação, deve-se, na sua maior parte, a despeitos que deverão ser ignorados.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: Semana caracterizada por algumas dificuldades que serão ultrapassadas pela sua coragem em encarar este aspeto. Para o fim deste período, a situação tenderá a melhorar.

Sentimental: No seu relacionamento sentimental encontrará a ajuda que tanto necessita. O diálogo entre o casal terá um papel importante no encerrar das dificuldades.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: Esta fase, na área financeira, encontrará uma situação, extremamente, favorecida. O dinheiro não irá constituir grande problema e a semana terminará com a maior tranquilidade.

Sentimental: Poderão verificar-se, durante este período, relacionamentos um pouco tensos, motivados por alguma insensibilidade da sua parte, assim como silêncios sem justificação.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: A situação financeira passa por um momento difícil e, que exige da sua parte, coragem e determinação. Recorde-se que, em cada dia que passa, poderão surgir soluções, inesperadas. O importante é ter fé.

Sentimental: Será junto do seu par que encontrará a força interior que lhe possibilitará vencer as dificuldades do presente. Divida as suas preocupações; duas cabeças pensam melhor que uma.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Algumas dificuldades caracterizarão este aspeto. Faça uma gestão, inteligente, dos seus dinheiros e não se deixe desesperar. Poderá verificar-se, próximo ao fim da semana, uma boa notícia.

Sentimental: Juntamente, com o seu par, divida os problemas do dia-a-dia; desta forma, encontrará a luz e o equilíbrio necessários. Não será aconselhável iniciar novos relacionamentos.

Cartoon



Selo d'@Verdade

A institucionalização do medo, a incompetência do nosso Governo e os que andam a engomar pessoas em Maputo

Pânico é, geralmente, o nome que se atribui a um sentimento incontrolável de medo ou de ansiedade. Um medo que surge repentinamente, motivado por qualquer estímulo externo, e que coloca alguém em estado de constante e incómoda ansiedade perante o que pode vir a acontecer, a qualquer momento, consigo ou com os outros. Os níveis de atenção de quem está em estado de pânico atinge o seu pico máximo e este fica num desconfortante período de alerta. É exactamente o que está a acontecer um pouco por toda a periferia das cidades de Maputo e da Matola, cá em Mocambique.

Com efeito, de há uns tempos para cá temos registado um aumento significativo de uma “cultura do medo” no nosso seio, com os cumes máximos atingidos primariamente nos incidentes armados em Satunjira e em Muxúnguê (no país rural), como também em alguns bairros periféricos de Maputo e da Matola (país urbano).

Não pretendo aqui construir qualquer teoria de conspiração. Pretendo levantar apenas dois pontos para reflexão:

1. O Estado, gerido pelo Governo, está a falhar colossalmente numa das suas principais atribuições para com o seu povo: a garantia da ordem e segurança públicas (através da Polícia), bem como a manutenção da paz e da estabilidade político-social (através do Exército e de instituições competentes diversas).

Pelo que temos vindo a assistir nos últimos dias, onde bairros inteiros testemunham a eclosão crescente de actos brutais de criminalidade na capital do país e arredores, perante a absurda indiferença da Polícia, bem como a indiscriminados assassinatos e assaltos cinematográficos a quartéis militares e esquadras policiais, parece não ser novidade para ninguém que os cidadãos estão entregues à sua própria sorte.

Hoje em dia qualquer grupo de homens, armados com três AKM's ou sete catanas já consegue parar todo o país e colocar quase todos os moçambicanos com a sensação de se estar já em estado de guerra... Qualquer grupo de homens, armados com três Makarovs ou sete catanas, já consegue aterrorizar a capital de Moçambique e deixar os seus cidadãos em estado de alerta máximo todas as noites! Hoje em dia, já não é a Polícia (devidamente armada e paga pelos impostos desses mesmos cidadãos) que se encarrega da manutenção da ordem e da tranquilidade públicas; são os próprios cidadãos que se organizam em grupos de patrulha e vigilância comunitária, munidos de apitos, paus e pneus!

2. Parece-me que interessa ao Governo, de forma especial e estratégica, a manutenção deste clima generalizado de medo junto dos cidadãos. Creio que seja uma tática deliberada de instalar o estado de choque e pavor junto das pessoas, para que estes vivam num circuito fechado de temor e de desespero,

de modo a que se desviem do que é essencial: jogadas claras e obscuras que têm estado a ser engendradas nos últimos tempos para que o regime vigente se mantenha a todo o custo no poder. Com efeito, quase todo o mundo está hoje a pensar na possibilidade de morrer ou de ser assaltado, sexualmente violentado ou acabar com o corpo marcado com ferro de engomar, do que nas falcatruas que começaram com a aprovação de uma deficiente Lei Eleitoral, a constituição de uma Comissão Nacional de Eleições fantoche e atrelada ao partido no poder, a realização de um caricato Recenseamento Eleitoral ou a negociação política do futuro de mais de 22 milhões de moçambicanos à luz dos apetites predadores e exclusivos da Frelimo e da Renamo.

Resumindo: colocam-nos em clima de medo constante para paramos de pensar, enquanto eles se aproveitam da aparente ou propositada fragilidade das instituições que deveriam velar pelo primado da lei e ordem para decidirem à vontade, e sem a nossa opinião, sobre o futuro das nossas próprias vidas... É que é-lhes muito mais fácil e conveniente cingirmo-nos ao medo de sermos baleados ou engomados a qualquer momento, do que em concentrarm-nos nos assuntos que irão determinar decisivamente o nosso futuro, muito brevemente.

Edgar Barroso

Centralismo Regional, Recursos Humanos e Erro Estratégico

Dizia um amigo em conversa que os partidos da oposição enfrentariam a médio e longo prazo problemas sérios de recursos humanos, por causa da sua natureza regional, e falta de uma visão nacional factual. Não demorou para que esse vaticínio do meu amigo se concretizasse.

Explicando (e pegando o MDM como exemplo):

O Movimento Democrático de Moçambique surge na Beira como um Movimento que estava para mostrar à Renamo que os beirenses não precisavam dela para, globalmente, fazer oposição política à Frelimo. Assim, a sua génese está totalmente regionalizada, o que faz com que a sua liderança e os postos-chave sejam distribuídos com base na região de origem das pessoas.

Isto até que era bom no início, uma vez que as ambições primárias foram sempre regionalistas, mas, com o andar do tempo, e com patrocínios diversificados, houve necessidade de se expandir (as ambições) para o nível nacional.

Este objectivo esbarra de frente com a génese do partido, pois a distribuição dos cargos-chave está regionalizada, o que deixa um *gap* noutras regiões do país, uma vez que os “capazes” da região já têm tarefas. E, tomando como exemplo as eleições municipais, eles não podem concorrer em certas zonas em razão da sua residência.

O MDM é o exemplo claro disso nesta fase preparatória das eleições autárquicas, da falta de uma visão nacional e estratégica de gestão de recursos humanos, o que o fez “colectar”, literalmente, o primeiro candidato que aparecesse com um pouco de discurso, sem olhar para a sua militância ou para a sua capacidade de gestão pública e ou política.

Esta decisão do MDM pode ter patologias para si mesmo, pois:

1. Ao levar pessoas sem experiência de militância partidária conhecida está a correr sérios riscos de fragmentar a sua base eleitoral, uma vez que esta ficará descontente com a escolha de “para-quedaistas” para que concorram, enquanto eles é que se acham no direito, em razão da sua dose de militância no partido;

2. Criação de um precedente de preguiça na militância e mais dedicação a críticas destrutivas, de modo a sobressair e ser visto pelos líderes do partido, e só assim aceder a cargos de prestígio;

3. Sem conhecimento profundo do partido, e sem uma identificação sólida com este, os escolhidos “ad hoc” poderão, a qualquer momento, renunciar ao partido, uma vez que eles se acham à frente do partido, rebocando-o para atingir o poder, já que a escolha fora dos procedimentos partidários demonstra que eles são superiores a todos os membros que militam de coração no partido;

4. Poderá também criar-se vários centros de poder (já existem dois), por causa da apresentada no nº 3.

Assim, aquilo que agora parece ser uma jogada de mestre, pela parte do MDM, poder-se-á revelar como um grande erro estratégico, uma vez que este partido despreza o sentido da militância partidária, e concentra-se mais em fama efêmera.

Américo Matavele

Quando a esmola é demais

Em primeiro saúdo Vossa Excia. por ter aceitado publicar este artigo na página dedicada aos leitores.

Em qualquer mercado onde se pretende instalar um determinado negócio é normal que a empresa ou o vendedor adopte estratégias de aliciamento e campanhas de promoção dos seus produtos para ganhar espaço comercial, e a empresa de telefonia móvel, Movitel, não foi excepção.

A Movitel celebrou o seu primeiro ano no passado sábado, dia 03 de Agosto, com um espetáculo na Praça da Paz, mas é um ano que deve ser visto não só na perspectiva de um mar de rosas. O que pretendo não é necessariamente contar como foi a festa do primeiro aniversário da Movitel, muito menos manchar o nome e o trabalho da operadora.

Quando a Movitel surgiu, usou uma vulgar estratégia que foi de passar por algumas instituições de ensino concentrando massas e fazendo a distribuição de pacotes iniciais e com a aliciante promessa de oferta de 30 Megabytes de Internet por mês, mas, na verdade, depois de alguns meses de usufruto os cartões já não funcionaram perfeitamente e nem os prometidos megabytes chegaram aos nossos celulares.

Outro aspecto que suscita este artigo tem a ver com a recente promoção telemóveis designados “smartphones”. São na verdade celulares que têm apresentado muitas deficiências técnicas de fabricação e de uso.

Refiro-me a este problema depois de ter estado na loja sede da Movitel na Av. Guerra Popular e, nos 30 minutos que fiquei na fila para o atendimento que tardava a chegar, pude ver chegar e reclamar vários clientes que haviam adquirido aqueles celulares há uma semana ou há alguns dias a reclamar de problemas técnicos dos mesmos, e de eu ter manuseado o aparelho e ter ficado com a impressão de não ser um ótimo produto tal como ilustra a publicidade, o que revela claramente que “o barato sai sempre caro”.

O último ponto que quero aqui mencionar relaciona-se com o anúncio de dois milhões de clientes que essa empresa diz ter. Este é um número que me traz alguma desconfiança, apesar de a Movitel usar o *slogan* “Em todo lugar, a todo momento”, desconfio da veracidade destes números, pois uma coisa é dizer que distribuíram gratuitamente dois milhões de pacotes iniciais e outra é ter realmente dois milhões de clientes.

Para terminar, gostava de chamar a atenção às empresas que usam uma publicidade enganadora para ganhar dividendos e, por via disso, clamor pela intervenção das autoridades do país, em particular a Associação de Defesa do Consumidor de Moçambique.

Mais não disse!

Décio Ernesto



f **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Fotos de Jornal @Verdade Verdade



Jornal @Verdade

Um total de seis pessoas perdeu a vida na manhã deste sábado (10 de Agosto), e 46 ficaram feridas, na vila da Manhiça, em virtude de um acidente de viação do tipo capotamento. O mesmo envolveu um autocarro de transporte de passageiros que seguia viagem para a cidade de Pemba.

<http://www.verdade.co.mz/motores/39056>



Isabel Orlando Vamos todos dobrar o joelho e fazer uma corrente forte de oração a Deus para proteger o povão Mocambicano que está a sofrer muito. Paz não é somente ausência da guerra... Se algum mal fizemos te pedimos perdão em nome de todos os Mocambicanos6 · Sábado às 11:21



Joao Almeida Tavares Triste! Deveras trágico. Enquanto não houver cerveja na mão, desrespeito pelas regras, civismo, enquanto não houver uma eficaz inspeção de veículos (Séria) e policiamento responsável e a terminar a impunidade e corrupção, a estrada vai continuar a matar. Lamentamos as vítimas mortais (uma vez mais), e resta-nos dar as condolências às famílias. E o estado? o que faz para melhorar tudo isto? · Sábado às 11:36



Marise Tomás cada dia que passa fico com mais ódio desta companhia Nagi. deviam retirar lhes a licença mas como é negócio de elefantes grandes, nada se faz!!!! há 2 horas



Jamisse Guambe Este transportador Tanzaniano está a semear luto mensalmente neste País. Sou da opinião que deve ser banido e extraditado para o País o seu País. Domingo às 3:54



Paulo Nchumali Mto mau isso, os carros da NAGI INVESTMENT sempre tem tido acidentes. Algo está errado com esta companhia.... · Domingo às 2:45



Olga Natingue os meus pesames as famílias elutadas.....e cada um de nos sejamos mais prudentes diante de um volante para não causar mais derrame de sangue nas estradas..... e agora que o jejum acabou vão recomendar os rallos a mostrarem potências dos seus motores1 · Sábado às 11:15



Olgayalassa Murrula eu concordo contigo jaime,max ixo não ira acontecer prk a maioria dos noxos dirigentes e seus familiares viajam de voo, e aí a indiferença dos mxmox em relação a estes transportadores k dia por dia semeiam luto nas famílias moçambicanas! Domingo às 4:00



Mandela Wilton Lazaro esses autocarros carregam e ultrapassam a lotação exigidas mas os transitos não fazem nada até quando meu país... tamos sofrer pork sera k merecemos isto ? Domingo às 1:34



Norlito Chivinde shiii... triste! quer dizer, não devemos pensar em viajar pois ou chega ao destino ou adia para sempre a circulação do sangue no seu organismo... Domingo às 1:18



Simaalfredo Macombole a superlotação pode ser a causa deste tipo de acidente Domingo às 1:09



Alkhaeda Lou e´inacreditavel, mas de um lado e´ real... até quando essa situação vai prevalecer? Domingo às 0:56



Lucas Chauque Flavio Meu Deus k sera da família ds vítimas? Oh, Senhr! Sábado às 22:36



Vanda Neves Que Deus esteja com as famílias... orações e fe Sábado às 22:26

f **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Fotos da cronologia

Fotos de Jornal @Verdade



CIDADÃO Spy REPORTA:

Esta é a instituição (DIC de Marracuene) responsável pelo documento mais importante de um indivíduo: o Bilhete de Identidade



Miguel Cossa Em Moçambique o regulamento que vigora ainda não consta na constituição. acertar cargos esquecem de honrar a palavra. levam bilhotes que serviriam para envolver no país, fazem mancoes erguem edifícios pr seus fins e o povo e que gemi e ainda preocupa se em eleger quem hoje come carne e deixa ossos pr o povo. xtamos mal moçambique. · 9/8 às 7:58



Mauro Manhica Uma mesa posta para o PR chegava para pagar um edifício mais digno. <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=162371887288208&set=a.101876576671073.1073741827.100005461923035&type=1&theater>



Fotos de Lambe A Bota Lb ... E se engomássemos quem nos "amarrotam"? Por: Lambe A Bota Lb2 · 9/8 às 7:33



Dinis Chirute Valha me Deus... k segurança tem essa casinha??? Acredito k um dia alguém vai encontrar os seus documentos molhados dentro dessa coisinha, se bem k ainda não aconteceu... Sera k temos governo neste país??? Sábado às 0:41



Lirico Poetico isto é rascunho ainda existem muitas instituições precárias em Marracuene1 · 9/8 às 7:25



Rondão Cuacua O dinheiro, chegava a construir um grande Estabelecimento, um sítio muito Hinorme a Segnificar o Estado. Mais onde ficou o resto do Dinheiro, para uma Construção Segnificativo. Sábado às 14:10



Antonio Noronha E não há ninguém que veja que aqui não condições para se fazer seja o que for? Seja aqui neste local onde a foto foi tirada seja no País inteiro... Quem conseguirá trabalhar nestas condições? Num País em que não há serviço de saúde, não falando das nece... Ver mais Sábado às 6:47



Evelize Ferreira Meu Deus, Meu Deus!!!!!!!!!!!!!! Acuda-nos, protege os Moçambicanos, acorda-os, estão dormindo e muito. Até quando? É inadmissível, com 38 anos de independência vemos situações destas ainda em Moçambique.!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! Sábado às 3:55



Marcião Julyo Tbm não é pra menos. O Guebussnes só anda nas nuvens de helicóptero e só vê passaros e aprecia paisagem so. Sábado às 3:45

f **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade · 37.207 gostam disto

8/8 às 12:56

CIDADÃO Nelson REPORTA: AS 10 MARAVILHAS DA CIDADE DE MAPUTO:

- 1) os buracos nas estradas da cidade
 - 2) o lixo acumulado nas ruas e até nas portas dos hotéis
 - 3) o engarrafamento disponível 24h por dia
 - 4) os belos e luxuosos carros que nos dão até o direito a uma varanda para apanhar ar logo pela manhã quando vamos ao Museu
 - 5) o estimado Presidente do Conselho Municipal da Cidade
 - 6) os bandidos que roubam, violam e até engomam a ferro as suas vítimas
 - 7) a (in)competente polícia que "combate o crime 25h/dia, 8 dias/ semana e 13mses/ano" as bibliotecas equipadas vazias nas escolas públicas
 - 9) os passeios e jardins públicos que viram shoppings
 - 10) e enfim, o povo sensível aos discursos dos chefes de estado que passam tempo ralhando nas televisões, acusando o santo povo, de preguiça.
- SERÁ QUE O POVO MOÇAMBICANO É MESMO PORTADOR DA DEFICIÊNCIA DE POBREZA MENTAL ABSOLUTA?**



Enio Jorge Malema me chama d pobre preguiçoso k nas urnas vou lhe mostrar o quão pobre sou caíste ordinário e arrogante egoísta · 8/8 às 13:20



Alfeu Junior Moçambique precisa de menos opinião e de mais exemplos. Exa é a minha opinião. kkk vocês reclamam muito para depois votar o mesmo partido k está a fazer isto com vocês. Urna eletrônica não é vaso sanitário, fazem merdas quando xegarem em casa. · 8/8 às 13:54



Naira Chirindza Até quando vamos parar d sofrer. Deus nos ajuda. irmãos ; irmãs. tios ; tias ; velhos ; crianças ; povo Moçambicano vamos orando cm fé ; vamos fazer propósito cm Deus contra esses malfetores. Deus é capaz d tudo. pork so cm Deus a solução! · 8/8 às 13:27



Toya Mendonca vamos tentar meus irmãos vamos optar por uma mudança vamos no custo tentar vamos dar o nosso voto um outro alguém · 8/8 às 22:43



Rody Chizenga Ishy, bateste bem. Mas, cobardes que somos, quando chegarem as eleições estaremos nas bagageiras promovendo os Gorduchos enquanto vendemos a própria dignidade em troca de camiseta e chapéu... Tsk! A hipfukeni pah. Stand up! · 8/8 às 14:02



Zeca Filipe Passem exes vozes comentário num papel k eu farei chegar ao chefe do estado...tenho certeza k vai servir d papel higiênico pra ele · 9/8 às 0:52



Éder Adilson Um País que o Povo representa prioridade Zero, tanta terra mas p adquirir um simples terreno 15x30 tens de ir ao banco e levar cm juros arrasadores, bolsas de estudo p filhos dos dirigentes apenas, polícia, educação e saúde nem vou comentar, Se este Governo de Patos acha q nos temos a pobreza mental então compatriotas vamos mostra-los quem tem o poder que venham as eleições... · 8/8 às 22:58




Ali Raja Com tanta terra fértil para cultivar e produzir ainda esperamos do Governo que nos dê sei lá o que para avançar na produção da nossa própria comida, o que que já fizemos individualmente para sair da extrema pobreza que vivemos? mesmo mudando do Regime se não tomarmos a consciência de que a pobreza vem-se com o trabalho individual de cada um de nós, nada faremos apenas voltaremos a dizer que este é o pior, perguntem aos Congolezes, Egípcios, Libianos, Iraquianos, Afegãos, Somalianos, Sudaneses e outros povos que se iludiram e precipitaram as mudanças Governativas, o mais triste no meu ponto de vista é o julgo de merecer o devido respeito os comentários dos cibernautas aqui estão atendo generalizar o seu caso particular para todo Moçambique, na verdade existem coisas más e outras muito boas que merecem elogios e daí na minha modesta opinião enquanto prevalecer esta imaturidade política dos outros políticos julgo o melhor continuar a Frelimo e seus candidatos. 8/8 às 21:16 a

 **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

há 17 horas ·


O Presidente da República, Armando Guebuza, disse que os recentes episódios que atormentam os bairros da cidade e província de Maputo não devem ser vistos como um alastramento do crime para proporções descontroláveis, mas sim como uma vaga de agitação. Face a situação, o estadista moçambicano renovou os apelos no sentido de as comunidades manterem-se mais serenas e vigilantes bem como continuar a colaborar com a Polícia da República de Moçambique, que está empenhada em clarificar e resolver esses problemas o mais depressa possível.

<http://www.verdade.co.mz/nacional/3912823>


 **Wilder Fernando Siteo** Sr, se n tenx nada a falar vai ajudar exte menino a fumar. CA-RAMBA





há 17 horas


 **Aderito Conceicao** S o guebaz fumar exe cachimbo vai cntinuar a falar mais merdas. kkkk há 5 horas

 **Wilder Fernando Siteo** Ele tem k fumar pork lúcido so fala bujardax. há 2 horas

 **Ndunay Melo** Parabens Sr. presidente, a única que o sr. conseguiu foi lixar o País. · há 17 horas


 **Osvaldo Agostinho** Parece que o nosso presidente tem problemas serios com relacao a interpretacao de situacoes de instabilidade e desespero do povo, primeiro morreram pessoas em Muxungue "era um teste a unidade Nacional" Agora concidados nossos vivem atormentados por malfeitores " devem manter-se calmas, serenas e isso nao e' nada! Em que pais estamos? · há 17 horas


 **Luis Baptista** Seu Porco de duas pernas. A mesma frelimo que nos mandou a escola, é a mesma que lutaremos a todo o custo para destruí-la.15 · há 17 horas


 **Delson Marques Mocumbi** esse como ja esta no fim do mandato ja nem se importa com o povo...pra ele agora eh do tipo "que se lixem,virem-se a vossa maneira"... · há 17 horas


 **António Bonzela Marx** Seria bom que ele deixa-se o fantoche dele macuacua falar pk ele só fala bujardas · há 17 horas

 **Guguzinho Moiane** Axo k nakela lenga-lenga, ele disse deixe me acompanhar o meu ministro d interior, uk tem lambido mto bem nhas botas! · há 15 horas

 **António Bonzela Marx** Epah,ate q pode ser...e aquela coisa,burros unidos jamais se-
rao vencidoshá 6 horas

 **Gèsio Serpa** é de que planeta esse Senhor???..se todas forças da República estao em Muxumgué à brincarem de tiro teio,sem necessidade,,pena pk n há como lhe encontrarem para engomarem,pois adoraria o que ele diria., Sr Armando Comilho Queabuza...é uma pena ter este senhor como estadista. · há 17 horas

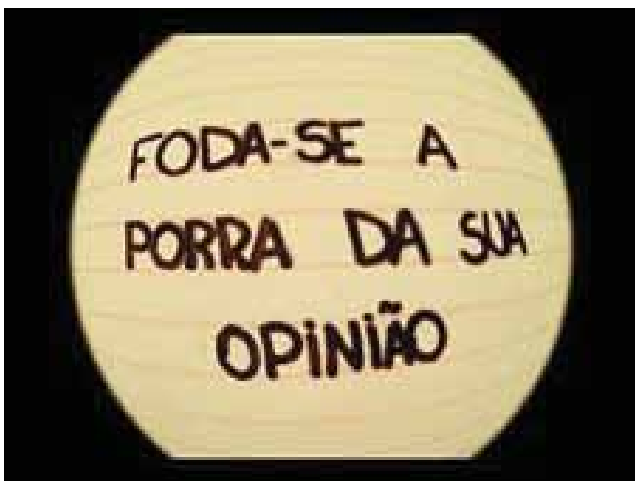
 **Fred Joaquim** Vai a merda ese xtupido. · há 17 horas

 **Ariel Sonto** Pensei que ia dizer que os bandidos estão a fazer um teste à unidade nos bairros.7 · há 17 horas · Editado

 **Aderito Conceicao** Lol, n aguentei cm exa ate peidei d tanto rir. · há 5 horas


 **Faira Anagy** esse&#&&@# sempre axar td normal...tsccc6 · há 17 horas

 **Delson Marques Mocumbi** Otario...




· há 16 horas


 **Osvaldo Francisco** ya estou a render estes governantes ultimanente exageram na doze quando querem dar entrevista sabe!!! nao è normal isso.... · há 17 horas


 **Timova Capunzene Mofate** Não sabe o que lhe espera no final do jogo kikikikiki





· há 9 horas


 **Moreno Abdul Praghji Muze** Nos outros Países o povo pedi os ex-chefes d Estado que dirigiram o Pais da melhor forma para voltarem ao comando...Será que em Moçambique,o povo todo unido nao pode fazer isso?3 · há 16 horas


 **Guguzinho Moiane** Moçambicanos só se uniram uma vez pra expulsar os portugueses! D la pra chamam xe matchanganas, manhembanes, xicondos etc... · há 15 horas


 **Camilo Simao Munguambe** Esse guebuzinho e o tal Mondlhane sempre k saiem na tv nas entrevistas,tao a rir por mais k seja algo alarmante d interesse d todos nos... Parece k ta se tratar das amantes deles.! Nem sei pork o guebusiness anda a fazer o quê? Deixar d ir falar com Dlhakama para apanhar a lição..! Presidência aberta d merda..!3 · há 7 horas


 **Jose Alexandre Faia** Perdoai lhés SENHOR , porque nao sabem o que dizem ...2 · há 12 horas

 **Gabriel Siteo** combate a pobreza absoluta mandando a G20 lixar todo disgraxado. Bela maneira q encontrou, final d ano balanxo do xtado da naxao"bom..., combatemos a pobreza abroluta" .2 · há 16 horas


 **Aluisio Armando Mauaie** É melhor resolver logo porque mesmo as Escolas encerram cedo o curso nocturno. Final de ano lectivo vai ser um desastre mamanoooooooouuu. · há 17 horas


 **Baltazar Coimbra Jr.** ja rendi eu e o elenco de Guebuza ate parece que vivemos em países diferente. · há 17 horas


 **Momade Braimo** na boca desse sr. so sai bujarda3 · há 17 horas


 **Bi De Fernandes** Muito bem sr presidente.... Sabias palavras... · há 17 horas

 **Job Cuna Domingos** Aqui em Moçambique fala-se da Lei e Democracia, mas favorecem os dirigentes2 · há 15 horas


 **Jose Verniz Timoteo** hehehehehe tambem nem,agora tudo de errado que acontece é o presidente.tv nao sai bem=é o presidente, cerveja entra em promocao 3 a 100=é o presidente, mambas descem no ranking da fifa=é o presidente, pessoas no sao damasio sao assaltadas engomadas e algo mais=é o presidente.crianca perdeu um dente na escola=é o presidente,fipag alastra seus servicos de abastecimento de agua pa cidade=ninguem disse que foi o presidente,gas daqui a nada vai chegar as nossas casas facilmente=ninguem se lembrou do presidente, a assembleia da republica aprovou o estatuto do medico=idem,o presidente foi esquecido.hehelele, voces so se lembram que tem um presidente quando as coisas andam mal.comon people.nos tambem exageramos pa · há 15 horas

 **Inocencia Langa Djenina** Voce d certza dev ser um frelimista pork uma coisa ã tem nada a ver cm a outra...se ele facilita a canalização d gás é bolso dele k vai encher por iss ã pens k ele pnsou n bem estar d populaç...É feio olharm apenas pa os vossos umbigos irmão,acorde,tard ou cedo voce fará part dest populaç k esta sentind na pele a arôgancia ds seus dirigentes.1 · há 7 horas

 **RB Manhiça** José vai dormir,,,,,,,,,,,,,1 · há 6 horas


 **Guguzinho Moiane** José acordo e procure informar xe mj sobre actual situação governamental d moz, o país nao têm lideres e né dirigentes. O país ta sendo controlado por "CHEFES" e o chefe não ajuda n crescimento dx seus liderados, pois, teme k exes cresxam mais d k ele, razao pela qual o actual ensino é um desastre. O chefe é egoista, o chefe enxerga o hje e ignora o amanhã, o gás vai xegar dentro e breve, ja parou p penxar quanto custará, a energia é noxa mj consumimos menos e pagamos 3vezes mais d'k quando tava sendo cntrolada pelos portugueses. O seu Chefe do estado vê em cada negociaxao uma comissão de 5%.... E man vá ler bem o estatuto dos médicos aprovado na Assembleia da república! Deixa te de lambe-botismo meu caro e exige melhores condições pork todos somos filho d'uma nação só! A sua tese é o mesmo que dizer que o Obama é o nobel da paz! Acorda...há 5 horas


 **Sally Custodio Maceira** K tristeza Pr xs sera' mlhr n falar e fkar caladinho... · há 16 horas


 **Sekene Marrengula** Isso é o mesmo que dizer que estão a reclamar de barriga cheia e que vão ao raio que vos... · há 16 horas

 **Ana Maria Salvador Mavie** Que fazer ? Tudo o que tem principio tem fim. · há 16 horas


 **Gildo Hermenegildo Hermenegildo** Guebuza é o comandate dos G-20. · há 17 horas


 **Herminio Madime** simceramente pha eu nem sei o que dizer a este senhor é uma vergonha. Nao era de se esperar · há 17 horas


 **Andre Lobo Negro** Pexo a g20 k atake agora os governantes · há 17 horas


 **Demiterio Pereira** Que palavroes pateticas dum pais independente e dizem k estamos em paz,como se nao bastasse.Eu queria ver ele naqueles bairros e sem seguranxas.Pelo menos das 18hrs ate as 4hrs do dia seguinte.Acredito k vira mudra o seu discurso ignorante....há 8 hora s

 **Tomas Pedro Carvalho** Enquanto n agitar pv para ele é tudo normalhá 4 horas

 **Fernanda Mandane** E melhor nao falar mais nada sr, porque o sr não colaborou em nada se não nos arruinar, aproveite bastante teus últimos dias, tu só podes ser endemoniado ou azarado há 6 horas

 **Filipe Saticola** Hoje to sem comentarios. Pois to bem chateado cm a morte d inocents dsd muxungue ate os bairros da cidade e provincia de Maputo. O povo paga imposto e faz patrulha d novo. K pena dste povo sofredor!há 6 horas

 **Abrao Caetano** mampara de merda que ja gastou os tecidos dos tomates de tanto cos-sar, nao venha com teus discursos moribundos aqui..... morte e tortura de gente inocente e' agitacao? seu mampara2 · há 7 horas

 **Luís Mário** Como colaborar,se nao e' crime e' agitacao e onde esta essa policia? Eu nunca vi nem pelo menos a sombra dessa policia onde eu estou! Se nao tens palavra e' melhor manter o seu bico fechado alem de fazer HAAAA, HAAAA, HAAAA como PATO!??1 · há 8 horas